

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CLARA NOGUEIRA BISCARO TEIXEIRA

A POLÍTICA EXTERNA DO VATICANO E O CONFLITO ISRAEL-  
PALESTINA: UM ESTUDO SOBRE AS POLÍTICAS DE PIO XII ATÉ  
FRANCISCO

UBERLÂNDIA

2024

CLARA NOGUEIRA BISCARO TEIXEIRA

A POLÍTICA EXTERNA DO VATICANO E O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA: UM  
ESTUDO SOBRE AS POLÍTICAS DE PIO XII ATÉ FRANCISCO

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Economia e Relações Internacionais da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de  
mestre em Relações Internacionais

Área de concentração: Política Externa e  
Instituições Internacionais

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Sandra Aparecida Cardozo

Coorientadora: Dr.<sup>a</sup> Anna Carletti

UBERLÂNDIA

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

T266 2024	<p>Teixeira, Clara Nogueira Biscaro, 1998- A Política Externa do Vaticano e o Conflito Israel-Palestina [recurso eletrônico] : um estudo sobre as políticas de Pio XII até Francisco / Clara Nogueira Biscaro Teixeira. - 2024.</p> <p>Orientadora: Sandra Aparecida Cardozo. Coorientadora: Anna Carletti. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Relações Internacionais. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.391">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.391</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Relações Internacionais. I. Cardozo, Sandra Aparecida, 1972-, (Orient.). II. Carletti, Anna, 1966-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Relações Internacionais. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 327</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele

Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1J - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4595 - www.ppgri.ie.ufu.br - secppgri@ufu.br



## ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Relações Internacionais - PPGRI				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 91, PPGRI				
Data:	04 de julho de 2024	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	12212RIT001				
Nome do Discente:	Clara Nogueira Biscaro Teixeira				
Título do Trabalho:	A Política Externa do Vaticano e o Conflito Israel-Palestina: um estudo descritivo de Pio XII até Francisco				
Área de concentração:	Política Internacional				
Linha de pesquisa:	Política Externa e Instituições Internacionais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Política Internacional e Potências Regionais				

Reuniu-se por meio de tecnologia de webconferência do Instituto de Economia e Relações Internacionais, em sessão pública, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, assim composta: Professores(as) Doutores(as): Anna Carletti - UNIPAMPA; Wellington Santos Ramos - IFSP; Sandra Aparecida Cardozo - IERI/UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sandra Aparecida Cardozo - IERI/UFU, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovada**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora. A Banca examinadora solicitou registro que recomendam a publicação do trabalho.



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Aparecida Cardozo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/07/2024, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anna Carletti, Usuário Externo**, em 05/07/2024, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wellington Santos Ramos, Usuário Externo**, em 10/07/2024, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5475612** e o código CRC **438529E7**.

**Referência:** Processo nº 23117.039955/2024-21

SEI nº 5475612

Aos meus pais, às minhas irmãs e à minha avó,  
que me ensinaram tudo que sei sobre dedicação e sobre o amor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, não só formada por pessoa inspiradoras, mas que nunca hesitaram em prestar apoio, em me impulsionar e em serem honestos.

Aos verdadeiros amigos que estiveram ao meu lado neste processo e que seguraram minha mão em meio à escuridão.

À minha psicóloga, Daniela, cujo aprendizado proporcionado me tornou uma aluna e uma pessoa melhor.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, formado por profissionais e pessoas maravilhosas.

À minha orientadora e coorientadora, por todo o apoio e por todo o conhecimento que me proporcionaram nesta jornada, e pela inspiração por serem mulheres tão presentes na academia brasileira de Relações Internacionais. Vocês me permitiram a sonhar mais alto.

Por fim, agradeço à espiritualidade por toda a orientação e carinho, tão presentes em todos os momentos.

“O mal prospera na apatia e não pode existir sem ela”

Hannah Arendt



## RESUMO

O presente trabalho visa analisar a política externa do Vaticano em relação ao conflito Israel-Palestina e realizar um estudo analítico sobre as ações desde o pontificado de Pio XII (1939 – 1958) até Francisco (2013 – atualmente), passando por João XXIII (1958 – 1963), Paulo VI (1963 – 1978), João Paulo II (1978 – 2005) e Bento XVI (2005 – 2013). O estudo é feito com base em análise documental visando os documentos e pronunciamentos oficiais dos Estados estudados e organizações multilaterais, além de bibliografia específica sobre a temática e os demais assuntos que a cerca, junto da abordagem construtivista das Relações Internacionais como base para estabelecer quais foram os fatores que levaram a mudanças tão evidentes de posicionamentos, uma vez que Pio XII é conhecido pela sua omissão pública em relação aos judeus e à formação do Estado de Israel e Francisco está inserido em um contexto no qual há relações bilaterais formais com Israel e Palestina, bem como o reconhecimento destes enquanto Estados. Preliminarmente, é visto que há, de fato, mudanças na condução de política externa e os fatores que são destacados para tais se iniciam por meio da ruptura no papado de João XXIII e a convocação do Concílio Vaticano II, e a partir deste, a adoção dos demais papas de um modelo de política externa que fora marcado pela abertura às demais religiões não-cristãs, o que passou a permear as relações bilaterais entre Israel e Vaticano, e, concomitantemente, com a Palestina.

Palavras-chave: Vaticano, Santa Sé, Israel, Palestina, Pio XII, Francisco, política externa, construtivismo.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the Vatican's foreign policy regarding the Israel-Palestine conflict and to conduct a descriptive study on the actions taken from the pontificate of Pius XII (1939 – 1958) to Francis (2013 – present), including John XXIII (1958 – 1963), Paul VI (1963 – 1978), John Paul II (1978 – 2005), and Benedict XVI (2005 – 2013). The study is based on documentary analysis, focusing on the official documents and statements of the studied states and multilateral organizations, as well as specific bibliography on the subject and related issues. Additionally, it employs the constructivist approach of International Relations to establish the factors that led to such evident changes in positions, given that Pius XII is known for his public omission regarding the Jews and the formation of the State of Israel, while Francis operates within a context of formal bilateral relations with both Israel and Palestine, as well as the recognition of these as States. Preliminarily, it is observed that there are indeed changes in the conduct of foreign policy, and the factors highlighted for such changes begin with the break during the papacy of John XXIII and the convening of the Second Vatican Council. From this point on, subsequent popes adopted a model of foreign policy characterized by openness to other non-Christian religions, which began to permeate bilateral relations between Israel and the Vatican, and concurrently, with Palestine.

Keywords: Vatican, Holy See, Israel, Palestine, Pius XII, Francis, foreign policy, constructivism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A POLÍTICA EXTERNA DA SANTA SÉ SOB A LUZ DO CONSTRUTIVISMO .....	18
1.1. O CONSTRUTIVISMO E O ESTUDO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS .....	23
1.2. A LEGITIMIZAÇÃO DOS ESTADOS PELO VATICANO: O CAMINHO PARA O RECONHECIMENTO DE ISRAEL E PALESTINA.....	26
2. A POLÍTICA EXTERNA PONTIFÍCIA DE 1939 ATÉ 2005: DA REJEIÇÃO DE PIO XII AO RECONHECIMENTO DE ISRAEL POR JOÃO PAULO II.....	34
2.1. O PAPADO DE PIO XII NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS CONTROVÉRSIAS .....	41
2.2. O INÍCIO DA GUERRA FRIA E A FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL.....	47
2.3. O CONCÍLIO VATICANO II E A TRANSIÇÃO DA IGREJA PARA A MODERNIDADE .....	57
3. A POLÍTICA EXTERNA DO VATICANO DE JOÃO PAULO II até francisco SOBRE O CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE: NOVAS POSTURAS E O RECONHECIMENTO DOS ESTADOS .....	70
3.1. A POLÍTICA EXTERNA DO VATICANO SOBRE A GUERRA ISRAEL PALESTINA NA ATUALIDADE: A ELEIÇÃO DE FRANCISCO E OS RECENTES DESDOBRAMENTOS DO CONFLITO.....	91
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS .....	101
APÊNDICE A – CRONOLOGIA SOBRE OS EVENTOS NA REGIÃO DAS TERRAS SANTAS.....	116

## INTRODUÇÃO

O Vaticano, como sede da Igreja Católica e um enclave independente no coração de Roma, desempenha um papel único no cenário internacional e tem como órgão governante a Santa Sé, que não apenas exerce influência religiosa, mas também se envolve em questões diplomáticas e políticas enquanto autoridade moral. Esta se fundamenta em sua posição como líder espiritual da Igreja Católica, abrangendo uma tradição centenária de ensinamentos, bem como sua advocacia pelos direitos humanos e justiça social. Sua atuação diplomática em busca da paz e mediação em conflitos também reforça sua credibilidade moral. A ênfase na caridade, a ligação com a fé e a moral cristã, e sua presença global consolidam sua influência ética em questões mundiais. Com base nesses pilares, a Santa Sé exerce uma presença significativa no diálogo sobre valores e princípios universais, tendo como principal ferramenta de política externa, a diplomacia pontifícia, frequentemente direcionada à neutralidade.

Em relação aos mecanismos desta diplomacia, o reconhecimento formal de Estados internacionalmente é um processo crucial no âmbito das relações internacionais. Esse reconhecimento ocorre quando um país reconhece a existência e a legitimidade de outro como entidade soberana e independente. Geralmente, é resultado de avaliações políticas, jurídicas e diplomáticas, levando em consideração a estabilidade do governo, a população, o território e a capacidade de manter vínculos internacionais. O reconhecimento formal é um passo fundamental para estabelecer laços diplomáticos, comerciais e de cooperação entre nações. A questão do reconhecimento internacional não só foi importante para a sustentação do Vaticano como Estado, como também conduz ao objeto de estudo da política pontifícia nesta dissertação, em relação ao conflito Israel-Palestina e ao reconhecimento destes respectivos Estados.

Dessa forma, ao considerar que o reconhecimento de Estado é a principal ferramenta do Vaticano para a construção de vínculos internacionais, esta dissertação possui o objetivo de compreender quais foram os fatores propulsores que levaram às mudanças de posicionamentos entre Pio XII – vigente entre 1939 até 1958 – e o atual papa Francisco. Durante seu pontificado, Pio XII não reconhece o Estado de Israel em sua fundação no ano de 1948 e que vivenciou a eclosão do conflito Israel-Palestina, em contraste com a figura de Francisco, o qual reconhece a Autoridade Palestina como legítima e já reconhece Israel como Estado. Para tal, a pesquisa dará maior ênfase ao papado de Pio XII, entre 1939 até 1958; de João Paulo II, pontífice entre 1978 e 2005; e de Francisco, iniciado em 2013. Conseqüentemente, serão discutidos de maneira

mais breve os pontificados de João XXIII, Paulo VI, e Bento XVI em relação ao conflito Israel-Palestina.

No ano de 1948, o Vaticano passava por um período conturbado logo após a Segunda Grande Guerra e, considerando a natureza do momento, não houve tomada pública de posicionamento em relação ao reconhecimento internacional do Estado israelense após sua fundação. As relações bilaterais com Israel e a Autoridade Palestina se deram, respectivamente, em dezembro de 1993 e em 2015, por meio de acordos oficiais e troca de agentes diplomáticos. Dessa maneira, esta pesquisa busca investigar o que, de fato, promoveu as alterações nas políticas externas dos papas mencionados em relação à guerra árabe-israelense no que diz respeito ao reconhecimento do Estado de Israel em 1993 por João Paulo II e da Autoridade Palestina em 2015 por Francisco.

A hipótese central desta dissertação propõe que as mudanças abruptas nos posicionamentos dos papas no contexto após a Segunda Guerra Mundial foram fruto de uma ruptura progressiva na forma que os papas vigentes entre 1939 até atualmente, conduziram suas respectivas políticas externas. Esta ruptura se iniciou com João XXIII e a convocação do Concílio Vaticano II, quebrando com o que outrora era defendido por Pio XII, e assim nasceu uma nova fase da política externa vaticana que buscava priorizar o diálogo e abertura para o mundo moderno. Os sucessores de João XXIII seguiram este legado, naturalmente com suas particularidades, mas sempre considerando esta nova identidade construída por meio da introdução de novos conceitos, como abertura religiosa e distensão internacional. Para tal, a abordagem construtivista das relações internacionais fora selecionada para estudar estes fenômenos.

A pesquisa se propõe a investigar como as ideias, as normas e as identidades, centrais para a abordagem construtivista, desempenharam um papel significativo na transformação dos discursos e das políticas adotadas pelos líderes da Igreja Católica durante esse período. A análise se concentrará em eventos e questões-chave que marcaram as diferentes gestões papais, examinando como as mudanças nas circunstâncias históricas e culturais influenciaram a forma como a Igreja interpretou e respondeu a desafios contemporâneos. Ao adotar essa perspectiva construtivista, a pesquisa busca contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas que moldaram as relações da Igreja Católica com o contexto global no pós-guerra e as implicações dessas mudanças para as relações internacionais.

Quando se trata do conflito em si, a Santa Sé tem expressado sua preocupação com a situação, em especial para com a questão das Terras Santas, defendendo uma solução negociada

e pacífica que respeite os direitos e aspirações de ambos os povos, além do acesso às locais sagrados para as três principais religiões abraâmicas. Seu papel como mediador moral e diplomático frequentemente a coloca em uma posição de busca pela estabilidade e harmonia global, o que engloba as tensões médio-orientais.

Neste contexto, os papas vigentes entre Pio XII e Francisco foram selecionados partindo do princípio de que Pio XII manteve alta discrição no que diz respeito aos horrores da Segunda Guerra Mundial, inclusive ao Holocausto e ao grande número de judeus deslocados, além de seu papado ter trazido consigo a herança antissemita de Pio X que se recusou a reconhecer o povo judeu pois estes não reconheciam a figura de Jesus como os cristãos; além do acordo com o Reich alemão feito por Pio XI e conduzido pelo próprio Eugenio Pacelli, futuro Pio XII. Tais aspectos serão colocados em perspectiva em relação aos papados seguintes que, por meio da figura de João XXIII, levaram adiante uma política externa de maior abertura às demais religiões após o Concílio Vaticano II, e culminam, atualmente, na figura de Francisco, não só iniciado após o estabelecimento formal de relações com Israel, como realiza o reconhecimento formal da Autoridade Palestina.

Para tal, a metodologia selecionada é a de análise documental aliada à revisão bibliográfica de autores reconhecidos na área, tanto em relação à política externa do Vaticano, quanto à questão conflituosa entre Israel e Palestina. No que tange informações oficiais relacionadas aos papados selecionados, serão utilizados os documentos emitidos publicamente, e virtualmente, pela plataforma online do Estado do Vaticano<sup>1</sup> sobre cada Papa selecionado para esta pesquisa, os posicionamentos individuais de cada papado serão considerados dentro do escopo do conflito Israel-Palestina, além de relatórios de sínodos, conferências, acordos internacionais e bilaterais, entre outros documentos relevantes para a pesquisa. Ademais, acordos formais envolvendo os demais agentes, documentos publicados e relatórios de organizações serão utilizados para evidenciar eventos e posicionamentos, o que caracteriza a pesquisa como histórica exploratória através de análise documental e bibliográfica.

A bibliografia selecionada é composta por livros, artigos científicos, trabalhos de pós-graduação e fontes jornalísticas respaldadas, principalmente em relação aos conceitos que compõem o escopo teórico do papel da religião nas Relações Internacionais e na conjectura construtivista. Fontes de caráter teológico serão consideradas apenas no que tange aspectos

---

<sup>1</sup> Todos os documentos oficiais do Vaticano estão disponíveis na plataforma *online* (<https://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>).

políticos, uma vez que este não é um estudo religioso, e sim, sobre a religião nas Relações Internacionais.

Dentro do estudo da religião como agente propulsor de ações no sistema internacional, é necessário considerar que há entidades além do Estado dentro da dinâmica das relações internacionais e, neste sentido, questões abstratas como ideologias, culturas, informações e afins, perpassam as fronteiras dos Estados. É válido salientar, novamente, que o paradigma em questão não é de cunho teológico, e sim de análise dentro do escopo das relações internacionais, e assim não serão estudadas as especificidades do catolicismo, mas como este influencia a política mundial por ser fruto da ação humana e, que eventualmente, deu origem a um Estado sujeito de direito internacional (FOX, SANDAL, 2013).

Neste contexto, os autores Fox e Sandal (2013) entendem que a religião é parte das forças sociopolíticas responsáveis por influenciar o ser humano e seu comportamento, além de outros atores inseridos no contexto internacional e, dessa forma, exerce seu peso sobre a política global. O conceito de secularismo desponta neste cenário ao negar princípios religiosos no âmbito público que possam se manifestar tanto de forma a crer que, se há envolvimento da religião na esfera pública, esse envolvimento precisa ser pavimentado por todas as religiões, ou de forma a negar completamente qualquer interferência de ideias religiosas, esta negação seria o laicismo.

Os autores propõem que, para compreender a forma que a religião interage com as relações internacionais, é necessário considerar: legitimidade religiosa, visões de mundo religiosas, Estados religiosos, agentes não-estatais religiosos, movimentos religiosos transnacionais (incluindo fundamentalismo religioso), problemas transnacionais que se relacionam com pautas religiosas (a exemplo de lugares sagrados, direitos humanos, pesquisa sobre células-tronco), e identidade religiosa. Ao tratar do peso religioso na condução da política internacional, é importante considerar agentes estatais, que por sua vez acatam a religião como parte de sua identidade e ideologia nacional, e não-estatais, como instituições, indivíduos e grupos transnacionais, tendo base religiosa ou não, uma vez que são influenciados por estes ideais que, ainda que moderados, são diretamente derivados de ideais religiosos que influenciam suas pautas.

Assim, Fox e Sandal (2013) englobam as seguintes premissas: a religião é, de fato, uma das forças não-estatais que exercem influência sobre o comportamento dos atores dentro das relações internacionais e, considerando este fundamento, a religião pode ser uma força de

legitimação na atualidade, sob a forma de persuasão especialmente, ao associar valores morais de cidadania com premissas religiosas; visto em vários momentos da política externa americana, por exemplo (FOX, SANDAL, 2013, p. 15). Esta influência é sentida de forma relativa, pois a religião pode exercer maior ou menor peso sobre um país cujos valores religiosos sejam, ou não, significativos ou até mesmo baseados em premissas religiosas.

Dessa forma, de acordo com Barbato (2020), a criação do Estado nacional como uma entidade secular foi crucial para o arrefecimento da presença da Santa Sé dentro do sistema internacional, uma vez que já que a religião é uma força não-estatal que influencia os Estados em suas políticas, a depender das crenças ali consideradas pelo governo e população, amenizou o peso da figura do papa, mas esta nunca foi, de fato, anulada da política internacional. Esta afirmação se evidencia na forma da cessão do território do Estado do Vaticano durante o papado de Pio XI no dia 11 de fevereiro de 1929 por meio do Tratado de Latrão, firmado entre Benito Mussolini, então líder autoritário fascista do Estado italiano, e o Secretário de Estado do Papa, Cardeal Pietro Gasparri (CARLETTI, 2012).

No entanto, este evento foi o surgimento do Estado do Vaticano, e não da Santa Sé que, apesar de serem tratados como similares nesta pesquisa – ao considerarmos que as análises partiram de documentos e eventos históricos posteriores ao Tratado de Latrão –, não se trata da mesma entidade. O Vaticano, ou o Estado da Cidade do Vaticano, é um país, o menor do mundo, que abriga consigo a Santa Sé, que já era vista como sujeito internacional até a Paz de Westfália em 1648, inclusive reconhecida como uma das diplomacias mais antigas do mundo. Esta, por sua vez, se enquadra como todo o aparato administrativo que compõe o Vaticano e, portanto, se encontra acima deste. O território seria apenas uma manifestação física formalizada da Sé Apostólica, com a figura do Chefe de Estado concentrada no Papa, sob um regime monárquico e sua figura detém os três poderes, além de representar a liderança da Igreja Católica (CARLETTI, 2012). A Santa Sé não detém capacidade econômica ou militar suficiente para influenciar a política mundial como as demais potências mundiais, porém isto não a torna menos presente ou menos relevante no âmbito diplomático. A política externa do Vaticano é inteiramente fundamentada no *soft power*, ou seja, em mecanismos de persuasão e não de coerção. Quando a coerção é utilizada politicamente, é para comandar outros a fazerem sua vontade e, em contrapartida, a persuasão prioriza a concordância e despertar a vontade de outros a fazerem o mesmo (MATLARY, 2001).



Atualmente, há poucas análises brasileiras<sup>2</sup> que tenham tratado sobre a temática de forma exclusiva, ou seja, não considerando demais atores e acontecimentos, tornando estrangeira a maioria das fontes utilizadas neste estudo e grande parte não está incluída oficialmente no campo das Relações Internacionais. Portanto, a construção desta pesquisa tem a finalidade de aumentar a presença da academia brasileira de Relações Internacionais em temas que não ganham protagonismo atualmente, mas que possuem sua importância dada a natureza ímpar da política externa da Santa Sé e em especial como esta se apresenta em relação a conflitos que abarcam uma base ideológica religiosa, principalmente em questões de território, como a jurisdição de Jerusalém. Dessa forma, esta pesquisa busca agregar nos estudos brasileiros sobre o Vaticano e a Santa Sé, com enfoque em sua relação com países e conflitos no Oriente Médio, no caso, o conflito Israel-Palestina e as circunstâncias que o cercam, incluindo o alinhamento do Vaticano com organizações internacionais e outros países que definem o eixo de poder mundial.

Ao decorrer da pesquisa, procurar-se-á responder quais foram os fatores que levaram a mudança de posicionamento entre os Papas selecionados e se foram as mudanças ideológicas nas políticas destes que levaram a uma postura a favor do reconhecimento dos dois Estados, Israel e Palestina, considerando que o Papa Francisco direciona sua política para questões do Terceiro Mundo e das minorias, diferentemente dos demais. Ademais, há, inserida na análise, a questão da mudança na forma que a política externa pontifícia ocorre em comparação aos contextos históricos dos papados analisados.

A abordagem utilizada dá enfoque à natureza única da diplomacia pontifícia, colocada em prática pelos Núncios Apostólicos com ações permeadas por ideais de cooperação, pacificidade e de viés espiritual. A Santa Sé, por pregar a paz com base na pauta espiritualizada presente no catolicismo, por vezes se expressa em fóruns internacionais e por meio de organizações mundiais, portanto, os posicionamentos expressados nestes cenários também serão analisados.

Desta maneira, procura-se dividir esta pesquisa da seguinte forma: a princípio, definir e explicar o funcionamento da máquina estatal vaticana e como ocorre o processo de execução da política externa em um contexto ímpar, que representa a Igreja Católica, mas mantém o *status* de sujeito de direito internacional sob as lentes da abordagem construtivista com a finalidade de entender a construção da identidade do Vaticano como ator internacional e Estado.

---

<sup>2</sup> A exemplo destas análises de política externa vaticana, há o livro de Anna Carletti (2012), crucial para a consolidação do tema dentro da academia brasileira de Relações Internacionais.

Em seguida, no segundo capítulo, contextualizar e dissertar, dentro do cenário do conflito Israel-Palestina, como este se deu no papado de Pio XII e seus desdobramentos, como a criação do Estado de Israel, e, feito isso, adentrar nas mudanças vistas a partir do papado de João XXIII, Paulo VI até João Paulo II, responsável pelo reconhecimento formal do Estado de Israel. Em seguida, atualizar a mesma pauta dentro dos papados de Bento XVI e Francisco, considerando o reconhecimento do Estado da Palestina e da jurisdição das Terras Santas, além do uso de novas ferramentas para expressão da diplomacia vaticana, como as redes sociais.

## **1. A POLÍTICA EXTERNA DA SANTA SÉ SOB A LUZ DO CONSTRUTIVISMO**

Em termos da execução da política externa, esta pode ser feita de forma bilateral pelos Núncios<sup>3</sup> ou Delegados, como figuras equivalentes aos diplomatas, e pelas visitas *in loco* realizadas pelo Papa e demais chefes de Estado e de governo; e de forma multilateral em fóruns internacionais, organizações que classificam o Vaticano como Estado-observador, lembrando que o país nunca é inserido como Estado-membro. Troy (2018) afirma que a função dos Núncios seria uma espécie de extensão do papel do Papa enquanto agentes diplomáticos da Santa Sé, detentora de uma diplomacia altamente institucionalizada e híbrida, uma vez que une princípios religiosos católicos à diplomacia convencional, além de manter relações diplomáticas com quase todos os países do mundo. Troy (2018, p. 529, tradução nossa) afirma: “Os objetivos dos diplomatas da Santa Sé são servir e representar os interesses da Igreja, manter ou estabelecer a paz entre nações e fortalecer estruturas internacionais e supranacionais.”.

A Santa Sé conduz a sua política externa de forma a incluir os ideais espirituais de salvação junto das normas e regras que regem a política internacional, e une teologia à diplomacia em sua prática, regulada pelo Código de Direito Canônico. Em termos de organização burocrática, conduzidas pelo aparato institucional da Cúria Romana<sup>4</sup>, as relações exteriores do Vaticano estão submetidas à Secretaria de Estado da Santa Sé enquanto órgão principal, e à Secretaria de Relações com Estados. Em 2017, Papa Francisco incluiu uma terceira seção intitulada Secretaria dos Estados, voltada inteiramente ao trabalho dos Núncios. Desde 1701, por meio do Papa Clemente XI, a *Pontificia Accademia Ecclesiastica* tem a função de profissionalizar

---

<sup>3</sup> Assim como os Núncios são vistos como diplomatas, as Nunciaturas são equivalentes a embaixadas (TROY, 2018, p. 527).

<sup>4</sup> De acordo com a [plataforma online do Vaticano sobre a Cúria Romana](#), esta hoje engloba as seguintes repartições: Secretaria de Estado; Dicastério para a Evangelização; Dicastério para a Doutrina da Fé; Dicastério para o Serviço da Caridade; Dicastério para as Igrejas Orientais; Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; Dicastério das Causas dos Santos; Dicastério para os Bispos; Dicastério para o Clero; Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida; Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos; Dicastério para o Diálogo Inter-religioso; Dicastério para a Cultura e a Educação; Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral; Dicastério para os Textos Legislativos; Dicastério para Comunicação; Penitenciária Apostólica, Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica; Tribunal da Rota Romana; Conselho para a Economia; Secretaria para a Economia; Administração do Patrimônio da Sé Apostólica, Departamento do Auditor Geral; Prefeitura da Casa Pontifícia; Apartamento das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice; Camerlengo da Santa Igreja Romana; Pontificia Comissão para Tutela dos Menores; Pontificia Comissão Bíblica; Pontificia Comissão Teológica Internacional; Pontificia Comissão de Arqueologia Sacra; Pontificia Academia das Ciências; Pontificia Academia das Ciências Sociais; Pontificia Academia para a Vida; Pontificia Insigne Academia de Belas Artes e Letras dos Virtuosos do Pantheon; Pontificia Academia Romana de Arqueologia; Pontificia Academia Teológica; Pontificio Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais; Pontificio Comitê das Ciências Históricas; Guarda Suíça Pontifícia; Avepro; Autoridade de Supervisão e Informação Financeira; Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém; Arquivo Histórico da Seção para as Relações com os Estados; Pontificia Academia S. Tomás de Aquino; Pontificia Academia Mariana Internacional; Pontificia Academia Cultorum Martyrim; Pontificia Academia Latinitatis; Pontificia Academia Eclesiástica; Comissão Pontifícia para a América Latina; Fundação Centesimus Annus Pro Pontifice; Departamento do Trabalho da Sé Apostólica; Fundo de Assistência à Saúde; Óbolo de São Pedro e Rede Mundial de Oração do Papa.

aqueles envolvidos na diplomacia do Vaticano, de oficiais da Igreja até os próprios Papas (TROY, 2018).

Para Matlary (2001, p. 2), a Santa Sé atua principalmente em resoluções de conflito e manutenção da paz por meio do conceito de *just peace*, descrito como:

[...] uma paz que permeia toda a sociedade, fundamentada em uma distribuição justa de bens, uma vida civil justa onde os direitos humanos são respeitados, e um processo de justiça para revelar a verdade sobre atrocidades que ocorreram. (MATLARY, 2001, p. 2, tradução nossa)

Estes fatores tornam a política externa pontificia singular no sistema internacional por sempre se ater a um viés moral e ético. Apesar disso, o Vaticano ainda é um Estado e mesmo se aderindo aos ideais “justos” da Igreja Católica, procura priorizar seus interesses na arena internacional, não estando alheio aos princípios da *Realpolitik*, em especial quando sua principal vantagem é não depender de qualquer outro Estado. Um aspecto da política internacional que garante certa vantagem em relação à Santa Sé é a pauta de reconhecimento de outros Estados enquanto legítimos, muitos Estados buscam o reconhecimento formal da Santa Sé, ainda que esta não tenha qualquer tipo de recurso ofensivo perante outros Estados (MATLARY, 2001).

Na prática, a diplomacia pontificia é direcionada a mediações, incentivo ao diálogo aberto e a negociações pacíficas. Um exemplo desta seria as ações de João XXIII mediante à Revolução Cubana ocorrida em 1959, quando, apesar de ter sido estimulado a romper laços diplomáticos com Cuba e excomungar Fidel Castro pela afiliação com o comunismo, historicamente condenado pela Santa Sé, optou por receber e enviar agentes diplomáticos, bem como reconhecer a Revolução Cubana como legítima, desde que a justiça social fosse priorizada e não a instauração de um governo totalitário (HOLBROCK, 2010). A abordagem pacífica deste papa se estendeu para a Crise dos Mísseis entre os Estados Unidos e a União Soviética em outubro de 1962, na qual se comunicou diretamente com os líderes de cada potência, propondo iniciativas de armistício e retirada dos navios em prol da paz mundial, além de realizar discursos como forma de disseminar este princípio pacífico, eventualmente a crise se arrefeceu e o papel de João XXIII incentivou a resolução do quase conflito (CARLETTI, 2012). O papa afirma em seu discurso<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> JOÃO XXIII. **Discurso do Papa João XXIII Missões Diplomáticas Extraordinárias**. A Santa Sé, 1962. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621012\\_missioni-straordinarie.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621012_missioni-straordinarie.html)> Acesso em: 10 de março de 2023

[...] Devemos, de fato, prestar contas a Deus: Nós e todos os chefes de estado que carregam a responsabilidade pelo destino das nações. [...] Que todos eles recordem que um dia terão que prestar contas de suas ações a Deus, seu Criador, que também será o seu Juiz Supremo. Com toda consciência, que eles ouçam o clamor angustiado de 'paz, paz', que se eleva aos céus de todas as partes do mundo, de crianças inocentes e idosos, de indivíduos e comunidades. (JOÃO XXIII, 1962, tradução nossa)

Outro exemplo da diplomacia pontifícia, também mencionado por Carletti (2012), é a presença de Paulo VI na Organização das Nações Unidas com a finalidade de propor o fim da Guerra do Vietnã por meio de uma solução pacífica em 1965. Em seu discurso<sup>6</sup>, Paulo VI frisa que as relações internacionais devem ser norteadas pela “razão, pela justiça, pelo direito e pela negociação, e não pela força, nem pela violência, nem pela guerra, assim como também não pelo medo ou pelo logro” (PAULO VI, 1965). Em janeiro de 1966, o jornal *The Catholic Commentator* publicou uma matéria<sup>7</sup> escrita por James C. O’Neill, a qual narrava as tentativas de comunicação de Paulo VI, por meio de mensagens individuais<sup>8</sup>, com os líderes dos EUA, da URSS, China, Vietnã do Norte e do Sul. Estas mensagens tinham o objetivo de incentivar uma resolução pacífica do conflito, além de elogiar quaisquer iniciativas que visavam arrefecer a guerra e proporcionar, ainda que momentaneamente, uma trégua, clamando aos líderes, em especial ao presidente Johnson, para não negligenciarem quaisquer condições que pudessem culminar no fim da guerra.

Apesar da pacificidade sempre ter sido parte da diplomacia da Santa Sé, nem sempre os ideais dos Papas convergiam. Pio XII (1939 – 1958) e Francisco (2013 – atualmente), por exemplo, possuem condutas diplomáticas e de administração do Vaticano completamente diferentes, ainda que a base da crença religiosa seja a mesma para ambos. Pio XII é historicamente marcado pelo anticomunismo durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria e abertamente, assim como seu predecessor Pio XI, considerava o fascismo como uma “ameaça menor” do que o comunismo. A pesquisadora Anna Carletti descreve que:

[...] a estratégia adotada por Pio XII foi a da imparcialidade, limitando-se a condenar os atos sem condenar seus autores [...] era importante manter-se por quanto possível

<sup>6</sup> PAULO VI. **Discurso do Papa Paulo VI na Sede da O.N.U.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html)> Acesso em: 10 de março de 2023

<sup>7</sup> O’NEILL, J. C. Pope Paul VI Escalates Program For Peace in Vietnam. **The Catholic Commentator**. p. 1-9. 7 jan. 1966. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/d920a060-2ad7-3b99-9a29-33857dc789b4?seq=7>. Acesso em: 15 ago. 2023.

<sup>8</sup> PAULO VI. **Lamentos históricos pela paz no Vietnã.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651231\\_appellistorici.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651231_appellistorici.html)> Acesso em: 10 de março de 2023

acima das disputas para poder conservar margem de manobra política suficiente em caso de mudança do jogo político internacional. (CARLETTI, 2012, p. 113)

Pio XII nunca defendeu qualquer conflito e publicamente se opunha à violência e à falta de negociações entre os envolvidos e, por meio dos esforços de Monsenhor Roncalli, futuro papa João XXIII, foi capaz de proporcionar refúgio em segredo aos judeus dentro do Vaticano e negociar a ida destes para a Palestina. Porém, sua política foi substituída por João XXIII em 1958, que gerou uma enorme mudança dentro da Santa Sé e, conseqüentemente, em relação à política externa.

Nesse contexto, o novo papado veio como uma espécie de abertura da Igreja para a modernidade e rompimento com a corrente anticomunista, em contraste com seu predecessor. O surgimento do Concílio Vaticano II (ou Vaticano II) em 1962 foi a maior prova desta nova política pontifícia que culminou ao título de “Papa do diálogo” a João XXIII e deu abertura a um novo relacionamento com as demais religiões, em especial a judaica. Após a morte de Roncalli, Paulo VI assumiu não só a posição de papa, como a de continuar o Concílio Vaticano II (CARLETTI, 2012). Estes dois papas, junto deste evento, foram cruciais para a modernização e abertura da Igreja Católica a tópicos e ideais antes amplamente rejeitados pelos papas anteriores. Este deslocamento ideológico se estendeu aos papas seguintes: João Paulo I (cujo papado fora vigente por 33 dias), João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

A singularidade da Santa Sé traz consigo camadas mais complexas de atuação no que tange sua manifestação no sistema internacional, inteiramente pautada na diplomacia e submetida a ideais católicos voltados para a justiça e defesa dos direitos humanos. Neste contexto, o diálogo inter-religioso, ainda que tenha sido impulsionado após o Concílio Vaticano II no início da década de 1960, é uma ferramenta crucial nas relações diplomáticas estabelecidas pela Santa Sé e se torna mais importante ainda no que diz respeito às Terras Santas, em especial ao considerarmos que este território é um ponto de intersecção entre as religiões abraâmicas.

A política externa do Vaticano em relação ao Oriente Médio passou por grandes mudanças dentro do recorte temporal entre os papados de Pio XII e Francisco, sendo que o primeiro estava em vigência durante a formação do Estado de Israel após a Segunda Guerra Mundial, bem como no início do conflito entre Israel e Palestina. Em contrapartida, ainda que o conflito ainda esteja ativo, Francisco se encontra inserido em uma Santa Sé pós-Concílio Vaticano II, pautada no diálogo inter-religioso que culminou no reconhecimento formal tanto de Israel, quanto da Palestina. No entanto, é necessário que a política externa do Vaticano, com todas as suas peculiaridades, dialogue com as Relações Internacionais e, para tal, os conceitos construtivistas

ganham espaço para explicar o fenômeno da política pontifícia. A habilidade inerente do construtivismo para investigar identidades, discursos e construção social o torna uma abordagem altamente pertinente para a análise dos aspectos religiosos nas relações internacionais.

Ao enfatizar a construção de identidades, normas e percepções, o construtivismo possibilita uma compreensão aprofundada de como as crenças religiosas moldam as interações entre atores internacionais. Ao invés de considerar a religião como uma variável fixa, a abordagem construtivista permite explorar como as crenças religiosas são construídas, reinterpretadas e influenciam as atitudes e ações dos Estados, organizações e indivíduos no cenário internacional. Além disso, os conceitos chave do construtivismo ressaltam a importância do contexto histórico, social e cultural na formação das ideias religiosas e nas interações entre diferentes crenças, contribuindo assim para uma análise mais abrangente e contextualizada das dinâmicas religiosas nas relações internacionais (BARBATO, 2013).

## **1.1. O CONSTRUTIVISMO E O ESTUDO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

A abordagem construtivista das Relações Internacionais crê que o mundo político é uma construção social, formado por identidades e interesses que fundamentam as ações e interpretações sob ações de terceiros por parte dos atores, em especial, dos Estados (WENDT, 1992), e dessa forma, não existiria uma realidade social externa objetiva. As interações entre os Estados podem criar uma visão negativa e de autopreservação nas relações internacionais, marcada pelo conflito, mas também é possível um cenário no qual a cooperação, desde que aliada às identidades e interesses, é bem-sucedida por meio das instituições.

No estudo da religião em relações internacionais, com base na tradição e no discurso, uma lógica construtivista é aplicável. A abordagem construtivista permite investigar fenômenos religiosos, incluindo questões como secularismo, atores políticos e a relação entre religião e política. A capacidade do construtivismo de explorar identidades, discursos e construção social o torna um enfoque relevante na análise de fenômenos religiosos nas relações internacionais. O poder está relacionado ao conhecimento, e os discursos têm um papel importante na legitimação das ações dos atores. Barbato (2013) agrega a estes conceitos por meio da seguinte narrativa:



Na história da transformação diplomática, a atuação do papado conecta o reinado monárquico de uma pessoa com a base territorial do sistema estatal e com o poder de uma comunidade religiosa transnacional na aldeia global pós-secular. A singularidade do papado não é, portanto, uma curiosidade datada do passado, mas um prisma que nos permite observar através das eras o nosso próprio tempo e o futuro. Estudar a Santa Sé pode nos contar uma história sobre o impacto da diplomacia e da religião na política mundial. O papado merece, assim, uma análise mais aprofundada por parte da comunidade de Relações Internacionais. (BARBATO, 2013, p. 29, tradução nossa)

O autor afirma que o construtivismo, ao considerar o caráter histórico tanto das sociedades quanto de comunidades, é um bom *framework* para analisar o papel da religião dentro das Relações Internacionais. Barbato (2013) constata que a chave para o sucesso do Vaticano na era da transformação global é sua habilidade em atuar em vários níveis - diplomacia, território e público global - simultaneamente. Ele enfatiza que a Santa Sé é um ator integrado na sociedade internacional anárquica de Estados, mas possui uma perspectiva benevolente, com atenção à pluralidade das interpretações solidaristas. O trabalho de desenvolver o conceito de governança global como resposta aos problemas coletivos é atribuído a vários atores, incluindo a Santa Sé, que, como diplomata, soberano e líder religioso, tem influência em várias questões internacionais.

Bartz (2022), ao comparar as teorias realista e construtivista para analisar a Santa Sé, afirma que ao contrário do realismo, o construtivismo enfatiza que os atores internacionais moldam e remodelam constantemente a natureza das relações internacionais por meio de suas ações e interações, com base em ideias, identidades e normas. A abordagem construtivista considera que as mudanças no sistema internacional são influenciadas pelos atores, sejam eles Estados, indivíduos ou instituições. No caso da Santa Sé, suas ações e políticas são baseadas em um conjunto de normas e identidades amplamente reconhecidas internacionalmente. Por exemplo, a Santa Sé promove a liberdade religiosa para todos, não apenas para cristãos, sendo essa norma reconhecida por vários agentes, estatais e não-estatais, como os Estados Unidos e as Nações Unidas.

Além disso, o autor afirma que o construtivismo classifica a Santa Sé enquanto única, fator este já dissertado neste estudo, pois não é apenas um Estado, mas representa e lidera a Igreja Católica, com cerca de um bilhão de seguidores. Essa identidade confere à Santa Sé uma influência significativa no cenário internacional, pois ela oferece um conjunto de normas morais para muitas pessoas em todo o mundo. Os construtivistas argumentam que as ações de um Estado ou ator devem estar alinhadas com sua identidade, o que não é um problema para a Santa Sé, já que sua busca por diplomacia e paz está em consonância com sua identidade central como instituição religiosa. Dessa forma, a Santa Sé é vista como uma instituição credível e influente,

não precisando recorrer a ameaças de invasão ou sanções econômicas para exercer seu poder. Suas ideias e posição permitem que ela seja proeminente no cenário internacional, exercendo impacto mesmo sem o uso tradicional de força ou poder econômico.

A dupla de autores de Macau, Zhi Li e Yuemeng Ge (2017), complementa dizendo que apesar de seu tamanho reduzido, é o centro católico do mundo. No sistema contemporâneo de relações internacionais, o Vaticano faz uso de sua identidade religiosa especial e de sua identidade religiosa comum para realizar frequentes atividades diplomáticas, construindo assim uma autoridade religiosa baseada em atores políticos transnacionais, e tem impacto na comunidade internacional. O Vaticano utiliza sua autoridade moral para desafiar e ameaçar as ideologias de muitos países no mundo, tornando-se uma das maiores organizações transnacionais religiosas. Como uma "autoridade" na comunidade internacional, o Vaticano exerce influência moral significativa. Em suas atividades internacionais contemporâneas, ele utiliza sua identidade de ator político transnacional para participar e influenciar a comunidade internacional, promovendo sua diplomacia com base na autoridade moral da Santa Sé.

Ao afunilar tal discussão para, especificamente, o papado de Francisco, iniciado em 2013, a autora Marianne Rozario (2014) demonstra que uma norma de justiça social está emergindo sob o papado do Papa Francisco. Essa abordagem construtivista selecionada pela autora, juntamente com o modelo de ciclo de vida da norma, será aplicada ao estudo do surgimento de uma norma de justiça social sob a liderança do Papa Francisco. Essa análise visa entender como a norma está interagindo com o pontífice e contribuindo para a construção de novos *insights* sobre o papado e a formação de normas nas Relações Internacionais.

Suas realizações como pontífice incluem mudanças na Cúria Romana, estabelecimento de um grupo permanente de oito cardeais como painel consultivo, discussões sobre católicos divorciados receberem a comunhão, lavar os pés de detentas mulheres, tirar selfies com jovens visitantes do Vaticano, abraçar um homem com o rosto deformado, falar sobre não julgar pessoas homossexuais, reconhecer que as mulheres devem desempenhar um papel maior na Igreja e criar um comitê do Vaticano para combater os abusos sexuais de crianças e ajudar as vítimas. A mensagem-chave do Papa Francisco é, sem dúvida, a promoção da justiça social. Embora não seja sua única mensagem, várias fontes o creditam como defensor dessa causa. Ele tem se destacado pela sua preocupação com os pobres e já endossou campanhas globais de combate à fome, além de enfatizar a proteção da dignidade humana, a busca pelo bem comum, a solidariedade, a importância do poder local para o bem comum e a opção pelos pobres. O

Papa tem sido consistente em colocar os pobres no centro de sua missão papal, realizando gestos simbólicos e promovendo um foco contínuo na justiça social.

Em resumo, os princípios construtivistas são uma ferramenta valiosa para compreender as diversas facetas da política externa do Vaticano e como suas ações e identidades moldam as relações internacionais. Ao analisar a atuação do Vaticano sob o prisma do construtivismo, podemos apreciar como as ideias e normas compartilhadas podem influenciar a construção da paz e da cooperação no cenário global. O estudo deste tema é essencial para uma compreensão mais profunda da complexidade das Relações Internacionais e das dinâmicas entre os atores globais e, dentro deste contexto, é imprescindível que uma das principais ferramentas da diplomacia da Santa Sé, o reconhecimento de Estados, seja aprofundada.

Em conclusão, a análise da política externa da Santa Sé sob a lente do construtivismo nos mostra como a instituição utiliza suas identidades, normas e ideias para moldar e remodelar as relações internacionais. Os fundamentos do construtivismo nos ajudam a compreender como a Santa Sé, mesmo sendo um ator não-estatal, exerce uma influência significativa no cenário global por meio da promoção da paz, do diálogo inter-religioso e da justiça social. Seus princípios baseados na doutrina católica, como a dignidade humana e o bem comum, moldam suas ações diplomáticas e a tornam uma voz respeitada na comunidade internacional. A Santa Sé, pelos líderes papais, como João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e o Francisco, tem buscado promover o diálogo, a cooperação e a justiça social em suas ações internacionais. O Vaticano utiliza sua identidade enquanto autoridade moral e religiosa para desafiar ideologias, influenciar normas globais e participar ativamente em questões internacionais, mesmo sem optar pela influência por meio do *hard power*.

## **1.2. A LEGITIMIZAÇÃO DOS ESTADOS PELO VATICANO: O CAMINHO PARA O RECONHECIMENTO DE ISRAEL E PALESTINA**

De acordo com Borges (2011), reconhecer um Estado é importante para o relacionamento entre nações, mas não determina a existência *per se* de um país. O ato de reconhecimento mútuo é um primeiro passo em relação a criar laços diplomáticos entre os países, porém não impede o Estado em questão de se defender de ameaças, e nem seu funcionamento geral, porém é uma importante ferramenta diplomática dentro das relações internacionais. Para integrar a sociedade internacional, é necessário que pelo menos um Estado reconheça o país em questão por meio

deste ato declaratório, que pode ocorrer também por meio de aprovação de alguma assembleia ou legislação. No caso de um Estado já reconhecido, porém que passa por uma mudança estrutural no governo, seja por meio de revoluções ou conflitos, passa pelo processo de reconhecimento de governo, e não de Estado, mesmo assim precisa de pelo menos um Estado que o reconheça enquanto legítimo para que possa participar da sociedade internacional e estabelecer vínculos diplomáticos. De acordo com a Convenção de Montevideu<sup>9</sup> de 26 de dezembro de 1933, artigo 3, o reconhecimento se dá da seguinte forma:

A existência política do Estado é independente do seu reconhecimento pelos demais Estados. Ainda antes de reconhecido, tem o Estado o direito de defender sua integridade e independência, prover a sua conservação e prosperidade, e conseqüentemente, organizar-se como achar conveniente, legislar sobre seus interesses, administrar seus serviços e determinar a jurisdição e competência dos seus tribunais. (BRASIL, 1933)

No caso da Santa Sé, esta já possuía laços diplomáticos formais com diversos países antes da concretização do Tratado de Latrão e a cessão do território do Vaticano, e hoje em dia possui vínculos diplomáticos com 183 Estados, contendo 87 embaixadas em Roma (VATICANO, 2022), inclusive com o Estado de Israel e com o Estado da Palestina.

Formalmente, o vínculo com Israel foi estabelecido em 1994 pelo papa João Paulo II, mas o relacionamento judaico-cristão estava se desenvolvendo se forma positiva, ainda que tímida, desde a Conferência de Seelisburg em 1947 sob o papado de Pio XII, porém esta não ganhou muito espaço dentro da política externa pontifícia. As mudanças foram mais expressivas com João XXIII ao retirar qualquer conteúdo discriminatório em relação aos judeus no Vaticano e foi o primeiro papa a abençoar um grupo de judeus que saía de uma sinagoga. Além disto, mais adiante com Paulo VI, houve a publicação da declaração “*Nostra Aetate*”<sup>10</sup> em 1965, a qual proibia qualquer tipo de hostilidade em relação a religiões não-cristãs, incluindo a judaica e islâmica (MARTINS, 2016).

No entanto, não há como desvencilhar as relações judaico-cristãs e islâmico-cristãs da grande questão das Terras Santas, por ser um território de suma importância para as três religiões: islâmica, judaica e cristã. Com a perseguição antissemita na Segunda Guerra Mundial, o povo judeu imigrou em massa para a Palestina, que estava sob domínio britânico, e junto da

---

<sup>9</sup> BRASIL. Decreto Nº 1.570, de 13 de abril de 1937. Convenções sobre direitos e deveres dos Estados sobre Asilo Político. **Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Montevideo. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d1570.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d1570.htm)>

<sup>10</sup> PAULO VI. **Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs**. A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)> Acesso em: 10 de maio de 2024

Organização das Nações Unidas, o território palestino foi dividido entre Palestina e Israel. Não era viável para a Santa Sé que Jerusalém ficasse sob a jurisdição israelense e, portanto, o Vaticano sempre foi defensor da internacionalização das Terras Santas e que estas ficassem sob a jurisdição da ONU bem como da *two-State solution*. Ferrari (1984) pontua em seu estudo:

Parecem ter surgido duas estratégias diferentes dentro da Cúria Romana: uma próxima à posição mantida pela comunidade cristã árabe, a favor de um único estado árabe na Palestina; a outra muito mais interessada em proteger os interesses gerais da Igreja Católica, o que implicava não adotar uma posição definitiva no conflito e reservar todos os recursos para a proteção dos Lugares Santos e da comunidade católica no Oriente Médio. (FERRARI, 1984, p. 267, tradução nossa)

O reconhecimento e a relação com Estados, como no caso de Israel e da Palestina, mostram como a Santa Sé busca contribuir para a resolução de conflitos e a construção da paz, utilizando sua influência para promover a diplomacia, a justiça social e o respeito pela dignidade humana. A diplomacia pontifícia, baseada em princípios religiosos e morais, revela como a Santa Sé desempenha um papel único e significativo nas relações internacionais, construindo identidades cooperativas e influenciando a transformação das normas e das interações entre os Estados e atores globais.

Portanto, a análise construtivista da política externa da Santa Sé nos leva a reconhecer seu papel singular como ator político transnacional que molda e remodela as relações internacionais por meio de sua identidade, normas e ideias. A abordagem construtivista nos permite compreender como a Santa Sé contribui para a construção da paz, da cooperação e da justiça social, exercendo sua influência moral e religiosa em um cenário global complexo e diversificado.

Os pesquisadores Javadikouchaksaraei, Bustami, Farouk e Ramazaniandarzi (2015) consideram a ideia do construtivismo como base para descrever os fatores que afetam as Relações Internacionais e os países. Os construtivistas acreditam que a identidade, interesses e comportamentos dos Estados são determinados por certos padrões, e que os Estados podem modificar esses padrões ao mudar seu comportamento e identidade. Conflitos e missões de paz são influenciados tanto pela identidade quanto pelas normas. No entanto, para missões de paz, novos padrões precisam ser estabelecidos, e a garantia da paz está ligada à lógica construtivista. Estados destruídos precisam ser reconstruídos de acordo com os padrões reconhecidos por todos os envolvidos no processo de reconstrução. Além disso, uma crise de identidade leva a conflitos e debates sobre os códigos de conduta, que podem resultar em uma mudança nos códigos envolvidos.

O construtivismo é útil para entender a interação humana, as ideias sobre a realidade e como elas promovem comportamento, normas e regulamentos. Ele enfatiza a identidade que os grupos mantêm socialmente e analisa as maneiras como os atores políticos percebem e exibem o mundo material e social. É indispensável que se olhe para o conflito sob as lentes construtivistas, pois a questão da identidade ganha grande espaço dentro do mesmo, afinal, foi por meio da identidade coletiva judaica que o Estado de Israel nasceu. Segundo Javadikouchaksaraei, Bustami, Farouk e Ramazaniandarzi (2015), o construtivismo se relaciona com o conflito da seguinte maneira:

A identidade é um fator muito significativo no conflito subjetivo, pois a distinção de identidade racionaliza a demanda por líderes políticos e pela posse da terra. Uma identidade distintiva e culturalmente aceitável é importante na constituição de uma nação. Identidades étnicas distintas e noções religiosas também desempenham papéis muito influentes na obtenção da soberania estatal. Essas distinções e fronteiras de identidade étnica estabelecem as justificativas. Isso leva aos fenômenos transétnicos no cerne do conflito. A noção de religião legítima reivindicações de propriedade, o que leva a conflitos. Os judeus são referidos como hebreus ou israelitas com uma identidade específica. Mesmo durante o seu exílio, eles mantiveram consistentemente sua identidade. (JAVADIKOUCHAKSARAEI, et al. 2015, p. 111)

As relações com Israel e a Palestina ilustram como a Santa Sé utiliza sua influência para contribuir para a resolução de conflitos e para a construção da paz, apoiando a diplomacia e a cooperação entre as nações. Ao reconhecer a importância das identidades, normas e ideias na construção das relações internacionais, o construtivismo nos oferece uma perspectiva valiosa para compreender o impacto e o alcance da atuação da Santa Sé no cenário global.

Adiante, o estudo começa com Pio XII, cujo papado fora vigente de 1939 a 1958, e sua política externa voltada ao conflito, que se iniciou apenas em 1948. No entanto, é necessário trazer a construção de identidade do Vaticano durante e após a Segunda Guerra Mundial, em um momento pouco distante da formalização do Tratado de Latrão, inserido na Itália de Mussolini. Na época, a Santa Sé era veementemente contra o comunismo e isto era parte da construção da identidade católica em meio ao sistema internacional dividido da época. A abordagem anticomunista foi, e ainda é, muito presente na Santa Sé e incentivada por Pio XI (1922 – 1939) que decidiu tornar-se aliado ao fascismo por crer que este seria um “mal menor” frente à ameaça comunista representada pela União Soviética e que poderia ser uma forma de proteger a Igreja Católica do regime nazifascista. É importante salientar que Pio XII não defendia o conflito, porém não realizava acusações diretas e preferiu usufruir da imparcialidade para direcionar suas políticas, preocupando-se em defender negociações diplomáticas e, posteriormente, o fim da guerra (CARLETTI, 2012).

No que diz respeito às Terras Santas, a questão reemergiu com a Segunda Guerra Mundial e o grande número de judeus deslocados pelo mundo e os pedidos para migração em massa para a Palestina, até então sob domínio dos britânicos. Este domínio favorecia o interesse da Santa Sé em manter uma influência católica sobre o território e, após a saída destes, a política pontifícia defendia a internacionalização de Jerusalém sob a jurisdição da ONU. Assim, a criação de um Estado judeu não era vantajosa ou desejada pela Santa Sé e a possibilidade de um Estado árabe era levemente mais favorável aos interesses católicos, mas ainda assim indesejada, e dessa forma não houve quaisquer pronunciamentos pontifícios na época que favorecessem as partes, apenas aqueles que pregavam a paz na região e a presença católica nas Terras Santas (FERRARI, 1984).

É importante salientar a política de condenar os eventos, sem condenar os autores (CARLETTI, 2012, p. 113), pois apesar de ter abrigado refugiados judeus dentro do Vaticano, Pio XII não emitiu notas oficiais condenando os horrores dos regimes autoritários e prosseguiu com este posicionamento em relação aos refugiados palestinos após o fim da Segunda Guerra Mundial e o início do conflito Israel-Palestina, pautando-se em clamar por preces em suas encíclicas e reconhecer o sofrimento das vítimas, sem de fato, acusar aqueles que o causaram. Por fim, vale ressaltar a Conferência de Seelisberg de 1947 que deu início ao diálogo cristão-judaico (MARTINS, 2016) e que seria desenvolvido por João XXIII com o Concílio Vaticano II e por Paulo VI com a encíclica *Nostra aetate*.

Os papados seguintes adotaram posturas diferentes e romperam com o anterior status anticomunista da Santa Sé. A Igreja se abriu para a modernidade por meio do Concílio Vaticano II (1962), que proporcionou a discussão de pautas antes descartadas pela Santa Sé, como diálogo o inter-religioso, crucial dentro da análise da política pontifícia em relação ao conflito árabe-israelense. Ao considerar que a postura de Pio XII, o conjunto de normas e ações deste papado, tivesse sido mantida pelos seus sucessores, é possível que o reconhecimento formal dos Estados envolvidos não tivesse acontecido, ou pelo menos, sido atrasado.

Todavia, após os papados de João XXII e Paulo VI, já houve uma expressiva abertura para o diálogo cristão-judaico, mesmo sem o reconhecimento formal. Ao adotarmos o construtivismo neste contexto, vê-se que não havia ali uma relação de inimizade *per se*, que se consolidou como amizade formalmente sob o papado de João Paulo II. A identidade da Santa Sé havia mudado e com ela, seus posicionamentos na política externa também. A mudança foi alavancada progressivamente pelos papas seguintes nesse contexto e o papado de João Paulo II

foi marcado no âmbito das relações Vaticano-Israel por ter firmado um acordo estabelecendo relações bilaterais formais em dezembro de 1993, concretizando a nova política do diálogo estabelecida com João XXIII e reafirmada por Paulo VI em relação aos judeus.

Sua postura ecumênica fê-lo aproximar-se de diversas religiões, em especial dos adeptos do judaísmo, postura iniciada ainda com João XXIII: em 1986, João Paulo havia sido o primeiro papa a visitar uma sinagoga e lá rezar com um rabino enquanto, em 94, o Vaticano terminaria por estabelecer relações diplomáticas com Israel. Em 1999, publicar-se-ia documento em que se mencionaria o malogro da Igreja em deter as políticas genocidas do nazismo durante a II Guerra Mundial. Em 2000, o Papa visitaria Israel. (ARRAES, 2005, p. 8)

Para Secler (2016), apesar do acordo oficial ter sido consolidado ao final de 1993, João Paulo II realizou um esforço gradativo para manter o diálogo cristão-judaico, a exemplo da visita do embaixador israelense Mordechai Drory ao papa em dezembro de 1987 para tratar da questão das Terras Santas, ainda que a política pontificia continuasse a defender veementemente a internacionalização de Jerusalém, fator este que incentivou a aproximação dos dois Estados.

As negociações para o estabelecimento formal da bilateralidade se iniciaram em 29 de julho de 1992 por meio da *Permanent Bilateral Working Commission* e o acordo (*Basic Agreement*<sup>11</sup>) foi oficialmente formalizado em 30 de dezembro de 1993 e era de caráter diplomático, não religioso, visando a normalização deste relacionamento e determinando diretrizes para as ações no âmbito bilateral para ambos os Estados. Há grande ênfase na pauta de direitos humanos, especialmente no que tange questões de antissemitismo, ódio e intolerância, bem como o repúdio sobre ataques à memória de vítimas do Holocausto, oficialmente abominado pela Santa Sé no documento. O Art. 4 trata da jurisdição das Terras Santas e não há qualquer tipo de concessão territorial à Santa Sé, apenas respeito ao *status quo* desta na região e as atividades ali exercidas em nome da mesma, desde que esteja de acordo com as leis de Israel. De forma complementar, o Art. 5 discute sobre a peregrinação católica para Jerusalém e como esta proporciona melhor entendimento no âmbito religioso e há inclinação para cooperação nesse sentido e, posteriormente salientado, no contexto acadêmico também. O restante do acordo, que ao todo possui 15 artigos, trata especificamente de temáticas burocráticas detalhadas e reafirma os ideais pacíficos de cooperação, diálogo e liberdade religiosa dos católicos em Israel.

---

<sup>11</sup> VATICANO. **INTER APOSTOLICAM SEDEM ATQUE ISRAELIS STATUM**. Fundamental Agreement Between the Holy See and the State of Israel. Cidade do Vaticano: Cúria Romana, 1993. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/archivio/documents/rc\\_seg-st\\_19931230\\_santa-sede-israele\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19931230_santa-sede-israele_en.html)> Acesso em: 20 de agosto de 2023



Em seguida, Bento XVI consolidou uma boa linha de comunicação entre a Santa Sé e o Islã, exemplificada pela aula de Ratisbona ministrada na Universidade de Regensburg, além de manter a posição da Santa Sé em apoiar a *two-State solution* na região, mantida e reiterada por Francisco, em especial na consolidação das relações bilaterais com a autoridade palestina em 2015.

Francisco buscou, até mesmo antes do acordo firmado em 2015, demonstrar apoio ao povo palestino, o que é evidenciado pela sua viagem às Terras Santas em 2014 (GÓMEZ, 2014), na qual o território da Palestina foi visitado antes de Israel, porém, não acarretou grandes consequências diplomáticas, pois Francisco visitou o túmulo do sionista moderno Theodor Herzl. Portanto, Francisco adota uma postura equilibrada ao lidar com ambos os países e mantém a diplomacia pontifícia ligada aos ideais de pacificidade e atua como autoridade moral, especialmente ao se propor a mediar o conflito, ainda que isto não tenha sido praticado de fato.

Em conclusão, o construtivismo oferece uma lente poderosa para entender a dinâmica das interações humanas, as influências das ideias na construção da realidade e como essas ideias moldam comportamentos, normas e regulamentos. Ao enfatizar a importância das identidades coletivas mantidas socialmente e a maneira como os atores políticos percebem e representam o mundo, o construtivismo fornece *insights* valiosos para analisar conflitos complexos, onde as questões de identidade desempenham um papel central.

No contexto do conflito Israel-Palestina, a pauta construtivista revela como a questão da identidade étnica, religiosa e nacional desempenha um papel fundamental na formação do conflito e na busca por soluções. A análise de Javadikouchaksaraei, Bustami, Farouk e Ramazaniandarzi (2015) sobre a relação entre identidade e conflito ressalta como as distinções de identidade étnica e religiosa são fundamentais na justificação de demandas por liderança política, posse de terras e soberania estatal. A formação do Estado de Israel, baseada em uma identidade coletiva judaica, exemplifica como as identidades moldam a política internacional.

A análise das relações entre a Santa Sé, Israel e a Palestina sob a perspectiva construtivista revela a evolução da identidade e das normas da Santa Sé ao longo do tempo. As mudanças nas políticas externas dos papas, como João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Francisco, refletem a transformação da identidade da Santa Sé de uma posição anticomunista para uma abordagem mais aberta ao diálogo inter-religioso e à construção da paz. O estabelecimento de relações diplomáticas entre a Santa Sé e Israel, bem como com a Autoridade Palestina, demonstra a influência das ideias e identidades na condução das relações internacionais.

As identidades, percepções e ideias desempenham um papel crucial na formação das políticas e nas interações entre os Estados. No conflito Israel-Palestina, a questão da identidade é um fator central que moldou a trajetória do conflito e continua a influenciar as perspectivas de resolução.

Portanto, a análise construtivista nos leva a reconhecer que a resolução de conflitos e a promoção da paz não podem ser alcançadas apenas através de abordagens realistas ou estruturalistas. Compreender as identidades coletivas, as normas compartilhadas e as representações culturais são fundamentais para encontrar soluções duradouras. O pressuposto construtivista nos convida a olhar além das questões tangíveis e explorar as complexas relações entre ideias, identidades e política, enriquecendo nossa compreensão das dinâmicas internacionais e como a Santa Sé busca construir um mundo mais pacífico e cooperativo.

**2. A POLÍTICA EXTERNA PONTIFÍCIA DE 1939 ATÉ 2005: DA REJEIÇÃO DE PIO XII AO RECONHECIMENTO DE ISRAEL POR JOÃO PAULO II**

Eugenio Pacelli<sup>12</sup>, o papa Pio XII, teve seu pontificado marcado pela Segunda Guerra Mundial e pelas suas estratégias diplomáticas para preservar o Vaticano, que, embora controversas e alvo de análise para diversos autores, deixou uma grande marca no legado da diplomacia pontifícia.

Fiel executor da palavra de Cristo, na terrível tempestade que atingiu o mundo inteiro, o Papa Pacelli trabalha com todos os meios à sua disposição para aliviar as misérias dos refugiados, dos bombardeados, dos famintos, dos perseguidos, dos judeus, ambos na Itália e no exterior. (VATICANO, 2024)

Há aqueles que acreditam que Pio XII possuía certa afinidade com a ideologia nazista e com os pressupostos disseminados por Adolf Hitler, principalmente ao considerar a Concordata entre a Santa Sé e o Reich Alemão<sup>13</sup> assinada em 1933 que, apesar de ter sido consolidada no papado de Pio XI, Eugenio Pacelli foi nomeado plenipotenciário deste e teve grande presença nas negociações enquanto cardeal.

Essencialmente, o documento estabelecia relações de amizade entre a Alemanha nazista e o Vaticano, permitindo o funcionamento das igrejas na Alemanha, Prússia, Baviera e Baden, além de salientar que a Santa Sé apenas poderia assinar concordatas com outros países desde que “realizada em acordo com o Governo do Reich” (VATICANO, 1933, tradução nossa) e que haveria troca de agentes diplomáticos. De forma geral, o documento expressa o apoio do Reich Alemão ao exercício da religião cristã dentro de seu território, incluindo juramentos que prestam lealdade ao Reich, a exemplo do seguinte para a função de Bispo nas Dioceses da Alemanha:

Diante de Deus e dos Santos Evangelhos, juro e prometo como convém a um bispo, lealdade ao Reich alemão e ao Estado... Juro e prometo respeitar e fazer com que o meu clero respeite o Governo estabelecido de acordo com leis constitucionais do Estado. Preocupado, como é meu dever, com o bem e os interesses do Estado alemão, tentarei, no exercício do ministério sagrado que me foi confiado, prevenir qualquer dano que possa ameaçá-lo. (VATICANO, 1933, tradução nossa)

Os clérigos eram tão protegidos pelo Estado alemão quanto funcionários públicos e, inclusive, seus bens não estavam sujeitos à penhora e havia permissão para cobrança de impostos, porém só haveria apoio financeiro desde que houvesse acordo com o governo. A autonomia era relativa, pois na mesma medida em que não havia necessidade de intervenção

<sup>12</sup> VATICANO. *Biografia di Sua Santità Pio XII*. A Santa Sé, 2024. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf\\_p-xii\\_bio\\_20070302\\_biography.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf_p-xii_bio_20070302_biography.html)> Acesso em: 20 de agosto de 2023

<sup>13</sup> VATICANO. *INTER SANCTAM SEDEM ET GERMANICAM REMPUBLICAM*. Concordato fra la Santa Sede ed il Reich Germanico. Cidade do Vaticano: Cúria Romana. A Santa Sé, 1933. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/archivio/documents/rc\\_seg-st\\_19330720\\_santa-sede-germania\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19330720_santa-sede-germania_it.html)>

do Estado para a escolha de cargos eclesiásticos, havia regras a serem respeitadas neste âmbito, a exemplo da cidadania alemã obrigatória para quem pleiteasse um cargo da Igreja, ensino médio completo e qualificado dentro dos parâmetros alemães, o que também se aplicava aos estudos teológicos em repartições educacionais alemãs. É válido salientar que todo bem eclesiástico que estivesse em território alemão estaria, ultimamente, sob jurisdição do Estado. Todas as escolas terão consigo o ensino religioso, o que inclui: “No ensino religioso, será dada especial atenção à educação na consciência dos deveres patrióticos, civis e sociais, segundo as máximas da fé e da lei moral cristã.” (VATICANO, 1933, tradução nossa). Dentro do ambiente educacional católico, os professores seriam contratados sob aprovação do Bispo e do governo alemão, e estes devem atender às necessidades da instituição, que são deixadas em aberto dentro do acordo. Ademais, ao exército, será garantida “assistência espiritual” pelo Bispo Militar, abaixo da autoridade do Reich. Tal assistência seria para os soldados e suas respectivas famílias. Estrangeiros católicos terão direito ao ensino religioso em sua língua materna.

A presença do catolicismo era tamanha a ponto de ser recitada uma oração em prol da prosperidade do governo alemão nos eventos religiosos, como missas de domingo, dias santos e afins, no entanto, membros do clero não podem pertencer à partidos políticos, o que proporciona lealdade apenas ao governo vigente.

Cornwell (2002) afirma que, no entanto, apesar da retificação da Concordata em setembro de 1933, os católicos foram perseguidos na Alemanha e nos territórios citados na Concordata que estavam sob domínio do Terceiro Reich. Assim, desponta a figura do Cardinal Faulhaber, conhecido e enaltecido pela sua oposição ao nazismo, porém esta oposição se dava por meio do apoio ao retorno da monarquia teocrática, uma vez que a autoridade viria de Deus e ninguém pode delegá-la a si mesmo (GALLIN, 1970). No entanto, apesar da aberta discordância, o Cardinal falhou em realizar uma resistência contra a repressão em relação aos católicos, e assim, a Concordata, mesmo retificada, não foi suficiente para que as demandas da Santa Sé fossem atendidas, a exemplo da proteção dos judeus que se converteram ao catolicismo, que fora encarada como tentativa de interferência na política interna alemã (CORNWELL, 2002, p. 159).

Quem poderia agora duvidar que o regime nazista tinha a bênção da Santa Sé? Na verdade, o Arcebispo Gröber fez questão de parabenizar o Terceiro Reich pela nova era de reconciliação. No entanto, desde o primeiro dia de ratificação, ficou evidente que em várias partes da Alemanha, especialmente na Baviera, a falta de distinção entre associações religiosas e políticas estava sendo explorada para reprimir o catolicismo. (CORNWELL, 2002, p. 160, tradução nossa)

Achille Ratti, o Papa Pio XI, publicamente expressou seu descontentamento perante os católicos prejudicados pelo regime nazista na encíclica, cuja construção contou com a presença de Pacelli (CARLETTI, 2012), *Mit Brennender Sorge*<sup>14</sup>. Nesta, Pio XI (1937) atesta que a concordata oficializada em 1933 foi criada com a intenção de levar à Alemanha a “[...] liberdade da missão beneficente da Igreja e a salvação das almas sob seus cuidados [...]”, e que, apesar do consentimento dado pela Igreja com a finalidade de “[...] poupar os fiéis da Alemanha, tanto quanto fosse humanamente possível, das provações e dificuldades que teriam que enfrentar [...]”. Dessa forma, o papa garantiu que a culpa pelo que acontecesse com os católicos na Alemanha não recairia sobre a Santa Sé, pois tudo o que poderia ter sido feito no âmbito diplomático entre as nações, foi realizado pela Igreja, expressando uma crítica direta ao governo alemão pelo desrespeito à concordata e aos católicos, inclusive em relação ao fim das eleições diretas e o que havia sido feito com as escolas católicas:

As aulas religiosas mantidas em nome das aparências, controladas por homens não autorizados, no quadro de um sistema educativo que trabalha sistematicamente contra a religião, não justificam um voto a favor de escolas não confessionais. Sabemos, queridos pais católicos, que o vosso voto não foi livre, pois um voto livre e secreto teria significado o triunfo das escolas católicas. (PIO XI, 1937, tradução nossa)

Pio XI também criticou o racismo presente na Alemanha na época e a falta de consciência daqueles que perpetuavam o discurso preconceituoso, sem, no entanto, citar o nome de Hitler ou mencionar a ideologia nazista. Porém, deixou clara a sua discordância em estabelecer paralelos entre a Igreja e o que Cristo pregou com o que emergia na Alemanha nazista. O Papa expôs seu desejo de estabelecer a paz entre a Igreja e o Estado alemão e incentivou os cristãos ali presentes para que fortificassem sua fé perante as atribulações do momento.

Carletti (2012) e Cornwell (2002) ressaltam que houve, de fato, descontentamento por parte da Alemanha, assim, apenas três dias após a publicação da encíclica mencionada, Pio XI publicou a carta encíclica *Divinis Redemptoris*<sup>15</sup>, a qual pregava contra o comunismo ateu vigente na época, um inimigo em comum com o nazismo, e também em outra ocasião, reconheceu como legítimo o governo ditatorial de Francisco Franco na Espanha (CARLETTI, 2012, p. 109), mostrando assim, que o descontentamento não seria mais exposto como fora anteriormente. A divulgação da encíclica foi proibida pelo regime nazista e foram necessárias

<sup>14</sup> PIO XI. **Encíclica papal *Mit Brennender Sorge***. A Santa Sé, 1937. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_14031937\\_mit-brennender-sorge.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge.html)> Acesso em: 22 de março de 2023

<sup>15</sup> PIO XI. **Carta encíclica *Divinis Redemptoris***. A Santa Sé, 1937. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html)> Acesso em: 22 de março de 2023

reuniões entre os membros do corpo diplomáticos de ambos os países, o que incluía a figura de Pacelli, com a finalidade de mostrar que a Santa Sé não estava contra o Terceiro Reich.

Na medida em que a crise entre a Igreja e o regime do Reich se aprofundaram nos doze meses seguintes, Pacelli ofereceu em março de 1938 a 'ir a Berlim para negociações se assim fosse desejável' com a finalidade de salvar a concordata. (CORNWELL, 2002, p. 184, tradução nossa)

Apesar de não haver discrição por parte dos regimes nazifascistas sobre a iminência de conflitos, o contexto no qual a Santa Sé estava inserida, em especial internacionalmente, a colocava em uma posição ímpar, e neste sentido, a menor ameaça ao Vaticano era uma aliança diplomática com a Alemanha, evidenciada pela Concordata de 1933, e manter a aversão pública ao comunismo soviético, vista em diversos momentos desde sua consolidação.

Pio XI, aparentemente, adotava uma postura de maior simpatia em relação aos judeus que sofriam as atrocidades do regime nazifascista, mas não há evidências concretas de posicionamentos firmados contra os governos vigentes, apenas especulações e suspeitas, de acordo com Cornwell (2002). Quaisquer tentativas de demonstração de discordâncias com as ações do Terceiro Reich eram massacradas violentamente, inclusive aos clérigos que se propuseram a criticar abertamente, como Monsenhor Bernhard Lichtenberg e Padre Rupert Mayer de Munique, que faleceram devido à repressão nazista. Anteriormente, a figura do Cardinal Falhaber fora mencionada, mas este não sofrera as mesmas consequências por ter abdicado de demonstrar suas insatisfações.

Apesar da participação direta de Pacelli na política externa do Vaticano durante o papado de Pio XI, principalmente no que tange a relação entre a Santa Sé a Alemanha nazista, não seguiu os passos de seu predecessor em uma abordagem mais direta, que expressa as insatisfações sobre a perseguição dos católicos abertamente, e optou por adotar medidas diplomáticas mais cautelosas, que garantissem proteção ao Vaticano em meio ao contexto pré-Segunda Guerra Mundial.

O papado de Pio XII não se iniciou formalmente até 1939, porém durante os acontecimentos narrados acima, Eugenio Pacelli já havia se tornado uma figura essencial para a política externa pontifícia, como Cardinal e como Secretário de Estado desde 1930, além de ter assumido o papel de Núncio Apostólico da Alemanha em 1920, portanto, Pacelli já estava familiarizado com os eventos que assolavam a Santa Sé. Havia consolidado sua presença no cenário diplomático do Vaticano, inclusive com os Estados Unidos, na qual desponta a importante figura do Cardinal Spellman, antes mesmo do início de seu pontificado.

A condução bem-sucedida da diplomacia por meio da figura de Pacelli foi o principal motivo para sua ascensão enquanto papa após o falecimento de Pio XI, e este prosseguiu a administração da política externa de forma a priorizar a segurança dos católicos e do Vaticano. Houve tentativas de negociação com o Reich alemão sobre a concordata de 1933, porém, pouco foi alcançado perante o cenário violento que se formava sob a ascensão de governos fascistas e o receio da violência se estender, mais ainda, aos católicos era uma enorme preocupação, portanto, Pacelli classificava suas investidas diplomáticas como religiosas, e não políticas (CORNWELL, 2002). Pio XI pretendia, pouco antes de seu falecimento, divulgar uma encíclica que mostrava aberta e claramente o repúdio da Igreja perante o antissemitismo, todavia, esta não fora publicada dada às circunstâncias punitivas do momento.

Em relação ao que foi divulgado publicamente por Pio XII a partir de 1939, sua primeira encíclica *Summi Pontificatus*<sup>16</sup> do mesmo ano disserta sobre o início de seu pontificado e homenageia o fim do papado anterior, de Ratti, porém na mesma escritura, traz consigo o clamor por paz parte da identidade da Igreja Católica, que se opõe a todo conflito, pois a guerra pressupõe afastamento das doutrinas de Deus e Jesus Cristo.

24. Enfraquecida a fé em Deus e em Jesus Cristo, ofuscada nos ânimos a luz dos princípios morais, fica a descoberto o único e insubstituível alicerce daquela estabilidade e tranqüilidade, daquela ordem externa, e interna, privada e pública, única que pode gerar e salvaguardar a prosperidade dos Estados. 25. [...] nos nossos dias, ao contrário, os dissídios provêm não somente do ímpeto de paixões rebeldes, mas de uma profunda crise espiritual que subverte os sãos princípios da moral privada e pública. (VATICANO, 1939).

Pio XII afirma em diversos pontos de sua encíclica que os ideais de pacificidade estão intrinsecamente ligados com o cristianismo e a falta do primeiro seria devido à falta de compreensão dos ideais do segundo. O papa afirma até mesmo, por meio de trechos bíblicos, que Cristo está em todos, e preza inclusive pela aceitação desta pregação com a finalidade de levar a benevolência de Cristo a quem acredita na figura deste, ou seja, clamando por meio da figura histórico-religiosa de Jesus que esforços para a paz sejam priorizados. Pacelli (1939) afirma: “Mas o legítimo e justo amor à própria pátria não deve excluir a universalidade da caridade cristã que faz considerar também aos outros e a sua prosperidade, na luz pacificadora do amor.”. Para Pio XII, não havia como desvencilhar a ideia de administração e vivência dentro de um Estado dos ideais morais e de pacificidade que são tão presentes dentro da doutrina cristã da época. A encíclica também faz apelos emocionais, uma vez que os fundamentos cristãos vão

---

<sup>16</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Summi Pontificatus***. A Santa Sé, 1939. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20101939\\_summi-pontificatus.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html)> Acesso em: 30 de março de 2023



para além de constatações racionais, e assim, Pio XII procura exercer seu ponto de vista por meio de recursos que desencadeiam reações emotivas, a exemplo do item 49, que disserta sobre como a instabilidade do momento afeta os núcleos familiares.

Sob o mesmo escopo, os clamores envolvendo a associação de valores católicos com princípios familiares foram colocados em oposição ao Estado autoritário e não religioso de Hitler, ainda que este último não tenha sido citado de forma direta. Todas as críticas descritas na encíclica visavam frisar sobre a estrapolação de um Estado sob condições ditatoriais, não especificado, em relação aos direitos de sua população por meio de parágrafos quase em forma de prece, construídos de maneira a sempre frisar a presença de Deus na mensagem, usufruindo de trechos bíblicos principalmente para fundamentar o pedido por abordagens diplomáticas para resolução de tensões.

Além disso, adiante na escritura, há menções sobre a necessidade de diálogo no caso de um tratado que não atendesse às necessidades das partes envolvidas, o que pode ser uma menção indireta à Concordata com o Terceiro Reich que, apesar de inúmeras tentativas diplomáticas pelo Vaticano, não fora respeitada pela Alemanha como visto anteriormente. Dessa maneira, é feita a seguinte constatação, de que quando há Deus nos corações dos fiéis, não existem tais acontecimentos de opressão e ataque a grupos de indivíduos. Seria, então, antitético associar os princípios da Sé Apostólica com os do nazifascismo, em especial sob a menção da invasão na Polônia.

Do sangue de inúmeros seres humanos, mesmo de não combatentes, desprende-se lancinante brado, especialmente nessa dileta nação como a Polônia que, pela sua fidelidade à Igreja, pelos seus grandes méritos na defesa da civilização cristã, gravados em caracteres indeléveis nos fatos da história, tem direito à simpatia humana e fraterna do mundo, e aguarda, confiante na poderosa intercessão de Maria, "Socorro dos cristãos", a hora de uma ressurreição que corresponde aos princípios da justiça e da verdadeira paz. [...] Continuaremos, entretanto; a fazer tudo o que pudermos para acelerar o dia em que a pomba da paz possa pousar seus pés sobre esta terra, ora imersa no dilúvio da discórdia. (VATICANO, 1939)

A mensagem radiofônica<sup>17</sup> (1939) transmitida pouco antes da divulgação da encíclica tornou muito clara a adesão à identidade de autoridade moral da Santa Sé, colocando-os como aqueles que estão “armados apenas da palavra de Verdade”, ou seja, consolidando progressivamente os valores e normas que norteiam a política externa do Vaticano, colocando-a como espiritual, verdadeira, benevolente e fiel à figura de Cristo. Há na mensagem um

---

<sup>17</sup> PIO XII. Radiomensagem “*Un’ora Grave*” do Papa Pio XII aos Governantes e aos Povos no Iminente Perigo de Guerra. A Santa Sé, 1939. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19390824\\_ora-grave.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html)> Acesso em: 30 de março de 2023

evidente medo sobre a conjuntura frágil na qual o mundo se encontrava na época e, como visto em publicações da época, clamava-se por maiores investidas de cunho diplomático e pacífico com a finalidade de conter um conflito sangrento. A mensagem, por vezes, se direcionava diretamente aos governantes e aos povos das regiões sob um contexto mais delicado, exigindo dos primeiros para que optassem por acordos e cumprimento das leis, e dos demais, a cobrança de que seus governantes assim o fizessem.

Delzell (1967) narra inúmeras tentativas pelo papa de dialogar com os governantes dos Estados mais envolvidos nas tensões e disseminar a ideia do diálogo diplomático, questionando se, de fato, já fora esgotado tudo que poderia ser feito nesse âmbito. Tais tentativas foram mais marcantes no dia 31 de agosto de 1939, véspera do início oficial da Segunda Guerra Mundial por meio da invasão nazista na Polônia, quando convocara os líderes da Alemanha, França, Itália, Polônia, Grã-Bretanha, Espanha e o embaixador estadunidense com a finalidade de, mais uma vez, desfrutar da identidade moral divina que possuía para usufruir de todos os possíveis artifícios diplomáticos para impedir o conflito. Infelizmente, Pacelli não foi bem-sucedido em sua investida e assim, a Segunda Guerra Mundial começou.

## **2.1. O PAPADO DE PIO XII NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS CONTROVÉRSIAS**

Cornwell (2002) afirma que Pio XII manteve-se firme perante a identidade pacifista da Santa Sé, e apesar de suas manobras com a finalidade de ter uma relação diplomática com o Terceiro Reich e uma bem consolidada com a Itália fascista, estas ações foram conduzidas com a intenção de dialogar diplomaticamente sobre a paz e proteger os cristãos e o território do Vaticano, dentro daquilo que fora divulgado. A posição escolhida pela Sé Apostólica foi de neutralidade, segundo o autor, diante de inúmeras invasões que ocorreram no período, no entanto, havia mensagens de congratulações para Francisco Franco, líder fascista da Espanha, pelo que teria sido uma vitória cristã (CORNWELL, 2002, p. 223), tal mensagem se encontra documentada em uma carta apostólica<sup>18</sup>. Ou seja, Pio XII trabalhava sua diplomacia com base na preservação do Estado e do cristianismo, ainda que pudesse se externalizar como certa

---

<sup>18</sup> PIO XII. **Aos Cardeais, aos Bispos e aos Arcebispos da Espanha em mérito à reorganização das Universidades Eclesiásticas e dos Seminários.** A Santa Sé, 1941. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/letters/documents/hf\\_p-xii\\_lett\\_19410629\\_card-vescovi-spagna.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/letters/documents/hf_p-xii_lett_19410629_card-vescovi-spagna.html)> Acesso em: 4 de abril de 2023

simpatia com líderes nazifascistas. Tal simpatia, ou coexistência, era superficial a ponto da presença de Pacelli ter sido importante em uma tentativa de golpe contra Hitler em 1939 e 1940 que fora malsucedida, porém sua elaboração contava com a presença de Pio XII, em especial por sua experiência passada como núncio da Alemanha. O Vaticano sofria grandiosíssimos riscos devido ao envolvimento de Pio XII nessa tentativa de golpe, pois como narra Cornwell (2002, p. 236, tradução nossa): “O Vaticano, afinal de contas, dependia até mesmo do fornecimento de água e eletricidade da Itália Fascista, e poderia ser invadido a qualquer momento pelas tropas italianas.”.

O Papa não se envolveu na execução de um possível golpe e salvaguardou o Vaticano como fora possível, e fora acusado, em mais de uma ocasião, de se envolver em políticas quando não era cabível, ainda que o papel do pontífice fosse, de fato, o de Chefe de Estado e de Governo da Santa Sé, e não apenas uma entidade representativa para cristãos. Em determinados momentos, como na publicação de telegramas<sup>19</sup> enviados pelo Papa às autoridades dos Países Baixos, Luxemburgo e Bélgica, escritos a princípio como uma forma de expressar a solidariedade do Vaticano em relação às invasões que estavam em curso, sem citar o nazismo ou o nome de Hitler. O que, no entanto, não falhou em gerar animosidade entre a Santa Sé, a Alemanha e a Itália (CORWELL, 2002, p. 243).

À medida que Pacelli enfrentava as escolhas morais extremas e as crises do conflito que se aproximava, duas coisas parecem claras à luz do seu papel central na conspiração para derrubar Hitler durante a guerra do crepúsculo: quaisquer que fossem as suas decisões, boas ou más, elas eram suas; e ele não tinha medo por causa de sua segurança pessoal. (CORNWELL, 2002, p. 240, tradução nossa)

As circunstâncias do momento eram de extrema vulnerabilidade e Pacelli conseguiu proteger o Vaticano contra possíveis invasões por parte dos exércitos nazifascistas, além de proteger a si mesmo por meio de isolamento até a queda de Mussolini. Além disso, o Vaticano fora afetado pelas pressões da Inglaterra e França contra o fascismo por suas tentativas de proteger a cidade de Roma contra bombardeios, uma vez que o território da Cidade do Vaticano se encontra dentro da capital italiana. No entanto, os pedidos de Pio XII com frequência eram analisados demasiadamente pelos opositores do nazifascismo e havia grande desconfiança sobre o real papel que Pio XII havia tomado durante a guerra (CORNWELL, 2002).

---

<sup>19</sup> VATICANO. 1940. “*Paternali messaggi di S. S. Pio XII al Re del Belgio, alla Regina d'Olanda e alla Granduchessa del Lussemburgo*”. *L'Osservatore Romano della Domenica*. A Santa Sé, 1940. Disponível em: <[https://www.osservatoreromano.va/it/osservatore-della-domenica/pdfreader.html/odd/pdf/OsservatoreDellaDomenica\\_19400519\\_20.pdf.html](https://www.osservatoreromano.va/it/osservatore-della-domenica/pdfreader.html/odd/pdf/OsservatoreDellaDomenica_19400519_20.pdf.html)> Acesso em: 4 de abril de 2023

Publicamente, este se colocava como imparcial, porém, de forma a analisar as insatisfações sutilmente demonstradas publicamente, seria válido colocar Pacelli como opositor ao nazismo, e não a favor, ainda que tenha optado por investidas imparciais. Nesse sentido, pode-se afirmar que a imparcialidade fora um mecanismo de prudência com a intenção de preservar o interesse do Vaticano: a sua sobrevivência e a dos fiéis.

Para Cornwell (2002), a presença do Vaticano, concentrada na figura de Pacelli no período de seu papado, em acordos e tentativas de mediação fora cobrada em especial pelos opositores ao fascismo, como Inglaterra e França, e exigiam que este pudesse de certa forma dissuadir Mussolini de tentativas de invasão em outros países. No entanto, a diplomacia dentro de um contexto tão frágil pode ser efetiva apenas até certo ponto, a exemplo do caso da Croácia<sup>20</sup> durante o conflito mundial. Pio XII tinha conhecimento da natureza atroz na Croácia, porém falhou em usufruir de seus recursos para um melhor desfecho, o que foi traduzido como uma espécie de complacência aos massacres que ocorreram, muitos de caráter antissemita.

Zucotti (2003) trata da herança antissemita da Santa Sé, em especial nas publicações no jornal *L'Osservatore Romano*, antes do papado de Pio XII, o que, aliando-se ao contexto da política externa pontifícia, poderia trazer a imagem de que este também fosse adepto do repúdio aos judeus e isto seria evidente nas publicações jornalísticas, no entanto, após o início de seu pontificado em 1939, as menções aos judeus, outrora racistas, passaram a ser benignas. Pouco poderia ser dito perante um contexto tão frágil para a segurança do Vaticano e dos católicos vivendo em zonas de risco, mas ainda assim, alguns pronunciamentos merecem destaque dentro deste contexto. A primeira menção sobre a ida forçada de judeus para um campo de concentração, que na época ainda não havia informações o suficiente para saber o que de fato ocorria nestes campos, foi feita em novembro de 1939, narrando os acontecimentos e quantidades de indivíduos levados à Reserva Lublin. Nos meses seguintes, declarações parecidas foram feitas sobre a situação dos judeus na época, que progressivamente se escalou para o cenário de completa quebra dos direitos humanos.

A autora segue o estudo afirmando que a posição de neutralidade foi mantida com algumas ressalvas, a exemplo de quando uma frase sobre o número de mortos em um bombardeamento na cidade ucraniana de Lvov e em um alvejamento de refugiados no campo de concentração de Lublin, na Polônia. Outro momento em que a neutralidade foi questionada, mas não excluída,

---

<sup>20</sup> Factsheet on the Roma Genocide in Croatia **COUNCIL OF EUROPE**, 2024. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/roma-genocide/croatia>> Acesso em: 7 de agosto de 2024.

foi a doação de uma quantidade indefinida, porém aparentemente significativa, para os refugiados que escaparam da Romênia por parte de Pio XII. Pouco tempo depois, os limites da neutralidade estavam esgarçados por meio da publicação da declaração do chefe dos bispos poloneses, August Hlond, que clamava por força do povo da Polônia (ZUCOTTI, 2003).

Dessa forma, apesar da identidade construída no papado de Pio XI, indispensável para entendermos quem foi Eugenio Pacelli antes do seu pontificado e como a Igreja captou o início do nazifascismo, tenha sido mantida, foi feita de forma parcial. Pacelli, agora Pio XII, foi capaz de reformar, de certa forma, as bases deixadas pelo Papa Ratti, cuja indignação perante a falha da concordata com o Terceiro Reich fora explícita e exigiu que Pacelli usufruísse de artifícios diplomáticos com a finalidade de proteger a Igreja e seus fiéis, ainda que os proteger na Alemanha nazista não tenha sido bem-sucedido, foi capaz de, secretamente, abrigar judeus em lugares religiosos e proteger parte dos cristãos.

As ideias, normas e percepções que emergiram na Segunda Guerra Mundial pressionaram a Santa Sé a se manifestar de forma indireta e neutra sobre as insatisfações com Hitler e Pio XII as fez de forma sutil, o que não foi aplicado a seu repúdio em relação ao comunismo, uma vez que as consequências deste desgosto não podiam ser comparadas com aquelas advindas da Alemanha da época. Pode-se afirmar que esta identidade construída por Achilles Ratti e adaptada por Eugenio Pacelli é altamente controversa entre intelectuais da área, na qual não há consenso sobre a idoneidade dos atos do Vaticano.

Muitos afirmam que houve negligência ou a formação de uma aliança suspeita com Adolf Hitler (CORNWELL, 2002; DESCHNER, 1991), porém a política externa vaticana seguiu seu curso diplomático equilibrado, sempre visando a proteção do catolicismo e de seus seguidores, além da proteção da própria Sé Apostólica. Com base nos documentos e produção bibliográfica, seria possível afirmar que os interesses estatais, historicamente, sempre prevalecem diante das ações tomadas no âmbito doméstico e externo na Santa Sé, cuja existência milenar nos diz muito sobre o sucesso desta estratégia para a sobrevivência da mesma como *player* no cenário internacional, consolidada desde antes da materialização do poder temporal na forma do Estado da Cidade do Vaticano.

A neutralidade foi um conceito chave que fundamentou toda a política externa pontificia em relação aos líderes nazifascistas e, conseqüentemente, fora crucial para consolidar a segurança do Vaticano, pois no caso de qualquer deslize, o Estado correria severos riscos de invasão. O mesmo não pode ser dito em relação aos pronunciamentos sobre a União Soviética,

e manteve-se o posicionamento anticomunista da Igreja sobre quaisquer atrocidades que pudessem ser ligadas ao regime soviético. Um exemplo desse esforço pela neutralidade pode ser encontrado no discurso de 2 de junho de 1940, intitulado “Discurso de Sua Santidade Pio XII às Populações sob Ocupação Estrangeira”<sup>21</sup>, no qual, mais uma vez, são lamentados os eventos, mas não os perpetuadores dos mesmos:

E se Deus, nos seus conselhos inescrutáveis e sempre justos para o governo do mundo, nos tivesse permitido de alguma forma conter o curso sangrento dos acontecimentos! Agora que o nono mês da guerra chegou ao fim e a guerra mais impetuosa e exterminadora nos campos sangrentos e nos mares traiçoeiros, sob o relâmpago dos navegadores voadores, a luta se intensifica e se estende até mesmo a povos estranhos à disputa, aqueles semanas agitadas, oscilando entre a sucessão de medos e esperanças, quando Nós, ainda atraídos pelos leves lampejos de paz, conscientes dos deveres do Nosso ministério Apostólico, seguindo os impulsos do Nosso coração, consagramos todos os Nossos pensamentos e esforços ao bem- ser de todos os povos, trabalhando para dissuadir os governantes de recorrer à violência e para conquistá-los para a ideia de uma regulamentação pacífica, justa, honrada, proporcional a um sentido de responsabilidade perante os homens e perante Deus. (PIO XII, 1940)

Tal trecho demonstra as mãos atadas da Sé Apostólica perante os ataques vividos na época, e como mencionado, não havia formas de demonstrar publicamente insatisfações sem que as consequências fossem devastadoras para o Vaticano, portanto, seguiu-se mais um ano no qual o que poderia ser publicado de forma relativamente segura eram condolências aos países afetados pela guerra e desprezo pelo regime soviético, e clama por fé em Deus e na oração para lidar com as circunstâncias. Esta postura se sucedeu quase que de forma inalterada nos pronunciamentos, porém mais um indício de uma espécie de apoio ao fascismo se deu, por exemplo, no discurso de “Credenciais do novo Embaixador de Portugal junto à Santa Sé”<sup>22</sup>, no qual enaltece o governo português, sob a autoridade fascista de Oliveira Salazar, pelo abrigo de refugiados europeus e o mesmo foi dito<sup>23</sup> em relação ao governo romeno, ainda que o regime vigente não fosse declaradamente fascista. Quase de maneira pendular, o papa também recebeu<sup>24</sup> o embaixador francês, o qual também fora elogiado e consolado pelas tragédias que a França vinha enfrentando na guerra. Tais pronunciamentos só trazem à tona o demasiado

<sup>21</sup> PIO XII. *Discorso di sua Santità Pio XII alle Popolazioni Cadute Sotto L'Occupazione Straniera*. A Santa Sé, 1940. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19400602\\_sempre-dolce.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19400602_sempre-dolce.html)> Acesso em: 5 de abril de 2024

<sup>22</sup> PIO XII. *Credenciais do novo Embaixador de Portugal junto à Santa Sé*. A Santa Sé, 1940. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19401020\\_ambasciatore-portogallo.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19401020_ambasciatore-portogallo.html)> Acesso em: 5 de abril de 2023

<sup>23</sup> PIO XII. *Credenciais do novo Ministro Plenipotenciário da Romênia junto à Santa Sé*. A Santa Sé, 1940. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19401115\\_ambasciatore-romania.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19401115_ambasciatore-romania.html)> Acesso em: 5 de abril de 2023

<sup>24</sup> PIO XII. *Credenciais do novo Embaixador da França junto à Santa Sé*. A Santa Sé, 1940. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19401209\\_ambasciatore-francia.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19401209_ambasciatore-francia.html)> Acesso em: 5 de abril de 2023

esforço para manter a neutralidade e a segurança em um sistema internacional instável, e esta foi a identidade escolhida que marcou profundamente o papado de Pio XII.

Nas encíclicas *Orientalis Ecclesiae*<sup>25</sup> (1944) e *Orientalis Omnes Ecclesias*<sup>26</sup> (1945), sem alterar a posição neutra e pacífica adotada nos anos anteriores, Pio XII disserta sobre a necessidade de valorização e de integração das tradições e espiritualidade das Igrejas Orientais dentro da comunidade católica universal, sem mencionar nenhuma religião em específico, apenas promulgando o ideal de união das Igrejas, sem necessariamente incentivar o diálogo inter-religioso, tendo a primeira mencionado paz e justiça nas Terras Santas. Em outra encíclica<sup>27</sup>, divulgada logo no início de 1946, mantém a solidariedade e a compaixão ao tratar dos povos que sofreram as atrocidades da guerra, sem menção aos governos fascistas ou às etnias destes refugiados, e apela à esperança após um período tão sombrio. A neutralidade fora mantida mesmo que os governos fascistas já tivessem se dissolvido e a guerra acabado formalmente.

Em relação às cartas apostólicas publicadas, o posicionamento neutro e pacífico se manteve, o que mais uma vez, reafirma a identidade nacional do Vaticano dentro do contexto. Quatro cartas de seu pontificado foram enviadas ao ex-presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt, agradecendo o auxílio prestado na busca pela paz e no âmbito humanitário, bem como, novamente, frisando a posição de pacificidade e neutralidade, ainda que de forma sutil.

Apesar da neutralidade pública, quando a Itália fora invadida pelos nazistas em 1945, o Vaticano se prontificou a oferecer alimento e asilo, inclusive político, para judeus e refugiados na residência de verão do pontífice, mosteiros, conventos, e alguns foram protegidos ao se alistarem para o exército papal (CARLETTI, 2012, p. 117). Portanto, apesar de se mostrar como neutro politicamente, Pio XII também se colocou contra os nazistas nos bastidores ao oferecer proteção àqueles caçados pelo nazismo.

Ainda em 1945, os pronunciamentos sobre o extermínio dos judeus pelos nazistas ainda não haviam sido divulgados no jornal vaticano, no entanto, as primeiras preocupações com o

---

<sup>25</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Orientalis Ecclesiae***. A Santa Sé, 1944. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_09041944\\_orientalis-ecclesiae.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_09041944_orientalis-ecclesiae.html)> Acesso em: 5 de abril de 2023

<sup>26</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Orientalis Omnes Ecclesia***. A Santa Sé, 1945. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/en/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_23121945\\_orientalis-omnes-ecclesias.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/en/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_23121945_orientalis-omnes-ecclesias.html)> Acesso em: 5 de abril de 2023

<sup>27</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Quemadmodum***. A Santa Sé, 1946. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_06011946\\_quemadmodum.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_06011946_quemadmodum.html)> Acesso em: 5 de abril de 2023

surgimento de um Estado judeu na Palestina foram exibidas segundo Zucotti (2003). Nas ocasiões em que a questão das Terras Santas era mencionada, o posicionamento de Pio XII sempre fora de clamor pela paz, como visto no restante das pautas conflituosas em seu pontificado. Ferrari (1984) disserta que a Santa Sé tinha uma visão favorável em relação a um mandato britânico na Palestina e, por consequência, sua jurisdição sobre as Terras Santas, porém, após o Reino Unido ter abdicado de seu mandato na Palestina em 1947, o Vaticano não mostrou satisfação sobre a Palestina se tornar um Estado muçulmano. Em agosto de 1946, Pio XII proferiu um discurso<sup>28</sup> direcionado ao Comitê Árabe da Palestina, e apesar da menção da importância que as Terras Santas carregam para a Santa Sé, não haveria parcialidade em relação aos judeus e árabes e o Vaticano manteria sua postura de manutenção da paz e priorizar esforços diplomáticos.

Sem dúvida, a paz só pode ser alcançada na verdade e na justiça. Isto pressupõe o respeito pelos direitos dos outros, pelas posições e tradições particulares, especialmente no campo religioso, e pelo cumprimento preciso dos deveres e obrigações a que está vinculada cada família de habitantes. É por isso que, depois de ter recebido nos últimos dias numerosos apelos e queixas de diferentes partes do mundo e por diferentes razões, consideramos supérfluo dizer-vos que rejeitamos qualquer recurso à força e à violência, de onde quer que venha, tal como condenamos diversas vezes no passado as perseguições do antissemitismo fanático, desencadeadas contra o povo judeu. Sempre mantivemos esta atitude de absoluta imparcialidade nas mais diversas circunstâncias e pretendemos conformá-la também no futuro. Mas é evidente que esta imparcialidade que o Nosso ministério apostólico nos impõe e que Nos coloca acima dos conflitos que agitam a sociedade humana, não pode significar indiferença, especialmente neste momento difícil. (PIO XII, 1946, tradução nossa)

É nesse cenário que surgem as primeiras iniciativas para formação do Estado de Israel, culminada pela Resolução 181<sup>29</sup> da ONU, que resultou na partilha do território da Palestina. O contexto internacional havia se modificado completamente, uma vez neutralizada a ameaça fascista, se encontrava inserido na Guerra Fria, período que persistiu até 1991. A Santa Sé, sob o papado de Pio XII, não abdica de sua postura imparcial e pacífica, porém os anos que se seguiriam seriam cruciais para a grande mudança dentro da Cúria Romana.

## 2.2. O INÍCIO DA GUERRA FRIA E A FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

<sup>28</sup> PIO XII. **Discurso de Sua Santidade Pio XII aos Delegados do Supremo Comitê Árabe da Palestina**. A Santa Sé, 1946. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1946/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19460803\\_comitato-arabo-palestina.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1946/documents/hf_p-xii_spe_19460803_comitato-arabo-palestina.html)> Acesso em: 10 de abril de 2023

<sup>29</sup> BENTO XVI. **PALESTINE PLAN OF PARTITION WITH ECONOMIC UNION – GENERAL ASSEMBLY RESOLUTION 181**. A Santa Sé, 1947. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185393/>> Acesso em: 14 de abril de 2023



Como narrado na história, após o fim da Segunda Guerra Mundial e das ofensivas nazifascistas, um novo período se sustenta a partir de 1945: a Guerra Fria, um embate indireto entre as potências vencedoras da Segunda Guerra, Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A emergência do conflito é crucial para a compreensão do início do conflito entre Israel e Palestina, e iniciá-la-emos com a criação do Estado de Israel em 1948 e o contexto histórico na região da então Palestina que levou ao cenário que culminou na independência israelense.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, estima-se que 6 milhões de judeus (SHINDLER, 2008) tenham sido assassinados durante o Holocausto, e havia grande preocupação sobre criar um país para abrigar os judeus sobreviventes, fator este que culminou na partilha da Palestina por meio da já mencionada Resolução 181 da ONU, aprovada em 29 de novembro de 1947. Assim, o Estado judeu de Israel foi fundado oficialmente dia 14 de maio de 1948. Os autores Shwartz e Wilf (2020) alegam, ao narrar os acontecimentos de origem ancestral vividos pelo povo judeu, que a animosidade entre árabes e judeus se iniciou antes da declaração de independência israelense e as relações instáveis entre os povos podem ser identificadas, por exemplo, nos Acordos Sykes-Picot<sup>30</sup> em 1916, na Declaração de Balfour<sup>31</sup> em 1917, e na Comissão Peel<sup>32</sup> em 1937, entre diversos outros eventos antes de maio de 1948. É importante salientar a interferência de países europeus na pauta em questão, em especial do Reino Unido e da França, os quais, em muitos momentos, fomentaram instabilidades por meio de suas respectivas interferências e interesses na região.

Os Acordos de Sykes-Picot evidenciam o interesse da França e da Grã-Bretanha em proteger e reconhecer um Estado árabe independente, com áreas de influência divididas entre estes países. A Grã-Bretanha, vitoriosa contra o Império Otomano na Primeira Guerra Mundial, passou a controlar o território da Palestina oficialmente sob o denominado Mandato Britânico, vigente entre os anos 1917 e 1937, o qual configurava uma ordem institucional formalizada. O Império Otomano perdera a Palestina em 1917, e o Mandato Britânico se iniciou oficialmente

---

<sup>30</sup> ACORDOS de Sykes-Picot. 15 & 16 de maio de 1916. Disponível em: <<https://resources.saylor.org/wwwresources/archived/site/wp-content/uploads/2011/08/HIST351-9.2.4-Sykes-Picot-Agreement.pdf>>

<sup>31</sup> DECLARAÇÃO de Balfour. 2 de novembro de 1917. Disponível em: <[https://www.files.ethz.ch/isn/125415/8008\\_Balfour\\_Declaration.pdf](https://www.files.ethz.ch/isn/125415/8008_Balfour_Declaration.pdf)>

<sup>32</sup> PEEL, W. (et al.) *Report of the Palestine Royal Commission*. Julho de 1937. Disponível em: <[https://ecf.org.il/media\\_items/290](https://ecf.org.il/media_items/290)>

em 1923 após a Liga das Nações ter cedido o território e passou a controlá-lo por completo (SALGADO NETO, 2017).

Ainda em 1917, a Declaração de Balfour fundamentava legalmente a instalação de um Estado judeu na Palestina, desde que não houvesse prejuízo os direitos religiosos e cívicos dos povos não-judeus. Vinte anos depois com a Comissão Peel de 1937, apesar de terem classificado a questão entre árabes e judeus como irreconciliável, fora proposta a repartição do território entre dois Estados – a então conhecida como *Two-State Solution*, apoiada por diversos países, um deles sendo o Vaticano (FERRARI, 1984). A premissa de que os judeus tinham direito a um Estado próprio foi cunhada principalmente por Theodor Herzl, que apesar de não ser judeu, criou uma das mais importantes obras do sionismo moderno, o *Der Judenstaat*, publicado em 1896 (SHINDLER, 2008). Salgado Neto (2017) descreve a situação da seguinte maneira:

Com isso, percebe-se que o Mandato da Palestina era um regime peculiar dentre os mandatos, pois era uma ordem institucional dedicada não apenas a administrar um território habitado por uma comunidade estabelecida, mas também possuía um claro objetivo de estabelecer no local uma sociedade formada por imigrantes. Desde então, os árabes palestinos se viram diante de um desafio duplo: lutar contra um movimento político antagônico e agir em meio a uma nova estrutura institucional criada para administrar a Palestina. Sobretudo, o desafio era lutar contra o projeto sionista levando em consideração que ele possuía o aval da autoridade responsável por governar o território. (SALGADO NETO, 2017, p. 118)

Dentro da Palestina, havia famílias que eram altamente influentes dentro da esfera governamental, conhecidas como os “notáveis”, que antecederam o Mandato Britânico e se consolidaram nacionalmente durante o Império Otomano. Portanto, quando o Reino Unido realizou a ocupação, tais famílias ocuparam o papel de mediadoras perante o domínio britânico e a população e as autoridades inglesas mantinham um diálogo com estes, em especial com as famílias Husseini e Nashashibi, que se opunham veementemente ao sionismo. Tal oposição, junto da rejeição da imigração judaica em massa em 1933, levou Hajj Amin al-Husseini, então presidente do Supremo Conselho Muçulmano, a criar laços com Adolf Hitler e consolidou uma aliança com a Alemanha em 1941 (SALGADO NETO, 2007).

Antes desta consolidação, durante a década de 30, a Palestina passou por grandes revoltas por parte dos árabes, que se opunham violentamente contra o sionismo e a presença judia nas políticas do país. Os notáveis optaram por uma abordagem pacífica e cooperativa, ao lidar com o Mandato Britânico e defender os interesses dos árabes por meio de mecanismos institucionais e legais, dentro da ordem estabelecida. Em contrapartida, os ativistas expressavam suas insatisfações por meio de manifestações violentas, em especial contra agentes do Mandato

Britânico e judeus que ali viviam. Tais revoltas foram cruciais para o fim da presença britânica em 1937, o mesmo ano de publicação da já mencionada Comissão Peel e a defesa da *Two-State Solution* que desencadeou uma série de revoltas violentas pelo Estado (SALGADO NETO, 2007).

Ainda durante a década de 30, mais precisamente em 1933, foi elaborado o Acordo de Haavara<sup>33</sup> entre judeus alemães e o Terceiro Reich, o qual facilitaria a imigração dos judeus para a Palestina. Para Hitler, era viável que os judeus que habitavam a Alemanha se deslocassem, porém também fora uma estratégia para vender bens alemães no Oriente Médio, uma vez que o dinheiro dos judeus que emigraram ficara na Alemanha e com este, bens alemães foram comprados para serem vendidos no exterior pelos judeus (MELKA, 1982).

Neste sentido, nos deparamos com um cenário volátil, no qual iniciativas diplomáticas dos envolvidos já não exerciam o efeito desejado e havia uma pressão externa para a formação de dois Estados com a finalidade de atender aos interesses das partes, o que culminou no já mencionado contexto político-social de 1948 com a fundação oficial do Estado de Israel. Estruturalmente, o mundo vivia os primeiros anos da Guerra Fria e da polarização entre Estados Unidos e União Soviética em um cenário pós-Segunda Guerra Mundial, e tanto o conflito Israel-Palestina como a política externa do Vaticano não saíam ilesos deste fenômeno.

Após 1945, vê-se um sistema marcado pela *Pax Americana*, ou seja, a hegemonia dos Estados Unidos e, junto do *American way of life*, levou o capitalismo para o seu pico de sucesso, tornando-se mundial, enquanto o comunismo soviético, apesar de expressiva influência, a exercia apenas regionalmente. É válido salientar que no momento as instituições ganharam um protagonismo diferenciado no sistema internacional com o surgimento e peso da Organização das Nações Unidas, ator crucial dentro do objeto deste estudo (VISENTINI, 2021).

Historicamente, o Vaticano era contrário ao comunismo e a neutralidade da Segunda Mundial fora deixada de lado em prol de um posicionamento publicamente a favor dos Estados Unidos, um antigo aliado da diplomacia pontifícia. Pio XII contundentemente condenava o comunismo e a ameaça que este representava para o mundo. Neste âmbito, a figura do Cardinal Spellman se destaca pela sua proximidade com Pio XII e pelo seu papel como representante dos interesses papais nos EUA, com o qual havia grande consonância sobre neutralizar a

---

<sup>33</sup> ACORDO DE HAAVARA. 1937. Disponível em: <<https://digital.kenyon.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1392&context=bulmash>>

ameaça comunista na Europa. No Natal de 1945<sup>34</sup>, o papa realiza votos de felicidade pelo fim da Segunda Guerra, mas não sem salientar e deixar claro que em tempos de tamanha instabilidade, o comunismo totalitário não era a resposta para os países afetados politicamente e o criticou diretamente, fator este muito contrastante em relação aos delicados pronunciamentos de alguns anos atrás (CARLETTI, 2012).

Nas fronteiras de cada nação particular, assim como no seio da grande família das nações, o totalitarismo do Estado forte é incompatível com uma democracia verdadeira e saudável. [...] A obra futura de paz quer banir do mundo todo uso agressivo da força, toda guerra ofensiva. Quem não poderia saudar de coração um tal propósito, e especialmente sua eficaz implementação? No entanto, se isso não deve ser apenas um gesto bonito, é necessário excluir toda opressão e arbitrariedade de dentro e de fora. Diante dessa situação incontestável, uma única solução permanece: o retorno a Deus e à ordem estabelecida por Deus. (PIO XII, 1945, tradução nossa)

É válido ressaltar que em relação à União Soviética, o Vaticano não era minimamente contra expor suas insatisfações perante o Estado totalitário enquanto este estivesse ligado ao comunismo, no entanto, recentemente<sup>35</sup> descobriu-se evidências que afirmavam que Pio XII, de fato, tinha conhecimento do Holocausto antes da concretização do mesmo por meio de uma carta escrita por Lothar Koenig. O papa, em teoria, saberia sobre um genocídio contra diversos indivíduos, em especial judeus, desde 1942<sup>36</sup>, segundo BBC News Brasil. Há grandes controvérsias entre pesquisadores sobre o nível de responsabilidade detida pelo Vaticano nos turbulentos eventos da Segunda Grande Guerra, no entanto, busca-se, com esta informação, salientar o contraste em relação aos Estados totalitários que afetavam a política internacional e como se deu a política externa do Vaticano neste dois momentos, e no contexto da Guerra Fria, a crítica à URSS era explícita.

Houve, inclusive, doações financeiras dos Estados Unidos para que a palavra anticomunista continuasse sendo disseminada pelos agentes católicos e claro apoio da Igreja a partidos democráticos cristãos, e com a Itália inserida em um contexto volátil anterior às primeiras eleições democráticas de 1948, a política vaticana era levada em consideração pelos italianos (CARLETTI, 2012).

<sup>34</sup> PIO XII. *Discorso di Sua Santità Pio XII “Negli Ultimi Sei Anni”*. A Santa Sé, 1945. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1945/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19451224\\_negli-ultimi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1945/documents/hf_p-xii_spe_19451224_negli-ultimi.html)> Acesso em: 20 de abril de 2023

<sup>35</sup> ALONSO, J. F. “‘Papa de Hitler’ ou ‘salvador dos judeus’?: quem foi Pio 12 e por que seu papel na 2ª Guerra segue polêmico”. *BBC*, [<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51qy47kgw9o>]

<sup>36</sup> BBC News. “A carta que mostra que papa Pio 12 provavelmente sabia do extermínio nazista em 1942 – antes do que admite o Vaticano”. *BBC*, [<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c03v4g5p5rjo>]

No âmbito documental, além do discurso de Natal citado acima, o posicionamento anticomunista da Igreja fora evidente em diversos documentos pontifícios, a exemplo do marcante Decreto do Santo Ofício de 1949<sup>37</sup>, o qual determina que qualquer tipo de associação ao comunismo era proibido dentro da Igreja Católica e passível de excomunhão. Este decreto previa que era proibida a adesão ou favorecimento a quaisquer partidos comunistas; consumo, publicação ou disseminação de leituras que prestassem apoio à doutrina comunista; e professar a favor ou defender a doutrina comunista. Qualquer evidência de que um membro da Igreja estivesse engajado em tais atividades, a excomunhão era a punição.

Bialer (2005) afirma que a questão da neutralidade do Vaticano se mantinha em algumas pautas, como na divisão territorial entre judeus e palestinos, sem, no entanto, deixar de apoiar a internacionalização das Terras Santas, posição esta que será crucial na política externa da Santa Sé perante o conflito na região. Todavia, os trâmites políticos que ocorreram na época não eram tão nítidos, uma vez que a Igreja Católica, preocupada com a administração dos lugares sagrados na cidade de Jerusalém, manifestou forte oposição a qualquer tentativa de Israel e Palestina estabelecerem decisões unilaterais sobre o destino do local, o que minaria a proposta de internacionalização. Não havia qualquer inclinação por parte da Igreja de que Jerusalém fosse dos israelenses ou palestinos, a internacionalização era chave para o sucesso da diplomacia pontifícia na região, ainda que as prospecções para tal não fossem boas.

O papado de Pio XII se inclinava diplomaticamente para os Estados Unidos dentro do contexto da Guerra Fria, e assim este se refletia diante das posições tomadas no conflito Israel-Palestina. Era evidente que a Santa Sé não era a favor de que tanto Israel quanto a Palestina fossem passíveis de realizar alterações na dinâmica da cidade sagrada, o que não favorecia as iniciativas de internacionalização (BIALER, 2005, p. 10). Outro ponto de atrito era a segurança dos cristãos da região e dos lugares sagrados. Vários lugares e objetos de extremo valor, monetário e religioso, haviam sido depredados pelas Forças Armadas Israelenses, o que fomentou um sentimento antissemita por parte da Igreja, ainda que o Primeiro Ministro de Israel da época, David Ben-Gurion, tivesse tomado as providências necessárias, apesar de um tanto extremas, diante do ocorrido, decretando que aqueles que fossem vistos depredando lugares sagrados, eram passíveis de serem feridos com metralhadoras por outros membros das Forças Armadas.

---

<sup>37</sup> SANTA SÉ. Decreto do Santo Ofício sobre a excomunhão dos comunistas. Pio XII, 1 jul. 1949. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/caleblx/documents/communism.html>>

Bialer (2005) considera em sua obra que Pio XII era irredutível sobre o reconhecimento de Israel devido a receios do Estado, tão recentemente fundado, se tornasse comunista diante do contexto internacional apresentado, no entanto, esta foi a interpretação do então embaixador dos EUA, James McDonald, que visitara Israel logo após sua fundação em 1948. Pio XII também considerara um ultraje que o governo estadunidense havia reconhecido Israel tão rapidamente e não fizera o mesmo pelo Vaticano.

As relações israelo-vaticanas na época não eram frutíferas, Pio XII já havia deixado seu posicionamento claro, ainda que tenha ajudado inúmeros judeus durante a Segunda Guerra Mundial, reconhecer o Estado de Israel era um passo fora de cogitação para Pacelli, o que, de acordo com Bialer (2005) parecia vir muito mais de uma vontade de obter controle sobre as Terras Santas do que de crenças antisemitas. No entanto, diplomatas estadunidenses estavam dispostos a conectar os dois lados por meio de reuniões entre os envolvidos, e, apesar de Israel compreender que não seria reconhecido como Estado tão cedo pelo Vaticano, estava disposto a construir relações pacíficas com o mesmo e a mostrar que não havia qualquer tipo de ameaça comunista na política israelense.

Ao direcionar o foco para as relações cristãs-judaicas, a Conferência de Seelisberg de 1947<sup>38</sup> – também conhecida como Conferência Internacional Emergencial sobre Antissemitismo – teve grande importância ao delimitar dez pontos com a finalidade de arrefecer o antissemitismo no pós-Segunda Guerra e proporcionar um novo relacionamento entre as doutrinas cristãs e judaicas. A Conferência de Seelisburg procedeu a Conferência de Oxford que, no ano anterior, trouxe consigo princípios de tolerância como um todo, inclusive religiosa, com o objetivo de lutar contra repressões, afirmando que o ódio afeta a todos no mundo. Outra motivação crucial para a criação da conferência foi o histórico antissemita da Igreja, que contribuiu para a discriminação e, no momento, buscava contribuir para a melhora com a elaboração do documento (RUTISHAUSER, 2007).

A principal contribuição da conferência foi o estabelecimento dos dez pontos de Seelisburg que, resumidamente, prega a tolerância ao afirmar que há apenas um Deus; Jesus tinha uma mãe de origem judia, assim como seus apóstolos, discípulos e mártires; o fundamento do cristianismo é amar o próximo, como colocado desde o Antigo Testamento, e, no mais, não realizar qualquer tipo de discriminação contra judeus, em especial usufruir das escrituras fora

---

<sup>38</sup> RUTISHAUSER, C. The 1947 Seelisburg Conference: The Foundation of the Jewish-Christian Dialogue. *Studies in Christian-Jewish Relations*, Boston, vol. 2, 34-53, 2007.

de contexto para fazê-lo. Em termos práticos, Rutishauser (2007) sugere que a educação sobre os perigos do antissemitismo e sobre religião seja o caminho ideal para neutralizar a discriminação por meio de disseminação de fatos corretos sobre judaísmo, e não reforçar estereótipos negativos que alimentam o preconceito.

Apesar dos esforços para arrefecer as tendências antissemitistas disseminadas pela Igreja, o relacionamento diplomático entre Israel e Vaticano nesse contexto não era de mútua confiança, dada a insistência do segundo sobre a internacionalização das Terras Santas sob o cenário histórico volátil do final da década de 40. A priori, não havia preferências, por parte da Santa Sé, sobre quem teria o controle das Terras Santas, fosse Israel ou Palestina, a decisão ideal para a Igreja seria a presença de uma terceira parte – neste caso, da ONU – no entanto, se esta posição não fosse possível, havia maior inclinação por um domínio árabe do que israelense na região, visto como um “mal menor”. Não só o Vaticano era desfavorável ao controle por parte de Israel em relação às Terras Santas, como a criação em si de um Estado judaico não era bem vista ou bem quista pela Igreja (FERRARI, 1984, p. 262).

A Associação Católica de Bem-Estar do Oriente Próximo (cujas sigla é CNEWA, derivada de *Catholic Near East Welfare Association*), organização católica que presta serviços humanitários e pastorais no Oriente Médio, adotara uma posição mais neutra, não demonstrando preferência por nenhum Estado, e prezava pela única condição de que os interesses da comunidade cristã, considerada minoria, ali presente fossem considerados e garantidos na tomada de decisão, bem como a segurança dos lugares sagrados. Durante a repartição do território pela Resolução 181 da ONU, a Santa Sé não se pronunciou publicamente, porém o Cardinal Spellman declarou para o embaixador estadunidense no Iraque o desejo da Igreja de que a ONU tivesse jurisdição sobre as Terras Santas e salvaguardar os direitos das minorias católicas (FERRARI, 1984).

O interesse da Igreja era primordialmente sobre a questão das Terras Santas e sobre quem ficaria responsável pela região no que tangia a repartição do território. No texto da Resolução, foram estabelecidos plenos direitos e preservação de lugares sagrados, liberdade de culto, proibição de taxações sobre o local, e tais pontos seriam fiscalizados pelo Governador da Cidade de Jerusalém, figura que contaria com privilégios e imunidade. Em relação aos direitos religiosos e das minorias, fora garantida plena liberdade de culto, protegida de discriminações, desde que respeitasse a ordem e moral públicas (NAÇÕES UNIDAS, 1948). Assim, a ONU estabelecia a *Two-State Solution* e a internacionalização da Cidade de Jerusalém, colocada

como *corpus separatum* e administrada pelas Nações Unidas, no entanto, a proposta foi prontamente rejeitada pela Palestina e o conflito se instalou no primeiro semestre de 1948 (SHINDLER, 2008, p.44).

A neutralidade do Vaticano foi mantida desde antes da elaboração da Resolução, com pequenos depoimentos insinuando vagamente certa insatisfação com a criação do Estado de Israel, mas nenhuma vindo de Pio XII (BIALER, 2005). O papa já havia se pronunciado a favor da paz, mas em sua encíclica *Auspicia Quaedam*<sup>39</sup>, diz que: “É sabido que os lugares santos da Palestina já de há muito tempo são perturbados por acontecimentos lutosos, e são quase todos os dias devastados por novos morticínios e ruínas” (PIO XII, 1948), e não menciona Israel, nas vésperas de sua independência, ou judeus. As mesmas súplicas por pacificidade e orações em prol do fim do conflito são vistas em suas cartas encíclicas, *In Multiplicibus Curis*<sup>40</sup> e *Redemptoris Nostri Cruciatu*<sup>41</sup> – respectivamente, de outubro de 1948 e abril de 1949 – em ambas as datas, a guerra já havia sido declarada e o Estado de Israel já havia sido fundado, no entanto, o papa disserta sobre a guerra na Palestina, especificamente, sem menções ao novo Estado israelense.

3. Antes ainda que iniciasse o conflito armado, ao falar a uma delegação de notáveis árabes que nos veio homenagear, manifestamos a nossa mais viva solicitude pela paz na Palestina e, condenando todo recurso à violência, declaramos que ela não podia ser realizada a não ser na verdade e na justiça, isto é no respeito aos direitos de todos, às tradições, especialmente no campo religioso, assim como no fiel cumprimento de deveres e obrigações de cada grupo de moradores. Iniciada a guerra, sem nos afastar da atitude de imparcialidade a que somos obrigados pelo nosso ministério apostólico que nos põe acima dos conflitos que agitam a sociedade humana, não deixamos de agir, no que nos era possível, para o triunfo da justiça e da paz na Palestina e o respeito e a proteção dos lugares sagrados. (PIO XII, 1948).

Os dois lados, árabe e israelense, foram responsáveis por degradação e destruição de lugares sagrados bem como colocar em risco membros da Igreja e a comunidade cristã, e as tentativas do Primeiro-Ministro israelense não foram bem-sucedidas ao tentar convencer o Vaticano de que tudo corria bem, em especial em relação aos refugiados árabes cristãos e sua repatriação, uma vez que 75% destes que antes ocupavam o território que agora pertencia a Israel estavam exilados e a Igreja tinha como condição para uma aproximação com Israel, que estes refugiados

<sup>39</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Auspicia Quaedam***. A Santa Sé, 1948. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_01051948\\_auspicia-quaedam.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01051948_auspicia-quaedam.html)> Acesso em: 20 de abril de 2023

<sup>40</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *In Multiplicibus Curis***. A Santa Sé, 1948. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_24101948\\_in-multiplicibus-curis.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_24101948_in-multiplicibus-curis.html)> Acesso em: 10 de maio de 2023

<sup>41</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Redemptoris Nostri Cruciatu***. A Santa Sé, 1949. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_19490415\\_redemptoris-nostri-cruciatu.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_19490415_redemptoris-nostri-cruciatu.html)> Acesso em: 10 de maio de 2023



retornassem. Todavia, estas condições não foram aceitas pelo Primeiro-Ministro, o que extenuou as relações Vaticano-Israel (FERRARI, 1984, p. 271-272).

A iniciativa de internacionalizar Jerusalém era apoiada por diversos países além do Vaticano, a exemplo da França, Espanha, Itália, EUA, URSS e o Leste Europeu, porém, a proposta de dividir a soberania da cidade entre Israel e Palestina, além de manter a proteção dos lugares sagrados a um comissário da ONU era muito mais viável e, assim, estratégia de internacionalização perdeu força (FERRARI, 1984).

A Resolução 194<sup>42</sup> da ONU de 1948 foi criada com a finalidade de delimitar o que aconteceria com Jerusalém para apaziguar as tensões na Palestina por meio de uma Comissão Conciliatória que seria responsável por demarcar as funções do Mediador das Nações Unidas na Palestina; facilitar o desenvolvimento econômico na região; atender a funções delegadas pelo Conselho de Segurança ou Assembleia Geral; e assumir a responsabilidade designada ao Mediador das Nações Unidas na Palestina ou pela Comissão de Trégua das Nações Unidas. A aprovação dos países que formariam a Comissão deveria ser validada pelo Conselho de Segurança, com certa urgência, além de clamar pelos governos dos Estados envolvidos – Israel e Palestina – para que buscassem realizar um acordo, pois a Resolução tinha o objetivo de ratificar a internacionalização de Jerusalém, incluindo desmilitarização, garantindo proteção aos lugares sagrados e aos visitantes. A premissa era de estabelecer um regime internacional em Jerusalém que garantisse o máximo de autonomia para os grupos que ali viviam, passível de contar com a ajuda de mais um funcionário das Nações Unidas para executar o que fora acordado entre as partes (NAÇÕES UNIDAS, 1948).

A questão dos refugiados que desejavam retornar foi concedida com direito à compensação financeira pela perda ou danos às propriedades destes, além de facilitar a repatriação e manter contato com o Diretor das Nações Unidas para o Auxílio de Refugiados Palestinos. As Nações Unidas também tinham a obrigação de fornecer o necessário para que a Resolução fosse executada corretamente, no entanto, a resolução fora rejeitada por Israel e pela Palestina (NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Nos anos seguintes, o posicionamento público de Pio XII se manteve em relação aos apelos pela paz mundial, internacionalização de Jerusalém e direitos dos refugiados palestinos, em

---

<sup>42</sup> PALESTINE – PROGRESS REPORT OF THE UNITED NATION MEDIATOR – GENERAL ASSEMBLY RESOLUTION 194 (III). 11 de dezembro de 1948. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/wp-content/uploads/2016/06/ARES194III.pdf>>

especial os católicos, e estas pautas, essencialmente, se mantiveram desta forma até o final de seu pontificado em 1958. Destaca-se os seguintes documentos desde a Resolução 194 até o falecimento de Eugenio Pacelli em 1958: Encíclicas *Anni Sacri*<sup>43</sup>, *Summi Maeroris*<sup>44</sup> e *Mirabile Illud*<sup>45</sup> - todas descrevem apelos pela paz mundial e foram publicadas em 1950. Após este ano, nenhuma outra encíclica menciona a questão de Israel e Palestina ou a internacionalização de Jerusalém, ou seja, houve uma exponencial queda em termos de importância do assunto na agenda da Santa Sé, com outras pautas ganhando mais protagonismo, como a emergência do comunismo.

Em 1958, Eugenio Pacelli faleceu em decorrência de saúde debilitada, encerrando um dos papados mais marcantes da história, sob condições históricas únicas que trouxeram polêmicas e desacordos entre intelectuais da área, mas que não falhou em priorizar os interesses da Santa Sé e da comunidade cristã. Foi considerado por alguns como “o último papa” (CORNWELL, 2002, p. 2) por manter-se firme a conceitos como o anticomunismo, a neutralidade diante de conflitos, a internacionalização de Jerusalém para manter a margem de manobra do Vaticano, entre outros eventos, alguns destes altamente conflitantes, como a pergunta se Pio XII sabia ou não do Holocausto antes do mundo descobrir a natureza dos campos de concentração.

### 2.3. O CONCÍLIO VATICANO II E A TRANSIÇÃO DA IGREJA PARA A MODERNIDADE

Com a morte de Pio XII, a Igreja Católica enfrentou uma transição significativa com a eleição de Angelo Roncalli como seu sucessor, adotando o nome de João XXIII. Conhecido por sua disposição em romper com os padrões e identidades antigas da Igreja, João XXIII trouxe uma nova perspectiva ao papado, marcada pela abertura ao diálogo e pela modernização de vários aspectos ideológicos da Santa Sé. Seu curto pontificado, de 1958 a 1963, foi suficiente para provocar mudanças profundas e duradouras na Sé Apostólica, estabelecendo um contraste marcante com a abordagem de seu predecessor. Um dos principais pontos contrastantes seria

<sup>43</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Anni Sacri***. A Santa Sé, 1950. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12031950\\_anni-sacri.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12031950_anni-sacri.html)> Acesso em: 20 de maio de 2023

<sup>44</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Summi Maeroris***. A Santa Sé, 1950. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_19071950\\_summi-maeroris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_19071950_summi-maeroris.html)> Acesso em: 20 de maio de 2023

<sup>45</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Mirabile Illud***. A Santa Sé, 1950. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_06121950\\_mirabile-illud.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_06121950_mirabile-illud.html)> Acesso em: 20 de maio de 2023

como a figura de Roncalli tinha um grande peso para os judeus<sup>46</sup>, pois este foi crucial para o auxílio às vítimas judias da Segunda Guerra Mundial, nomeando-o um dos “maiores heróis do século XX”. Na Itália, é conhecido como “o bom papa” (THE INTERNATIONAL RAOUL WALLENBERG FOUNDATION et al., 2009) e em outros lugares, como “papa do diálogo” (CARLETTI, 2012, p. 127), dada sua abertura para discussão de novos temas dentro da Santa Sé.

Um dos seus maiores feitos foi a convocação do segundo Concílio Vaticano, formalmente aberto em 25 de janeiro de 1959, e o objetivo principal era abrir a Igreja para o diálogo, o que veio a quebrar com o anticomunismo tão característico de Pio XII ao propor relações diplomáticas com países do Oriente. Esta inclinação vinha de seu passado enquanto Núncio na região, e acreditava que um melhor relacionamento com o Oriente era altamente necessário (CARLETTI, 2012), o que incluía também, um bom relacionamento com os judeus, o que encorajou Israel após um papado indisposto em construir laços com o Estado israelense. Foi durante uma conversa entre João XXIII e Maurice Fischer – então vice-diretor-geral do Ministério – no dia 9 de fevereiro de 1959 que o papa abordou os interesses de Israel com muita diplomacia e carisma, que culminou em uma reviravolta positiva para as relações Israel-Vaticano, em especial ao atender o pedido de Fischer por um vigário apostólico no Estado israelense. Foi deixado claro que isso não era o estabelecimento de relações diplomáticas com o Estado de Israel, e sim uma forma de atender à comunidade católica na região, portanto o vigário apostólico não deveria ser confundido com um Núncio (BIALER, 2005).

Levando em conta as reservas de Tardini e a recusa em aceitar a perspectiva de uma representação israelense no Vaticano, e com medo de um otimismo excessivo, o embaixador israelense em Paris, Yaakov Tsur, descreveu a reunião como uma ‘quebra do gelo, mas ainda não um degelo.’ Devido à inacessibilidade da documentação do Vaticano daquela época, só se pode conjecturar o que levou a Santa Sé a permitir essa ‘quebra do gelo’ no início de 1959. As avaliações israelenses naturalmente levaram em conta a personalidade do novo papa, que havia resgatado judeus dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. (BIALER, 2005, p. 64, tradução nossa)

Mesmo que estes eventos tenham proporcionado um grande avanço nas relações entre Vaticano e Israel, a Santa Sé não estava disposta a abdicar da posição de internacionalizar Jerusalém e convertê-la em *corpus separatum*. No entanto, as mudanças que já haviam sido colocadas em prática trouxeram consequências para as relações entre a Igreja e os árabes, o que

---

<sup>46</sup> INTERNATIONAL RAOUL WALLENBERG FOUNDATION. “The Good Pope” His extraordinary feats “The Good Pope” His extraordinary feats, [s.l.]: The International Raoul Wallenberg Foundation, The International Angelo Roncalli Committee Foundation & Casa Argentina en Israel Tierra Santa, 2009.

sufocou bruscamente os esforços de Fischer ao visitar o Vaticano em abril de 1959 na tentativa de conversar mais uma vez com a Secretaria de Estado e a reunião fora cancelada de última hora, além de ter sido dito claramente que era para Fischer reduzir suas visitas ao Vaticano. A maior complicação seria a de que João XXIII havia, sim, reconhecido o Estado de Israel como legítimo, mas não teria estabelecido relações bilaterais e, por meio da visita de Fischer, poderia ser visto de forma contrária, sob a forma de negociações diplomáticas (BIALER, 2005).

Nesse sentido, João XXIII inaugura o Concílio Vaticano II no início daquele mesmo ano, porém só fora convocado formalmente em 1961 por meio da constituição apostólica *Humanae Salutis*<sup>47</sup>. Porém, os ideais de João XXIII e suas iniciativas – por vezes, tumultuosas – dentro da Santa Sé já eram conhecidas desde o início de seu pontificado. Sua primeira encíclica<sup>48</sup> trouxe consigo as bases conceituais do que seria visto em seu papado, ou seja, valores voltados para paz, unidade, concórdia e benevolência no geral, o Papa acreditava que a Igreja tinha o papel de promover justiça social e defender os direitos humanos. Esses foram os conceitos que abriram caminho para o que se tornaria o Concílio Vaticano II e inaugurou uma nova fase da política externa da Santa Sé.

Após um obscuro período de intolerância e ódio, buscava-se criar mecanismos para impedir que eventos como o Holocausto se repetissem, o Vaticano II, neste âmbito, promoveu o diálogo inter-religioso, abrindo a Igreja para aceitação de diferentes crenças. É válido ressaltar que o Vaticano II, nestes moldes, teria sido impraticável no papado de Pio XII, dada a política externa pontifícia da época, mais fechada e menos disposta a dialogar com os judeus, especialmente. A Igreja não era alheia ao antissemitismo, e em muitos casos, auxiliou a propagá-lo, e por meio do Vaticano II, esta visão pode ser transformada (MARTINS, 2016).

Segundo Martins (2016), o Vaticano II durou três anos e foi composto por quatro sessões, cada uma responsável pela discussão de cada ponto por um corpo especializado de indivíduos como peritos, auditores, padres etc. A figura de João XXIII enquanto idealizador do Vaticano II trouxe à tona muitos de seus feitos durante a Segunda Guerra como uma figura disruptiva no sentido de auxiliar os judeus, de forma a não só promover cuidados a estes, como ao auxílio da

---

<sup>47</sup> JOÃO XXIII. **Humanae Salutis**. A Santa Sé, 1961. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html)> Acesso em: 9 de junho de 2024

<sup>48</sup> JOÃO XXIII. **Ad Petri Cathedram**. A Santa Sé, 1959. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_29061959\\_ad-petri.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html)>. acesso em: 9 jun. 2024.

fuga para regiões seguras quando trabalhara como Delegado Apostólico em Ancara, na Turquia, o principal meio de passagem para a Palestina.

Portanto, João XXIII abriu a Igreja para a modernidade e ao diálogo, mesmo antes da formalização do Vaticano II. Um exemplo (MARTINS, 2016, p. 91) seria a retirada de termos ofensivos àqueles de outras religiões de orações e livros litúrgicos a partir de 1959. A investidas contra posturas de intolerância religiosa se refletiram em visitas particulares de membros de organizações judaicas e na aceitação de sugestões destes em textos que tratassem de judeus ou judaísmo. João XXIII participou apenas de uma sessão antes de seu falecimento em junho de 1963, abandonando um legado que reverberaria no Vaticano até os dias de hoje.

Em seu curto pontificado, papa Roncalli emitiu poucas encíclicas, sendo a primeira nomeada *Ad Petri Cathedram*<sup>49</sup>, a qual enfatiza a importância da unidade na Igreja, exortando os cristãos a se unirem na verdade e na caridade. O papa faz um apelo fervoroso pela paz mundial, destacando a necessidade de resolver conflitos através do diálogo e da negociação pacífica. Ele também chama todos os membros da Igreja para uma renovação espiritual, ressaltando a importância da oração e dos sacramentos. Além disso, João XXIII sublinha a necessidade de justiça social e ação caritativa, incentivando os fiéis a ajudarem os pobres e oprimidos, e promove o ecumenismo, buscando o diálogo e a cooperação entre diferentes denominações cristãs. O mesmo tom pode ser encontrado na encíclica *Grata Recordatio*<sup>50</sup> que reflete sobre a prática tradicional do Rosário e sua importância na vida espiritual dos fiéis especialmente em busca de paz mundial e justiça social. A encíclica também aborda a importância da oração em geral, encorajando uma renovação espiritual através da devoção mariana e da intercessão pela paz entre as nações.

A encíclica *Princeps Pastorum*<sup>51</sup> de 1959, apesar de enfatizar o trabalho missionário de evangelização, traz à tona a necessidade de executá-lo com base no desenvolvimento social, cultural e econômico da população em questão, além de ser absolutamente necessário o respeito por tradições e costumes do povo evangelizado, mais uma vez, expondo os ideais de unidade e

---

<sup>49</sup> JOÃO XXIII. **Carta Encíclica *Ad Petri Cathedram***. A Santa Sé, 1959. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_29061959\\_ad-petri.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html)> Acesso em: 9 de junho de 2024

<sup>50</sup> JOÃO XXIII. **Carta Encíclica *Grata Recordatio***. A Santa Sé, 1959. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_26091959\\_grata-recordatio.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_26091959_grata-recordatio.html)>

<sup>51</sup> JOÃO XXIII. **Carta Encíclicas *Princeps Pastorum***. A Santa Sé, 1959. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_28111959\\_princeps.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_28111959_princeps.html)> Acesso em: 9 de junho de 2024

caridade universais tão presentes na política externa de Roncalli. Com a mesma intenção e de maneira mais aprofundada, a encíclica *Mater et Magistra*<sup>52</sup> de 1961 também aborda a pauta da justiça social e dignidade do ser humano, e se especializa no papel da Igreja ao guiar a sociedade em direção a um futuro mais justo, equitativo, pautado na responsabilidade social. Ou seja, seria por meio da orientação da Igreja que seria possível alcançar uma sociedade mais justa e humana, atendendo aos mais vulneráveis e que isso se expandisse globalmente, em especial no âmbito da cooperação internacional.

Mais adiante, em 1963, vê-se um apelo especificamente voltado ao âmbito internacional com a encíclica *Pacem in Terris*<sup>53</sup>, direcionada à paz e à justiça, dirigido não apenas aos católicos, mas a todas as pessoas de boa vontade. Ela destaca os direitos humanos fundamentais e as responsabilidades correspondentes, promovendo a dignidade humana, a liberdade, e a igualdade. João XXIII aborda questões como a desarmamento nuclear, a coexistência pacífica entre as nações e a necessidade de um diálogo sincero entre diferentes culturas e sistemas políticos. A encíclica sublinha a importância da ordem moral e ética nas relações internacionais e internas, defendendo uma sociedade baseada na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade.

Estes documentos, ainda que não citem Israel ou a Palestina, são importantes para destacar o contraste das políticas externa efetuadas por João XXIII e Pio XII, em especial ao considerarmos que as mudanças realizadas por Roncalli, uma espécie de preparação de terreno com o Vaticano II, foram mantidas pelos papas seguintes, alterando o que era conhecido como a identidade e os valores antes exportados pela Sé Apostólica. O *soft power* ganha outro tom a partir de 1958 e desde então, pode-se observar uma política externa mais aberta à modernidade e ao diálogo, o que culminaria no estabelecimento formal de relações diplomáticas com Israel e com a Palestina, ainda que tenham sido feitos décadas depois.

Paulo VI, ao assumir o papado, não apenas manteve esse legado, mas também aprofundou as reformas, enfatizando a importância do engajamento da Igreja com o mundo moderno e a promoção da paz e dos direitos humanos. Esta continuidade de visão e ação entre os dois papas ilustra como ideias e identidades podem ser transformadoras e persistentes nas relações

---

<sup>52</sup>JOÃO XXIII. **Carta Encíclica *Manter et Magistra***. A Santa Sé, 1961. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)> Acesso em: 9 de junho de 2024

<sup>53</sup>JOÃO XXIII. **Carta Encíclica *Pacem in Terris***. A Santa Sé, 1963. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html)> Acesso em: 9 de junho de 2024

internacionais e nas políticas institucionais da Igreja Católica e foi sob esta conjuntura que Giovanni Battista Montini assumiu seu pontificado em junho de 1963, no qual um dos documentos mais importantes para a política externa pontifícia em relação ao Oriente Médio fora emitido: a declaração *Nostra Aetate*<sup>54</sup>.

Logo no início de 1964, o papa Montini realizou uma visita à Terra Santa, a qual foi minuciosamente registrada pelo mesmo. A viagem se iniciou no dia 4 de janeiro de 1964, e ao saudar o Rei da Jordânia, afirma: “Que Deus conceda a nossa oração, e a de todos os homens de boa vontade, que, vivendo juntos em harmonia e acordo, possam ajudar uns aos outros em amor e justiça, e alcançar a paz universal em verdadeira fraternidade.” (PAULO VI, 1964, tradução nossa), definindo a direção da peregrinação, ou seja, um ato em prol da paz e da unidade.

Como a unidade não é católica sem respeitar a diversidade de cada um, a diversidade também não é católica a não ser na medida em que visa a unidade, que serve à caridade, que contribui para a edificação do povo santo de Deus. Em nossa alegria por nos encontrarmos aqui reunidos, neste Oriente que é o vosso, não podemos deixar de sentir viva e profundamente, a exigência do testemunho da unidade, o grande sinal deixado por Cristo para a fé do mundo: «Que sejam um, para que o mundo creia». (PAULO VI, 1964, tradução nossa)

Paulo VI também, ao se dirigir à alta autoridade religiosa do Patriarca Grego Ortodoxo<sup>55</sup>, enfatiza a colaboração harmoniosa entre diferentes comunidades cristãs na restauração da igreja do Santo Sepulcro, símbolo da unidade e do sacrifício de Cristo. Expressa o desejo de que a caridade verdadeira prevaleça entre todos os cristãos, refletindo os esforços conjuntos para superar divisões históricas. A mensagem conclui com uma bênção para a autoridade religiosa e sua comunidade, invocando a graça divina. O mesmo respeito e carinho foi direcionado ao Patriarca Armênio Yegheshe Derderian<sup>56</sup>, descrevendo as relações amistosas construídas com a Igreja Armênia por meio dos delegados participantes do Vaticano II, assim como ideais de concordância, a fim de direcionar o foco para o futuro, não para o passado.

<sup>54</sup> DECLARAÇÃO de *Nostra aetate*. 28 do 10 de 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>55</sup> PAULO VI. **Peregrinação do Papa Paulo VI à Terra Santa**. A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640104\\_benediktos.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640104_benediktos.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>56</sup> PAULO VI. **Peregrinação à Terra Santa**. A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640104\\_derderian.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640104_derderian.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

Ao saudar as autoridades israelenses<sup>57</sup>, Paulo VI faz um apelo em prol da memória de Pio XII, ao descrevê-lo como uma figura benevolente, que prezava pela defesa e segurança de todos, indiscriminadamente. Além disso, Paulo VI defende Pio XII das especulações e suspeitas sobre o antigo papa, uma “alma admirável”, repleta de bondade, compaixão e coragem. É válido ressaltar a singularidade do discurso do papa Montini sobre seu antecessor perante autoridades israelenses, dada a resistência de Pio XII tanto de enxergar o surgimento de Israel como passível de reconhecimento, quanto pela opinião que mantinha sobre os judeus. Dessa forma, no âmbito de identidades e conhecimento construídos, Paulo VI defende os valores morais da Santa Sé e a figura do último papa a manter uma política externa mais tradicional em relação às demais religiões, o que evidencia que, apesar da quebra de posicionamento vinda com João XXIII, a Igreja venera suas figuras passadas e reconhece os esforços empreendidos, ainda que se diferenciem de certa forma dos atuais.

Uma evidência deste fenômeno seria, ainda durante a peregrinação, a mensagem do Santo Padre ao mundo de Belém<sup>58</sup>, direcionada globalmente com a finalidade de mostrar que a Santa Sé se apresenta como amiga da humanidade, desejando trabalhar pelo bem-estar de todos. O papa oferece a mensagem de Cristo como libertadora, destacando o papel de salvador deste e que compreende profundamente a condição humana. A saudação é estendida a todos, incluindo adoradores de um Deus único e até aqueles que se opõem à religião cristã, expressando desejos de paz, justiça e compreensão universal.

Ao se despedir do monarca da Jordânia<sup>59</sup>, o papa não só faz uso de cumprimentos em árabe, como de agradecer o zelo e as boas-vindas calorosas pelos habitantes da terra sagrada e faz um apelo, por meio de versículos bíblicos, ao perdão, à misericórdia e à gentileza, qualidades advindas de Cristo. Depois, o papa abençoa as terras e clama pela pacificidade na região. Ao chegar em Roma, Paulo VI afirma que:

Vocês compreenderam que minha viagem não foi apenas um acontecimento singular e espiritual; foi um acontecimento que pode ter grande importância histórica e talvez o início de grandes eventos que podem ser benéficos para a Igreja e para a Humanidade. Esta tarde, direi apenas uma coisa: tive a grande sorte, esta manhã, de

<sup>57</sup> PAULO VI. **Peregrinação de Paulo VI à Terra Santa**. A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640105\\_commiato.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_commiato.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>58</sup> PAULO VI. **Peregrinação do Papa Paulo VI à Terra Santa**. A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640106\\_epiphanie.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640106_epiphanie.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>59</sup> PAULO VI. **Peregrinação do Papa Paulo VI à Terra Santa**. A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640106\\_commiato-husseini.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640106_commiato-husseini.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024



abraçar, depois de séculos, o patriarca ecumênico de Constantinopla e de trocar com ele palavras de paz e fraternidade, desejos de união e de concórdia. Esperamos que deem bons frutos e que a semente amadureça. São acontecimentos de grande significação. Recebam agora a minha bênção. (PAULO VI, 1964, tradução nossa)

Por fim, o papa Montini encerra as mensagens sobre sua peregrinação com um discurso voltado aos cardeais<sup>60</sup>, descrevendo o acolhimento e a abertura dos membros e representantes de outras religiões à visita de Paulo VI, o que fora um excelente fator para a Igreja em sua jornada de abertura às demais religiões. No dia 4 de outubro de 1965, Paulo VI partiu de Roma<sup>61</sup> para visitar a sede das Nações Unidas, em comemoração ao vigésimo aniversário da organização. Em sua mensagem de partida, ele expressou gratidão pela recepção calorosa e ressaltou que sua missão era promover a paz mundial, encorajando esforços de boa vontade e diálogo construtivo entre as nações. Paulo VI enfatizou a necessidade urgente de paz verdadeira, estável e duradoura, apelando aos líderes mundiais e a todas as pessoas para contribuírem para esta causa. Durante a visita, ele enviou saudações e bênçãos a todos os continentes, destacando a importância da união, justiça e progresso global. Adiante, ao chegar em Nova Iorque<sup>62</sup>, o papa destaca a importância de Roma como promotora histórica da união política e sede da Igreja Católica, transmitindo desejos de paz entre a cidade terrestre e a espiritual.

Ao chegar na sede da organização<sup>63</sup>, o pontífice expressa sua gratidão ao secretário-geral Thant e ao presidente da Assembleia Geral, Amintore Fanfani, por convidá-lo a visitar as Nações Unidas no 20º aniversário da instituição. Ele saúda calorosamente os presentes, trazendo também a homenagem do Concílio Ecumênico Vaticano II. O papa destaca a importância da ONU como caminho para a paz mundial e exorta a organização a continuar promovendo a paz, a justiça e a colaboração internacional, além de enfatizar a necessidade de desarmamento e de um novo pensamento sobre a humanidade, baseado em princípios espirituais e na fé em Deus. Os ideais de abertura a outras religiões começam a ser mais

---

<sup>60</sup> PAULO VI. **Discurso de Paulo VI ao Sagrado Colégio.** A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640106\\_sacro-collegio.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640106_sacro-collegio.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>61</sup> PAULO VI. **Visita do Supremo Pontífice Paulo VI Às Nações Unidas Saudação na Partida da Cidade.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_partenza-urbe.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_partenza-urbe.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>62</sup> PAULO VI. **Visita de sua Santidade Papa Paulo VI Às Nações Unidas Cerimônia de Bem-vindo.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_arrival-new-york.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_arrival-new-york.html)> Acesso em: 13 de junho de 2024

<sup>63</sup> PAULO VI. **Discurso do Papa Paulo VI na Sede da O.N.U.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

explicitamente expostos nesta visita à ONU, a exemplo da visita<sup>64</sup> do pontífice à Igreja da Sagrada Família em Nova Iorque, na qual afirma que a mensagem – a dedicação pela paz divina – é para todos, incluindo judeus e protestantes, e que o trabalho em prol da paz não é algo restrito às crenças religiosas, e sim, dever de todo ser humano. Toda a viagem foi pautada no objetivo de promover a paz e encorajar esforços e negociações pacíficas e Paulo VI, usufruindo do papel das Nações Unidas para fazê-lo, segue com sua política externa totalmente voltada aos esforços diplomáticos em prol de pacificidade, independentemente da religião.

No final do mesmo mês, no dia 28 especificamente, a famosa declaração *Nostra Aetate* fora publicada, trazendo consigo um *turning point* dentro das relações entre a Santa Sé e demais religiões não-cristãs, destacando-se o judaísmo e o islamismo. O documento promove o respeito e o entendimento entre diferentes tradições religiosas, sublinhando a unidade da humanidade e a necessidade de diálogo inter-religioso. Em relação ao judaísmo, *Nostra Aetate* condena todas as formas de antissemitismo, reconhece as profundas raízes cristãs no judaísmo e reafirma a validade contínua da aliança de Deus com o povo judeu, marcando uma nova era de reconciliação e cooperação entre cristãos e judeus. No que tange ao islamismo, a declaração reconhece a fé muçulmana no Deus único, enfatiza a reverência comum a figuras como Abraão e Maria, e encoraja o respeito mútuo e a colaboração para promover a justiça social e a paz mundial. Esses pontos cruciais não só redefiniram as relações inter-religiosas, mas também estabeleceram uma base sólida para a convivência pacífica e o entendimento mútuo entre cristãos, judeus e muçulmanos, sem, no entanto, mencionar o conflito, uma vez que o documento dava ênfase aos aspectos religiosos, não políticos.

A *Nostra Aetate*, junto de outros documentos do Vaticano II, como a constituição pastoral *Gaudium et spes*<sup>65</sup>, representam um marco na abordagem da Igreja Católica em relação ao mundo contemporâneo, destacando a dignidade da pessoa humana como seu princípio fundamental. Este documento enfatiza a necessidade de justiça social e a promoção do bem comum, sublinhando a importância da solidariedade entre os povos e a luta contra as desigualdades. Além disso, aborda a atividade humana, defendendo um desenvolvimento econômico que respeite a dignidade humana e o meio ambiente, e valoriza o trabalho como

---

<sup>64</sup> PAULO VI. **Visita da sua Santidade Papa Paulo VI Às Nações Unidas**. A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_sacra-famiglia-new-york.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_sacra-famiglia-new-york.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>65</sup> CONSTITUIÇÃO PASTORAL. ***Gaudium et spes***. 07 do 12 de 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

expressão da própria dignidade. A constituição também reitera a missão da Igreja de evangelizar e servir, promovendo a paz e o diálogo com todas as culturas e religiões. A família é destacada como célula fundamental da sociedade, com um forte apelo à proteção e promoção de políticas familiares e educacionais. Finalmente, a escritura clama pela paz mundial e pelo desarmamento, incentivando a resolução pacífica de conflitos e a cooperação internacional para enfrentar desafios globais como a pobreza e a fome. Este documento, portanto, propõe um modelo de engajamento da Igreja que é simultaneamente fiel aos seus princípios e aberto às realidades do mundo moderno.

Seguindo nesta direção, a declaração *Dignitatis Humanae*<sup>66</sup> foi publicada cerca de dois meses após a *Nostra Aetate* e aborda a questão da liberdade religiosa, reconhecendo-a como um direito humano fundamental baseado na dignidade inerente de cada pessoa. O texto afirma que todos os indivíduos devem ser livres para seguir sua consciência em matéria de religião, sem coerção ou impedimento por parte de autoridades civis ou eclesiásticas. Ressalta-se a responsabilidade dos governos em proteger a liberdade religiosa e garantir que todas as pessoas possam exercer seus direitos de culto e prática religiosa sem discriminação.

De acordo com esta perspectiva, considerando a narrativa adotada no papado de Paulo VI, pode-se afirmar que o mesmo foi marcado pelo uso da *Ostpolitik*, um conceito que descreve uma política externa pautada na abertura para o Oriente, o que vinha sendo construído desde seu antecessor, João XXIII. Esta orientação na política externa pontifícia visava maior abertura ao Oriente e destaca-se no caso do papa Montini, a abertura para o Leste Europeu, mesmo sob influência soviética. Esta tolerância ao comunismo se iniciou com João XXIII e fora mantida por Paulo VI (CARLETTI, 2012).

Os demais documentos emitidos por Paulo VI até o final de seu pontificado em 1978, e que estivessem ligados à pauta humanitária, não citaram o conflito Israel-Palestina diretamente, mas tratavam abertamente sobre questões como desenvolvimento justo, arrefecimento das desigualdades, dignidade humana, união e pacificidade. Um exemplo, além daqueles já

---

<sup>66</sup> DECLARAÇÃO de *Dignitatis Humane*. 07 do 12 de 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

mencionados, é a encíclica *Populorum progressio*<sup>67</sup>, que convocava a comunidade cristã a promover a justiça social, com base no Evangelho.

11. Nesta confusão, torna-se mais violenta a tentação, que talvez leve a messianismos fascinantes, mas construtores de ilusões. Quem não vê os perigos, que daí resultam, de reações populares violentas, de agitações revolucionárias, e de um resvalar para ideologias totalitárias? Tais são os dados do problema, cuja gravidade a ninguém passa despercebida. (PAULO VI, 1967)

No mesmo ano, Paulo VI cita diretamente as Terras Santas em seu discurso<sup>68</sup> ao Sagrado Colégio e à Prelatura Romana e deixa claro que o posicionamento da Santa Sé sobre a internacionalização de Jerusalém e terminação do conflito – no caso, a Guerra dos Seis Dias – se mantiveram, além de defender os direitos das “comunidades presentes no território da Palestina” (PAULO VI, 1967), o que evidencia que, apesar dos esforços empreendidos para a aceitação de outras religiões cristãs e não-cristãs, Israel ainda não havia sido formalmente reconhecido. Segundo Bialer (2005, p. 88), durante o pontificado de Paulo VI, houve maiores tentativas de aproximação dada a conturbada situação que os lugares santos vivenciavam sob a Guerra dos Seis Dias, no entanto o Vaticano se recusava veementemente a assinar um acordo bilateral com Israel e se ateuve apenas a enviar emissários e evitar a pauta sobre Jerusalém em fóruns internacionais.

Em 1969, o mesmo discurso<sup>69</sup> continua em vigor: a paz como prioridade e a emergência de negociações diplomáticas para o fim dos conflitos, ainda que o cenário estivesse muito volátil mundialmente, incluindo no Oriente Médio. Em 1971, Paulo VI publica o primeiro documento do Sínodo dos Bispos, ainda que este tivesse sido inaugurado em 1965 com o motu proprio *Apostolica Sollicitudo*<sup>70</sup> com a intenção de discutir assuntos específicos em qualquer momento em que uma sessão for convocada. O primeiro documento publicado<sup>71</sup> se trata de uma audiência com o Secretário de Estado do Vaticano e reflete preocupações com a desigualdade econômica, opressão social e ambiental, enfatizando a necessidade de diálogo e ação para enfrentar esses

<sup>67</sup> PAULO VI. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***. A Santa Sé, 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>68</sup> PAULO VI. **Discurso de Paulo VI ao Sagrado Colégio e à Prelatura Romana**. A Santa Sé, 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1967/december/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19671222\\_sacro-collegio.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1967/december/documents/hf_p-vi_spe_19671222_sacro-collegio.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>69</sup> PAULO VI. **Discurso de Paulo VI Ao Corpo Diplomático Credenciado Junto A Santa Sé**. A Santa Sé, 1969. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1969/january/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19690111\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1969/january/documents/hf_p-vi_spe_19690111_corpo-diplomatico.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>70</sup> PAULO VI. ***Apostolica Sollicitudo***. A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19650915\\_apostolica-sollicitudo.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>71</sup> VATICANO. **A Justiça no Mundo**. Sínodo dos Bispos, 1971. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_19711130\\_giustizia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_giustizia_po.html)

desafios, visando uma sociedade mais justa e humana. Este tom pacifista, que colocava o papel da Igreja como responsável para realizar a manutenção da paz, esteve presente durante todo o papado de Paulo VI.

A Primeira-Ministra israelense, Golda Meir, visitou o Vaticano em janeiro de 1973 e conversou diretamente com Paulo VI sobre, de acordo com a cobertura de imprensa do *New York Times*<sup>72</sup>, “esforços para a paz no Oriente Médio, o status de Jerusalém e a questão dos refugiados palestinos” (HOFMANN, 1973). A Santa Sé não alterou sua postura mediante o status internacional de Jerusalém, enquanto a *premier* não se mostrava flexível em abdicar do pleno controle que Israel tinha sobre as Terras Santas. Apesar da discordância, não havia quaisquer reclamações sobre como Israel estava administrando e cuidando das Terras Santas, neste sentido houve concordância de que tudo estava bem. O papa se coloca à disposição para esforços de mediação entre as partes com a finalidade de trazer a paz para a região, cujo maior interesse, visto até os últimos dias de seu pontificado em 1978, era priorizar os direitos humanos e a paz mundial.

O papado de Paulo VI, e de seus sucessores João Paulo I e João Paulo II, reflete uma continuidade e uma evolução na política externa do Vaticano em relação ao conflito Israel-Palestina, guiados por princípios de justiça e paz, características inerentes ao construtivismo nas Relações Internacionais. Paulo VI, ao promover encontros diplomáticos como o com Golda Meir, destacou a importância do diálogo e do respeito mútuo entre as nações. Este período de transição entre os três papados mencionados no ano de 1978, marcado pela consistência e adaptação nas abordagens diplomáticas, sublinha a influência das normas e valores sociais na política internacional do Vaticano, reforçando a ideia construtivista de que a identidade e os interesses dos atores são moldados por interações e contextos históricos.

O papado de João Paulo I durou apenas 33 dias no ano de 1978, porém por meio de sua fala ao Corpo Diplomático da Santa Sé<sup>73</sup> e às Missões Especiais<sup>74</sup> no início do pontificado, é possível afirmar que João Paulo I estava seguindo os passos de seu predecessor Paulo VI ao

---

<sup>72</sup> HOFMANN, P. Mrs. Meir Confers With Pope In Vatican. **New York Times**, 1973. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1973/01/16/archives/mrs-meir-confers-with-pope-in-vatican-mrs-meir-and-pope-discuss.html>

<sup>73</sup> JOÃO PAULO I. **Discurso do Papa João Paulo I Ao Corpo Diplomático Acreditado junto A Santa Sé**. A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf\\_jp-i\\_spe\\_31081978\\_diplomatic-corps.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf_jp-i_spe_31081978_diplomatic-corps.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>74</sup> JOÃO PAULO I. **Discurso do Papa João Paulo I Às Missões Especiais Presentes No Início do seu Pontificado**. A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf\\_jp-i\\_spe\\_04091978\\_special-missions.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf_jp-i_spe_04091978_special-missions.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

manter a identidade pacífica e os valores da dignidade humana tão presentes nos últimos pontificados.

Toda a gente sabe quanto o Nosso venerado Predecessor realizou neste campo das relações diplomáticas. Durante o seu pontificado multiplicaram-se as Missões de que sois Chefes. Desejamos também que tais relações cresçam cada vez mais em cordialidade e fruto, para bem dos vossos concidadãos, para bem da Igreja nos vossos países e para bem da concórdia universal. Por outro lado, as relações, que podeis ter uns com os outros e com a Santa Sé, fomentam também a compreensão e a paz. Nós oferecemo-vos a Nossa sincera colaboração, segundo os meios que nos são próprios. (JOÃO PAULO I, 1978)

Após seu repentino e inesperado falecimento, atribuído a causas naturais, João Paulo II, Karol Wojtyła, fora nomeado como seu sucessor, tornando o ano de 1978 conturbado dentro do Vaticano, com dois papas diferentes ascendendo ao poder em diferentes momentos do ano. No entanto, o papa Wojtyła teria um longo pontificado até 2005 e seria a partir deste que iniciativas voltadas ao reconhecimento dos Estados iriam se iniciar por meio do reconhecimento de Israel em 1993 e da OLP como autoridade legítima em 1994.

**3. A POLÍTICA EXTERNA DO VATICANO DE JOÃO PAULO II ATÉ FRANCISCO  
SOBRE O CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE: NOVAS POSTURAS E O  
RECONHECIMENTO DOS ESTADOS**

Carletti (2012, p. 155) afirma que João Paulo II foi o primeiro papa estrangeiro desde 1523, sendo de nacionalidade polonesa e anteriormente fora Cardeal da Cracóvia. Em seu pontificado, rompeu com a tolerância ao comunismo vista de João XXIII e retornou ao repúdio antes visto no papado de Pio XII. Seu desgosto perante o comunismo se dava pelo estado em que a Polônia se encontrava sob o bloco soviético e se ateve a influenciar as novas gerações.

Em sua radiomensagem<sup>75</sup> feita após a eleição, expressa humildade diante da responsabilidade que lhe foi confiada, destacando a imprevisibilidade da escolha divina. Ele enfatiza a importância de continuar o legado de seus predecessores, Paulo VI e João Paulo I, e reafirma seu compromisso com a implementação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II. João Paulo II ressalta a necessidade de fidelidade à missão da Igreja, defendendo a unidade e a colaboração entre os bispos e promovendo o ecumenismo. Ele também manifesta preocupação com questões globais de paz e justiça, e pede orações para enfrentar os desafios de seu pontificado.

Ao se dirigir pela primeira vez aos representantes diplomáticos<sup>76</sup>, destaca a importância das relações de estima mútua estabelecidas por seus predecessores. Ele enfatiza a necessidade de respeito, paz e progresso entre as nações, valorizando suas culturas e direitos. João Paulo II reafirma o papel da Igreja em apoiar o bem comum e a dignidade humana, sem interferir nos assuntos governamentais, mas promovendo justiça e paz. Ele expressa seu compromisso com todas as nações, pedindo que os governos considerem as necessidades dos cidadãos e trabalhem por um mundo mais justo e harmonioso. Segundo Arraes (2005), o pontificado do papa Wojtyła, apesar da aversão ao comunismo e no auxílio à extinção dos regimes, não deixou de criticar o capitalismo com ênfase naqueles menos favorecidos pelo sistema sem, no entanto, abrir mão de seu carisma e diplomacia ao lidar com tais questões.

Ainda em 1978, João Paulo II mantém o ideal identitário proveniente de Paulo VI em relação ao acolhimento das demais religiões<sup>77</sup>. Em seu discurso direcionado às delegações de outras igrejas e organizações cristãs, o papa reafirma o compromisso firme de seguir o caminho

---

<sup>75</sup> JOÃO PAULO II. **Radiomensagem *Urbi et Orbi* do Papa João Paulo II.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781017\\_primo-radiomessaggio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>76</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do papa João Paulo II ao Corpo Diplomático Acreditado Junto a Santa Sé.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781020\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781020_corpo-diplomatico.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>77</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Às Delegações de Outras Igrejas Cristãs.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781022\\_cristiani-non-cattolici.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781022_cristiani-non-cattolici.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024



da unidade ecumênica iniciado pelo Concílio Vaticano II e pelos predecessores, enfatizando que a Igreja Católica considera esse esforço irreversível. Ademais, a religião seria uma forma de alcançar a unidade entre aqueles que creem, assim como seu predecessor afirmava.

Sua política externa pode ser exemplificada por um posicionamento similar ao anterior, e pode ser visto em outro discurso feito no início do pontificado, direcionado aos Chefes de Estado e membros das missões extraordinárias<sup>78</sup>, neste, o papa frisa a importância e a abertura para a cooperação internacional como meio para alcançar o progresso e a paz. Além deste, há a Comissão denominada *Justitia et Pax*<sup>79</sup>, direcionada – novamente – à promoção da paz e da justiça por parte da Igreja, em especial por meio do exemplo de Jesus Cristo. No âmbito multilateral, João Paulo II se manifesta no trigésimo aniversário da Declaração dos Direitos Humanos<sup>80</sup>, na qual reconhece o papel das Nações Unidas em prol da manutenção destes direitos e da liberdade individual. Seu discurso condena a discriminação e a ruptura das prerrogativas básicas do ser humano, invioláveis e universais, segundo o papa. Sua crítica ao autoritarismo é sutil e diplomática ao focar na pauta da liberdade religiosa, e o grande problema desta ser regulada pelo Estado.

O papa, portanto, seguiria com o que fora construído pelo seu predecessor, em especial no que dizia respeito à abertura da Igreja para as demais religiões e a figura de Wojtyła fora crucial para a abertura plena da Santa Sé ao judaísmo, como visto em 1979. Neste ano, João Paulo II saúda os presidentes e representantes das Organizações Judaicas Internacionais<sup>81</sup>, reafirmando a importância do diálogo entre a Igreja Católica e a comunidade judaica iniciado pela declaração *Nostra Aetate*. O pontífice destaca a necessidade de colaboração fraterna, respeito mútuo e combate ao preconceito ao exaltar a figura de Paulo VI, e seu compromisso pessoal em promover a paz, especialmente em Jerusalém.

---

<sup>78</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Chefes de Estados e Membros das Missões Extraordinárias.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781023\\_missioni-straord.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781023_missioni-straord.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>79</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II À Pontifícia Comissão *Justitia et Pax*.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781111\\_justitia-et-pax.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781111_justitia-et-pax.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>80</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II ao secretário-geral das Nações Unidas por ocasião do 30º Aniversário da Declaração dos Direitos Humanos.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont\\_messages/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19781202\\_segretario-onu.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1978/documents/hf_jp-ii_mes_19781202_segretario-onu.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>81</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Representantes das Organizações Mundiais Judaicas.** A Santa Sé, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790312\\_org-ebraiche.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf_jp-ii_spe_19790312_org-ebraiche.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

As práticas de diálogo inter-religioso se mantiveram quando o Vaticano recebeu uma visita<sup>82</sup> dos membros do conselho administrativo da Fundação Pro Oriente e reconhece o trabalho desta ao interagir com as Igrejas ortodoxas e orientais. Quase exatamente um mês depois, João Paulo II se dirige ao Secretariado para os Não-Cristãos<sup>83</sup>, fundado por Paulo VI. O papa enfatiza a necessidade de respeito e estima pelo próximo para que o diálogo seja bem-sucedido, além de destacar o papel da Igreja em educar os cristãos sobre a importância deste diálogo entre as religiões, essencial para a missão apostólica.

Estas iniciativas surgiram no primeiro ano de pontificado, e estas ditaram a direção da política externa de João Paulo II que, inserido em um contexto no qual as relações religiosas entre cristianismo e judaísmo haviam se tornado pacíficas desde Paulo VI e então, continuadas pelo papa Wojtyła. No âmbito político, o papado de João Paulo II provou-se crucial para o que seriam as relações bilaterais entre Vaticano e Israel, finalmente consolidadas em 1993. Para estas se concretizarem, os valores construídos desde João XXIII progrediram gradualmente: primeiro com a abertura da Igreja para o mundo moderno por meio do Vaticano II, a *Nostra Aetate* de Paulo VI, e por fim, relações bilaterais formalmente estabelecidas por João Paulo II. A partir da perspectiva construtivista, é possível observar que as identidades e interesses dos atores foram moldados por normas, ideias e valores compartilhados ao longo do tempo. O diálogo inter-religioso e a reconciliação, promovidos pelos papas anteriores, criaram um ambiente de confiança mútua e entendimento que permitiu a João Paulo II dar passos significativos na construção de uma nova realidade política e diplomática. Essa abordagem enfatiza que a política internacional é influenciada por fatores ideacionais e normativos, ao invés de ser apenas uma arena de interesses materiais e poder, destacando o papel crucial das crenças e discursos na transformação das relações entre os estados e comunidades religiosas.

No entanto, apesar da construção de uma política externa pacífica desde os primeiros dias de pontificado, João Paulo II não se manifestou diretamente sobre os Acordos de Camp David feitos em 1978 – é possível que dada a natureza altamente conturbada deste ano para o Vaticano, outras pautas tenham ficado mais em evidência. Estes acordos foram cruciais para o cessar das hostilidades entre Egito e Israel e o retorno da Península do Sinai ao Estado egípcio

---

<sup>82</sup> JOÃO PAPAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Membros do Conselho de Administração da Fundação Pro Oriente**. A Santa Sé, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790329\\_fond-pro-orient.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf_jp-ii_spe_19790329_fond-pro-orient.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>83</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Secretariados Para os Não-Cristãos**. A Santa Sé, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/april/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790427\\_segret-non-cristiani.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/april/documents/hf_jp-ii_spe_19790427_segret-non-cristiani.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

(SHINDLER, 2005) e condizia, ainda que de forma indireta, com os clamores por negociações em prol da paz feitas pelo papa Wojtyla desde seu primeiro dia de pontificado.

Quando houve a eclosão da Guerra do Líbano de 1982, os pronunciamentos do papa foram mais diretos, e aqui destaca-se a mensagem transmitida à II Sessão Especial das Nações Unidas para o Desarmamento<sup>84</sup>, no qual ressalta que a paz é um desejo universal e uma necessidade vital para a humanidade e a recusa desta não gera apenas sofrimento, mas nos aproxima da destruição do mundo, assim criticando a lógica da corrida armamentista vivida na Guerra Fria e que estes esforços deveriam ser empreendidos em prol da paz, por meio do diálogo e da diplomacia. Em seu discurso no 16º Dia Mundial da Paz<sup>85</sup> frisa que o diálogo para a paz é, de fato possível, e não uma utopia.

De resto, mesmo quando ele não pareceu possível e se chegou ao enfrentamento bélico, depois da devastação da guerra a qual manifestou a força do vencedor, mas nada resolveu quanto aos direitos impugnados não foi preciso, em todo o caso, voltar à tentativa do diálogo? A convicção que eu aqui exprimo, a dizer bem a verdade, não assenta sobre uma tal fatalidade, mas sim sobre uma realidade: assenta na consideração da *natureza profunda do homem*. (JOÃO PAULO II, 1982)

Apesar dos apelos mais diretos escolhidos por João Paulo II, que culminarão no reconhecimento oficial de Israel, certa neutralidade fora mantida, destacando-se duas visitas recebidas em 1982: a de Itzak Shamir<sup>86</sup>, ministro das Relações Exteriores de Israel, em janeiro; e a de Yasser Arafat<sup>87</sup>, presidente da Palestina, em setembro. Não havia qualquer intenção por parte do papa Wojtyla em romper com um dos Estados e favorecer o outro, pois como fora mencionado, João Paulo II – não diferente de seus predecessores – acreditava na solução dos dois Estados junto da internacionalização das Terras Santas, e sua diplomacia mostrava a ausência de um suposto favoritismo ou mudança de postura neste âmbito.

---

<sup>84</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II À II Sessão Especial Das Nações Unidas Para o Desarmamento**. A Santa Sé, 1982. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont\\_messages/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19820607\\_disarmo-onu.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1982/documents/hf_jp-ii_mes_19820607_disarmo-onu.html) Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>85</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem de sua Santidade João Paulo II Para a Celebração do XVI Dia Mundial Da Paz**. A Santa Sé, 1982. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19821208\\_xvi-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19821208_xvi-world-day-for-peace.html) Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>86</sup> JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **Vaticano e o Sionismo**. 2024. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/vatican>

<sup>87</sup> ANDRÉ. **Vaticano e Palestina um grande Caminho da Paz**. Instituto Humanista Unisinos. 13 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/171-noticias-2013/524790-vaticano-e-palestina-um-longo-caminho-de-paz> Acesso em: 19 de junho de 2024

Em seu discurso anual ao Corpo Diplomático<sup>88</sup> em 1983, o pontífice acreditava na missão da Santa Sé de promover a paz e a dignidade, o que incluía o combate à tortura e demais crimes de guerra. João Paulo II também citou diretamente a Guerra no Líbano e tinha fé que mecanismos de negociação junto de uma regulamentação para a região seriam não só possíveis, mas necessários. O papa Wojtyła também afirmara que:

As partes devem deixar de viver no temor e também de recorrer à violência, ao terrorismo ou às represálias; devem procurar lealmente, aceitar e aplicar as condições de existência e de segurança para todos, na paz, na dignidade, na liberdade, na tolerância e na reconciliação. [...] A missão da Santa Sé é sempre a de contribuir para fazer que haja melhor compreensão e que se renuncie ao pior, de manter a esperança de uma solução, de indicar as condições éticas de uma verdadeira paz. Esforça-se por o fazer mesmo quando os seus apelos são dificilmente entendidos no centro dos conflitos. (JOÃO PAULO II, 1983)

No ano seguinte, João Paulo II publica a encíclica *Redemptionis Anno*<sup>89</sup> direcionada ao Oriente e às Terras Santas, na qual lamenta as contínuas rivalidades e violência, e apela – mais uma vez – para a paz por meio da reconciliação. O Vaticano ainda mantinha sua posição sobre a *Two-State Solution* e a internacionalização de Jerusalém, e isso fora mantido por João Paulo II, apesar das contínuas mudanças em relação ao posicionamento da Sé Apostólica sobre Israel. Poucos dias depois, o papa Wojtyła emite uma mensagem<sup>90</sup> para os libaneses, especificamente, expressando sua solidariedade sobre o conflito no país. O apelo é feito para os libaneses, cristãos e muçulmanos para confiarem no país e nos direitos humanos com a finalidade de superar a crescente violência e a desconfiança.

Em sua mensagem anual ao Corpo Diplomático<sup>91</sup>, João Paulo II faz um apelo a favor da paz e justiça dentro das relações internacionais diante de um contexto internacional conturbado, e menciona diretamente o direito à independência inerente ao povo palestino, ressaltando que a paz no Oriente Médio depende do reconhecimento de uma pátria palestina e da segurança de Israel. O pontífice também critica novas formas de dependência que limitam a independência e

---

<sup>88</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Ao Corpo Diplomático Acreditado Junto A Santa Sé.** A Santa Sé, 1983. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830115\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/january/documents/hf_jp-ii_spe_19830115_corpo-diplomatico.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>89</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Redemptionis Anno*.** A Santa Sé, 1984. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20041984\\_redemptionis-anno.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_20041984_redemptionis-anno.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>90</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II a Todos os Libaneses.** A Santa Sé, 1984. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont\\_messages/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19840501\\_cittadini-libanesi.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1984/documents/hf_jp-ii_mes_19840501_cittadini-libanesi.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II Ao Corpo Diplomático Acreditado Junto A Santa Sé.** A Santa Sé, 1984. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1984/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19840114\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1984/january/documents/hf_jp-ii_spe_19840114_corpo-diplomatico.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

as liberdades dos povos, bem como a violência interna fomentada por injustiças ou influências externas, além da desigualdade entre países ricos e pobres que é, conjuntamente dos demais fatores, um risco para a manutenção da paz.

Com o fim da Guerra Fria em 1991, houve uma significativa mudança no eixo mundial que impactou diversos aspectos geopolíticos e institucionais, incluindo o Vaticano. A dissolução do bloco comunista e a subsequente queda do Muro de Berlim em 1989 permitiram à Santa Sé intensificar seu papel diplomático e pastoral no Leste Europeu sob a liderança do polonês João Paulo II. O Vaticano atuou como um mediador influente e promotor da paz, ajudando a facilitar a transição democrática em países antes sob regime comunista. Esta mudança permitiu uma nova era de diálogo inter-religioso e fortalecimento das relações ecumênicas, contribuindo para a promoção dos direitos humanos e a liberdade religiosa em escala global (TOMÉ, 2013).

Em termos políticos, e não religiosos, João Paulo II irá se dirigir novamente à situação israelo-palestina em 1991, ao escrever cartas para os Chefes de Estado dos EUA e da URSS – George Bush<sup>92</sup> e Mikhail Gorbatchov<sup>93</sup>, respectivamente – um dia antes da Conferência de Paz de Madri, feita especificamente para negociar a paz no conflito Israel-Palestina. O papa João Paulo II expressou seus sinceros votos de que o evento fosse um verdadeiro caminho para a paz tão esperada pelos povos envolvidos e por todos os homens de boa vontade. Reconhecendo os desafios profundos e graves que seriam enfrentados, ele enfatizou a necessidade de um diálogo autêntico e um compromisso genuíno com a paz baseada na justiça. O pontífice destacou a importância da confiança mútua e da compreensão para superar as amargas memórias dos anos de conflito na região, ressaltando também a significância histórica e espiritual da terra sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos. João Paulo II concluiu suas mensagens com uma fervorosa oração pela iluminação divina sobre os participantes da conferência, para que seus esforços conjuntos produzissem os resultados esperados por toda a humanidade.

O caminho trilhado no pontificado de João Paulo II fora pavimentado de iniciativas em prol dos direitos humanos e inclusão de novos países na agenda de viagem do papa que, em

---

<sup>92</sup> JOÃO PAULO II. **Carta de sua Santidade João Paulo II Para *George Bush***. A Santa Sé, 1991. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/letters/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19911029\\_madrid-bush.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19911029_madrid-bush.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>93</sup> BENTO XVI. **Peregrinação Do Papa Bento XVI À Terra Santa**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19911029\\_madrid-gorbachov.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19911029_madrid-gorbachov.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

seus 27 anos de pontificado, viajou para cerca de 129 países de acordo com sua biografia<sup>94</sup>, e trouxe consigo as bases para sua política externa em toda a sua trajetória como pontífice: a valorização dos direitos humanos, da dignidade humana, da paz e da cooperação internacional. E fora por meio destes valores e ideais que, em 1993, a Santa Sé estabeleceu relações diplomáticas formais com Israel e reconheceu o Estado oficialmente.

O Acordo Fundamental entre a Santa Sé e o Estado de Israel<sup>95</sup> foi idealizado no dia 29 de julho de 1992 e fora firmado pelo Monsenhor Claudio M. Celli representando o Vaticano, e o Dr. Yossi Beilin, representando Israel. O documento foi assinado no dia 30 de dezembro de 1993, no entanto, devido aos trâmites necessários ao estabelecer um acordo, foi ratificado por Israel em 20 de fevereiro de 1994 e passou a entrar em vigor no dia 10 de março do mesmo ano.

De forma resumida, o acordo estabelece as bases para a normalização das relações entre as duas partes. Reconhecendo a importância única da Terra Santa e a relação histórica entre a Igreja Católica e o povo judeu, o acordo afirma o compromisso de ambas as partes com a liberdade de religião e consciência, conforme estipulado na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O acordo inclui a cooperação no combate ao antissemitismo e todas as formas de racismo e intolerância religiosa, e promove a compreensão mútua e o respeito à vida e dignidade humanas. A Santa Sé e o Estado de Israel comprometem-se a respeitar a liberdade de operação de suas respectivas instituições religiosas, educativas e caritativas, assim como o direito de propriedade da Igreja Católica.

Ambas as partes afirmam a importância de manter o status quo nos lugares sagrados cristãos e garantem a liberdade de culto católico, e também, incentiva as peregrinações cristãs à Terra Santa, promovendo melhor entendimento entre os peregrinos e os povos e religiões de Israel. Além disso, o acordo reconhece a importância das trocas culturais e educacionais entre instituições católicas em todo o mundo e instituições israelenses, e reitera o direito da Igreja Católica de expressar-se através de seus próprios meios de comunicação. Por fim, o acordo prevê a continuação das negociações para resolver questões pendentes relacionadas a

---

<sup>94</sup> VATICANO. **Perfil Biográfico de João Paulo II (1920-2005)**. A Santa Sé, 2019. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>95</sup> VATICANO. **Fundamental Agreement Between the Holy See and the State of Israel**. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/archivio/documents/rc\\_seg-st\\_19931230\\_santa-sede-israele\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19931230_santa-sede-israele_en.html)

propriedades e assuntos econômicos e fiscais da Igreja Católica, estabelecendo plena relação diplomática entre a Santa Sé e o Estado de Israel.

João Paulo II saúda o primeiro embaixador israelense junto da Santa Sé em 1994, neste, o papa destaca a importância do diálogo contínuo e da colaboração específica entre as partes, enfatizando a liberdade religiosa e a luta contra o antissemitismo. O pontífice também reitera o apoio no processo de pacificação do Oriente Médio – passando neste ano pelos Acordos de Oslo – e expressa esperança na cooperação cultural entre Israel e instituições católicas. Ademais, traz à tona a singularidade da Terra Santa, um local sagrado para as três religiões abraâmicas, e seu profundo desejo por um futuro pacífico em Jerusalém.

Todavia, Secler (1998) afirma que, apesar dos esforços e da concretização do acordo bilateral, a eleição de Netanyahu em 1996 estagnou o progresso das relações entre os Estados, uma vez que o novo Primeiro Ministro não demonstrara muito interesse neste novo vínculo diplomático. Por outro lado, o acordo afetou negativamente o relacionamento entre a Santa Sé e a Palestina, o que pressionou João Paulo II e reconhecer a Organização da Liberação da Palestina (OLP) como autoridade oficial e estabelece relações bilaterais oficiais com esta em 1994, e o acordo fora oficialmente assinado em 2000<sup>96</sup>. É necessário esclarecer que há uma diferença entre reconhecer a OLP como representante legítima do povo palestino e reconhecer formalmente o Estado da Palestina, João Paulo II realizou o primeiro em 1994 e o oficializou seis anos depois, enquanto o segundo não seria feito até duas décadas depois.

O acordo estabelece uma base sólida para as relações entre as partes envolvidas, reconhecendo a importância da Terra Santa como espaço privilegiado para o diálogo inter-religioso. O documento reafirma o compromisso da OLP com a liberdade de religião e consciência, além de garantir a igualdade de direitos civis e humanos para todos os cidadãos da Palestina, independentemente de suas crenças. Os Lugares Sagrados mantêm seu status, e a Igreja Católica possui liberdade em suas funções espirituais, educacionais e de caridade. No caso de controvérsias, assim como no acordo com Israel, a versão em inglês será priorizada.

No mesmo ano, João Paulo II visitou as Terras Santas em março como parte da peregrinação jubilar para comemorar os dois mil anos de Cristo. O papa visitou Israel durante os seis dias de sua viagem e foi recebido no Aeroporto Internacional “Ben Gourion” em

---

<sup>96</sup> VATICANO. **INTER SANCTAM SEDEM ATQUE CONSILIUM PRO LIBERATIONE PALAESTINAE.** [https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/2000/documents/rc\\_seg-st\\_20000215\\_santa-sede-olp\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2000/documents/rc_seg-st_20000215_santa-sede-olp_en.html)

Telavive<sup>97</sup>. João Paulo II expressa profunda emoção e gratidão por estar nos locais históricos da fé. Além disso, agradece ao Presidente de Israel pela recepção e destaca a importância de sua visita como um ato de oração e ação de graças, conectando-se às origens da fé em Deus e ao desejo de paz e justiça para a região. O papa elogia os esforços de paz do presidente e sublinha a necessidade de diálogo e respeito mútuo entre cristãos, judeus e muçulmanos. A visita é vista como uma oportunidade para promover a cooperação inter-religiosa e a busca conjunta por paz e justiça, enfatizando que a paz é um dom divino.

O papa Wojtyla também visita Belém<sup>98</sup>, nos Territórios Autônomos Palestinos, onde Cristo nasceu, e destaca a importância do local para a paz e a reconciliação. Agradeceu ao Presidente Arafat e ao povo palestino pela hospitalidade, expressando seu desejo de paz para a região e reconhecendo o sofrimento dos palestinos. Ele reafirmou o direito natural do povo palestino a uma pátria e a viver em paz. O pontífice enfatizou a necessidade de negociações justas para uma paz duradoura, e pediu à comunidade internacional ação decisiva para melhorar a situação dos palestinos, especialmente os refugiados. Ele concluiu suas palavras com orações pela paz e dignidade para todos os seres humanos na Terra Santa.

Ao visitar o campo de refugiados de Deheisheh<sup>99</sup>, João Paulo II expressou solidariedade e apoio ao povo palestino, e salientou a importância de sua presença em um lugar tão próximo de Belém. O papa reconheceu o sofrimento dos refugiados, então privados de necessidades básicas e liberdade, e clamou urgentemente por uma solução justa para esta situação. O papa Wojtyla também apelou pela solidariedade internacional e o compromisso político de resolução de problemas, igualmente, encorajou os jovens a valorizarem a educação e fortaleceu a mensagem de dignidade inerente ao ser humano e frisou o contínuo apoio da Igreja aos necessitados.

---

<sup>97</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Cerimônia de Boas-vindas em Israel**. A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000321\\_israel-arrival.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000321_israel-arrival.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>98</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Cerimônia de Boas-vindas Em Belém**. A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000322\\_bethlehem-arrival.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000322_bethlehem-arrival.html)> acesso em: 18 de junho de 2024

<sup>99</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Campo de Refugiados de Deheisheh**. A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000322\\_deheisheh-refugees.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000322_deheisheh-refugees.html)> Acesso em: 18 de junho de 2024



O pontífice também visitara os presidentes de Israel e da Autoridade Palestina. O palestino Yasser Arafat<sup>100</sup> foi o primeiro, e o papa salienta a importância do momento em relação aos esforços para a paz, ainda que houvesse muito a ser feito, muito já havia sido alcançado sobre o respeito e a dignidade dos povos ali presentes. João Paulo II frisa o compromisso da Igreja em trabalhar em prol da pacificação do Oriente Médio e se colocar como parceira de todos os povos, salientando que o diálogo não só seria o único modo de tornar a paz uma realidade, como é perfeitamente possível de sê-lo.

No dia seguinte, o papa visitou o presidente israelense Ezer Weizman<sup>101</sup> em Jerusalém e apontou que era necessário dar lugar a uma nova era no âmbito da reconciliação entre cristãos e judeus para que problemas do passado jamais retornem. O papa expressou sua expectativa no sentido da pacificação da região, afirmando que a viagem era um gesto de esperança de que o mundo, na beira de um novo século, pudesse ser mais solidário e que ideais como desenvolvimento, justiça e paz são globais.

Sabemos que a paz genuína no Médio Oriente só se instaurará como resultado da compreensão e do respeito mútuos entre todos os povos desta região: judeus, cristãos e muçulmanos. Nesta perspectiva, a minha peregrinação é uma viagem de esperança: a esperança de que o século XXI conduza a uma nova solidariedade entre os povos do mundo, na convicção de que o desenvolvimento, a justiça e a paz só serão alcançados se forem para todos. (JOÃO PAULO II, 2000)

Ao visitar o memorial *Yad Vashem*<sup>102</sup>, João Paulo II reflete sobre os horrores do Holocausto e presta homenagens aos milhões de judeus que perderam suas vidas. O papa enfatiza a necessidade de recordar para evitar que tais atrocidades se repitam, e destaca a coragem daqueles que salvaram judeus durante a Segunda Guerra. Em seu discurso, o papa apela para a construção de uma nova relação entre cristãos e judeus, baseada no respeito mútuo e na memória das vítimas do Holocausto, e expressa a tristeza da Igreja Católica pelos atos de antissemitismo cometidos pelos cristãos, reafirmando o compromisso com a paz, justiça e respeito pelo próximo.

---

<sup>100</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Presidente da Autoridade Palestina Senhor Yasser Arafat.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000322\\_arafat.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000322_arafat.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>101</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Presidente do Estado de Israel Ezer Weizman no Palácio Presidencial.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000323\\_presidente-israele.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000323_presidente-israele.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>102</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Memoraria *Yad Vashem*.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000323\\_yad-vashem-mausoleum.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000323_yad-vashem-mausoleum.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

No mesmo dia, o papa realiza seu discurso no Pontifício Instituto Notre-Dame<sup>103</sup> durante um encontro inter-religioso que promovera o diálogo entre judeus, cristãos e muçulmanos. O papa destaca a necessidade de cooperação e compreensão mútua para promover justiça e paz, além de apelar por trabalho em conjunto entre as religiões, com respeito às tradições, para alcançar soluções comuns para os desafios contemporâneos. Uma vez que estes desafios fossem superados por meio de uma convivência harmoniosa, Jerusalém poderia ser uma Cida da Paz verdadeiramente.

Ao saudar os Cônsules-Gerais<sup>104</sup>, o papa expressa sua satisfação em relatar o encontro com estes, destacando o encorajamento à missão que desempenham nesta singular região. Os cônsules, provenientes de diferentes países e representando diversos povos e sistemas políticos, estão todos unidos em uma única e grandiosa causa: a promoção da paz e do entendimento entre os povos e as nações. Neste contexto, qualquer realização ou conquista, por menor que possa parecer, exerce uma influência positiva sobre a família humana como um todo. O papa Wojtyla enfatiza a importância de dedicar ao trabalho toda a energia de um ideal profundamente sentido: a construção de um mundo firmemente alicerçado sobre os sólidos fundamentos da paz, da justiça e do respeito pelos direitos e pela dignidade humana.

Mais tarde no mesmo ano, após a eclosão da Segunda Intifada<sup>105</sup> na região das Terras Santas que fora caracterizada por extrema violência e quebra de direitos fundamentais da população, João Paulo II emitiu uma mensagem aos bispos da Terra Santa<sup>106</sup> expressando solidariedade em relação ao sofrimento vivido pelos habitantes da região. O pontífice lamentou pela transição da negociação para o conflito, mas acreditava que o retorno às negociações era possível e factível. João Paulo II também faz um apelo aos líderes espirituais judeus e muçulmanos para inspirarem esforços em prol da paz, e convida a comunidade internacional a fazer o mesmo.

---

<sup>103</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Encontro Inter-religioso no Pontifício no Instituto Notre-Dame.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000323\\_jerusalem-notre-dame.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000323_jerusalem-notre-dame.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>104</sup> JOÃO PAULO II. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Encontro Com os Cônsules-gerais Presentes em Jerusalém.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000325\\_general-consuls.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000325_general-consuls.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

<sup>105</sup> RADAY, Frances. *The Impact of the Intifada on Human Rights in Israel.* Washington: 2009. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r36239.pdf>

<sup>106</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem do Santo Padre Aos Bispos da Terra Santa.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/oct-dec/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20001108\\_michel-sabbah.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/oct-dec/documents/hf_jp-ii_spe_20001108_michel-sabbah.html)> Acesso em: 19 de junho de 2024

No ano seguinte, Papa João Paulo II, em seu discurso durante o encontro sobre O Futuro dos Cristãos na Terra Santa<sup>107</sup> em 13 de dezembro de 2001, expressou profunda preocupação pela situação dramática na Terra Santa, destacando a violência e a discriminação enfrentadas pelas populações locais. Ele reafirmou o compromisso da Santa Sé e da Igreja em apoiar a presença cristã milenar na região e promover a justiça e a reconciliação. O Papa exortou os bispos locais a perseverarem na fé e na esperança, lembrando que a Igreja global compartilha suas preocupações e apoia seus esforços, além de ter desejado que todos trabalhem juntos para restaurar a Terra Santa como um lugar de paz.

Um novo nível de dificuldade foi incluído no âmbito da pacificação com o surgimento da Guerra ao Terror após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, e João Paulo II seguia com sua política externa pautada nas negociações e apelos pela paz no mundo todo por meio da justiça e da reconciliação durante sua mensagem no 35º Dia Mundial da Paz<sup>108</sup> em 2002. O papa condena o terrorismo, afirmando que este viola a paz ao basear-se no ódio e desprezo pela vida humana, e enfatiza que o direito de se defender deve ser exercido dentro de regras morais e jurídicas. João Paulo II apela à responsabilidade das religiões em condenar o terrorismo e promover a dignidade humana, destacando que o perdão é uma decisão pessoal essencial para as relações sociais e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O pontífice argumenta que perdoar exige força espiritual e coragem moral, proporcionando paz e reconciliação duradouras, e menciona conflitos prolongados, como o árabe-israelense, para ilustrar a necessidade de negociação baseada em justiça e reconciliação. O papa convoca líderes religiosos a colaborarem para combater as causas sociais e culturais do terrorismo e promove a oração pela paz como um elemento central na construção de uma ordem justa e livre. Encerra sua mensagem reafirmando que sem justiça e perdão não há paz, dirigindo-se especialmente àqueles que detêm poder, para que ajam pelo bem comum, e apela à oração e esperança na paz verdadeira e duradoura, nascida do encontro entre justiça e misericórdia.

O pontificado de João Paulo II foi marcado por uma política externa que adotava os princípios construtivistas das Relações Internacionais de maneira distintiva, especialmente em

---

<sup>107</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Santo Padre Durante O Encontro Sobre O Futuro dos Cristãos na Terra Santa.** A Santa Sé, 2001. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20011213\\_holy-land.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/december/documents/hf_jp-ii_spe_20011213_holy-land.html)> Acesso em: 20 de junho de 2024

<sup>108</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II Para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz.** A Santa Sé, 2002. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20011211\\_xxxv-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20011211_xxxv-world-day-for-peace.html)> Acesso em: 20 de junho de 2024

relação ao conflito árabe-israelense. O construtivismo na política externa enfatiza a importância das normas, identidades e interações sociais na formação das relações internacionais, em contraste com abordagens puramente realistas ou idealistas. O papa polonês adotou uma abordagem que reconhecia e promovia identidades coletivas e normas compartilhadas, buscando construir uma cultura de paz e reconciliação entre os povos envolvidos no conflito.

Para o papa Wojtyła, o conflito não era apenas uma disputa territorial, mas uma arena onde identidades culturais, religiosas e históricas se entrelaçavam, influenciando percepções e comportamentos dos atores envolvidos. João Paulo II enfatizava a importância do diálogo inter-religioso e da reconciliação como componentes essenciais para a construção da paz duradoura. Ele via a mediação internacional e a negociação direta não apenas como meios de resolver disputas territoriais, mas como oportunidades – tangíveis, e não utópicas – para transformar as percepções e atitudes dos envolvidos, promovendo uma cultura de respeito mútuo e cooperação. Ao defender a proteção dos direitos humanos e a solidariedade global, o papa Wojtyła contribuiu significativamente para um entendimento mais profundo e inclusivo do conflito, apresentando alternativas construtivas para sua resolução.

O pontífice durante seus 26 anos no poder incentivou ao máximo o diálogo entre as lideranças religiosas e políticas das partes envolvidas no conflito Israel-Palestina, além de reconhecer a necessidade de resolução pacífica e particulares das partes, sem demonstrar favoritismos. João Paulo II fora uma figura emblemática dentro da política externa da Santa Sé, marcado pelo seu carisma e amabilidade e busca incessante por uma identidade global baseada na solidariedade e no respeito mútuo. Em suma, João Paulo II refletiu os princípios construtivistas ao reconhecer a importância das identidades e normas na construção das relações internacionais. Sua abordagem buscou transformar conflitos através da construção de entendimento mútuo e do fortalecimento de normas compartilhadas de cooperação e respeito, ilustrando assim como um líder religioso pode influenciar a política internacional através de uma visão construtivista.

O pontificado de João Paulo II se encerrou com seu falecimento em 2005, dando lugar à figura de Bento XVI – Joseph Ratzinger – cujo papado estava inserido em um contexto histórico menos transitório, uma vez que o papa Wojtyła presenciou não apenas a queda da URSS que culminou no fim da Guerra Fria, mas a virada do milênio que, consigo, trouxe uma mudança da agenda internacional, retirando o foco da ameaça comunista, agora neutralizada, e trouxe maior enfoque para pautas como o terrorismo e o meio-ambiente. Uma nova fase se inaugura

na política externa pontifícia com a eleição de Bento XVI e de seu sucessor a partir de 2013, Francisco, cujas ações e ideais trazem novos nuances identitários e normativos dentro da Santa Sé.

A eleição do papa Ratzinger fora concretizada em um contexto histórico drasticamente diferente de seu sucessor, uma vez que a ordem mundial deixara de ser bipolar com o fim da Guerra Fria em 1991 e os desafios a serem superados incluíam não só novas causas, como também novos agentes. Bento XVI, em termos de personalidade, era evidentemente menos carismático que seu predecessor, outrora dotado de grande sociabilidade e tato. O pontífice renunciou<sup>109</sup> a posição de papa em fevereiro de 2013, alegando problemas de saúde que o impediam de continuar.

Apesar das controvérsias que cercaram seu pontificado, Bento XVI exerceu grande habilidade diplomática ao discursar com representantes de outras religiões<sup>110</sup> apenas alguns dias depois de sua eleição, presentes no Vaticano para o funeral de João Paulo II. O papa Ratzinger enfatizou a importância da unidade cristã e a necessidade de avançar na comunhão plena, seguindo os passos de seus predecessores. Bento XVI destacou o valor da oração e do ecumenismo espiritual como meios para alcançar a unidade, reconhecendo que o encontro já era um dom de Deus. Ele também saudou calorosamente os representantes de outras religiões, destacando a importância do diálogo inter-religioso e da construção de pontes de amizade para promover a paz. Bento XVI reiterou o compromisso da Igreja em buscar o bem comum e a paz mundial, ressaltando a necessidade de um diálogo sincero e respeitoso entre todas as tradições religiosas.

Um exemplo de suas iniciativas de manter um diálogo inter-religioso aberto foi durante uma viagem apostólica à Alemanha, mais precisamente na Universidade de Ratisbona em 2006<sup>111</sup>. Nesta, Bento XVI ministra uma aula sobre a fé e a razão. Durante a aula, o papa cita um diálogo entre o imperador bizantino Manuel II Paleólogo e um homem persa erudito sobre

---

<sup>109</sup> BENTO XVI. *Declaratio*. A Santa Sé, 2013. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130211\\_declaratio.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html)> Acesso em: 20 de junho de 2024

<sup>110</sup> BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI Aos Delegados das Outras Igreja, Comunidades Eclesiais e Tradições Religiosas**. A Santa Sé, 2005. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20050425\\_rappresentanti-religiosi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20050425_rappresentanti-religiosi.html) Acesso em: 20 de junho de 2024

<sup>111</sup> BENTO XVI. **Viagem Apostólica de Sua Santidade Bento XVI a Munchên, Altötting e Regensburg**. A Santa Sé, 2005. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060912\\_university-regensburg.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

a verdade presente no cristianismo e o islamismo. Para o autor deste diálogo, Theodore Khoury, sua obra deixava claro que o imperador, cuja educação é de origem grega, não seria um desafio usufruir da razão junto da fé, enquanto para o muçulmano, a fé em Deus seria transcendente e não deixaria espaço para racionalidade. Para Carletti (2012, p. 192), a princípio, a reação que despertara em importantes figuras adeptas do islamismo fora altamente negativa, uma vez que poderia gerar interpretações adversas sobre a real intenção desta fala. No entanto, em uma Audiência Geral<sup>112</sup> poucos dias depois, Bento XVI pode esclarecer o que foi dito:

A minha intenção era muito diferente: partindo de quanto Manuel II diz sucessivamente de modo positivo, com uma palavra muito bela, sobre a racionalidade que deve guiar na transmissão da fé, eu quis explicar que não é a religião e a violência que caminham juntas, mas sim, religião e razão. (BENTO XVI, 2006)

O tema da conferência abordou a relação entre fé e razão, com o objetivo de promover o diálogo entre a fé cristã, o mundo moderno e todas as culturas e religiões. Durante a visita, destacou-se a importância do respeito pelas grandes religiões, especialmente pelos muçulmanos, que compartilham a missão de defender a justiça social, valores morais, paz e liberdade. No ano seguinte, o rei da Arábia Saudita, rei Abdullah, visitou o Vaticano e presenteou o papa em um gesto de confiança (CARLETTI, 2012, p. 193).

O papa Ratzinger, da sua forma, estava levando adiante o legado deixado por João Paulo II no que tangia o diálogo inter-religioso e os clamores pela paz, ainda que fossem declarações menos intensas e mais concisas. Em seu primeiro discurso para o Corpo Diplomático junto à Santa Sé<sup>113</sup>, reconheceu o legado deixado por seu predecessor como defensor da pacificação, justiça e solidariedade e, assim como Wojtyła, realizou seu clamor em relação à importância do diálogo e da cooperação internacional para superar conflitos e alcançar a paz, além de ter destacado o papal da Igreja nessa jornada, em especial na defesa dos direitos humanos.

A carta encíclica *Spe salvi*<sup>114</sup> emitida em 2007 sublinha a importância da esperança cristã, que transcende as meras soluções políticas e materiais, oferecendo uma visão de paz e justiça fundamentada na fé e na caridade. Bento XVI argumenta que a verdadeira esperança não está

<sup>112</sup> BENTO XVI. **Audiência Geral de 20 de setembro de 2006: Viagem Apostólica à Alemanha.** A Santa Sé, 2006. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20060920.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060920.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024.

<sup>113</sup> BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé.** A Santa Sé, 2005. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20050512\\_diplomatic-corps.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20050512_diplomatic-corps.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

<sup>114</sup> BENTO XVI. **Carta Encíclica *Spe salvi*.** A Santa Sé, 2007. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

nas conquistas humanas ou no progresso tecnológico, mas na religião como ferramenta na prática da solidariedade e da justiça. A “esperança cristã” serve como um guia para um engajamento diplomático que busca não apenas a resolução dos conflitos imediatos, mas a construção de uma paz duradoura enraizada na justiça e no amor fraterno, refletindo a vocação universal da Igreja para ser um instrumento de paz no mundo.

No ano seguinte, o papa deu boas-vindas ao novo Embaixador de Israel na Santa Sé<sup>115</sup>, ressaltando a importância das relações diplomáticas estabelecidas em 1993 e colaboração em áreas de interesse de ambos, como a social e a humanitária. O papa Ratzinger demonstrou preocupação com o declínio da população cristã no Oriente Médio e incentivara medidas para apoiar a comunidade a adotar um papel de mediação e resolução de tensões entre israelenses e palestinos. Adiante, em seu discurso de boas-vindas à uma delegação do *International Jewish Committee on Interreligious Consultations*<sup>116</sup>, mantém a postura de incentivo ao diálogo respeitoso e sincero, além de ressaltar a importância de aceitar as diferenças dentro de um contexto em que cristãos e judeus compartilham do mesmo patrimônio espiritual. O papa salientou que, em um mundo frequentemente marcado pela pobreza, violência e exploração, o diálogo entre culturas e religiões deve ser encarado como um dever sagrado. Este diálogo, segundo ele, é essencial para a construção de um mundo mais digno e justo.

Bento XVI estendeu as mesmas cordialidades aos participantes do Seminário do Foro Católico-Muçulmano<sup>117</sup>, também frisando a importância do diálogo e seu papel em promover a dignidade e o respeito mútuo, inclusive ao auxiliar os necessitados, além da tarefa dos líderes religiosos e políticos em garantir a liberdade de consciência e religião. O papa frisa que a figura divina precisa ser associada à paz e fraternidade, nunca à violência e discriminação.

Em 2009, o papa Bento XVI, assim como seu predecessor, realiza uma peregrinação pelas Terras Santas. A maior diferença, no entanto, está no fato de que João Paulo II visitou a região

---

<sup>115</sup> BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI ao Senhor Mordechai Lewy Novo Embaixador do Estado de Israel junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais.** A Santa Sé, 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080512\\_ambassador-israel.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080512_ambassador-israel.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024.

<sup>116</sup> BENTO XVI. **Discurso do papa Bento XVI ao “International Jewish Committee on Interreligious Consultations”.** A Santa Sé, 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20081030\\_interreligious-consultations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081030_interreligious-consultations.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

<sup>117</sup> BENTO XVI. **Discurso do papa Bento XVI aos Participantes no Seminário do Foro Católico-Muçulmano.** A Santa Sé, 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20081106\\_cath-islamic-leaders.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20081106_cath-islamic-leaders.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

em um momento mais estável, em contraste com Bento XVI que a visitava durante as tensões entre Israel e Hamas, iniciadas em 2007 e haviam se tornado intermitentes desde então. Desde 27 de dezembro de 2008, as Forças Armadas de Israel haviam iniciado a Operação Chumbo Fundido em Gaza e atacou a região com mísseis com a finalidade de neutralizar a ameaça imposta pelo Hamas (ZANOTTI, 2009). Estes acontecimentos não impediram a peregrinação do papa Ratzinger, que se mostrara disposto a contribuir com a pacificação sob a figura da Igreja enquanto força espiritual e organizou sua estratégia da seguinte forma na Conferência de Imprensa dos Jornalistas durante a Viagem Rumo à Terra Santa<sup>118</sup>:

Nós não somos um poder político, mas uma força espiritual e esta força espiritual é uma realidade que pode contribuir para os progressos no processo de paz. Vejo três níveis. O primeiro: como crentes, estamos convencidos de que a oração seja uma verdadeira força: abre o mundo a Deus. Temos a certeza de que Deus escute e de que possa agir na história. Penso que se milhões de pessoas, e crentes, rezam, é realmente uma força que influi e pode contribuir para ir em frente com a paz. O segundo nível: nós procuramos ajudar na formação das consciências. A consciência é a capacidade do homem de compreender a verdade, mas esta capacidade muitas vezes é obstaculada por interesses particulares. E libertar destes interesses, abrir maiormente para a verdade, para os verdadeiros valores é um compromisso grande: é tarefa da Igreja ajudar a conhecer os verdadeiros critérios, os valores autênticos, e a libertar-nos de interesses particulares. E assim terceiro nível falamos também e realmente! à razão: precisamente porque não somos parte política, talvez possamos mais facilmente, também à luz da fé, ver os verdadeiros critérios, ajudar a compreender quanto possa contribuir para a paz, falar à razão, apoiar as posições realmente razoáveis. Já fizemos isto, queremos fazê-lo também agora e no futuro. (BENTO XVI, 2009)

Em relação às possíveis divergências sobre a compreensão das falas do papa Ratzinger, o mesmo define o termo “cosmo semântico” como forma de explicar que a existência de um mal-entendido se dava por “dois mil anos de histórias distintas, aliás, separadas” (BENTO XVI, 2009). Ademais, frisa que apesar da região conter três religiões diferentes, a mensagem era a mesma, e afirmou que haverá o diálogo bilateral entre a Igreja e cada uma das religiões separadamente, e o trilateral, com as três religiões conjuntamente. O papa tratou da queda na presença de cristãos da região afirmando que o diálogo era o melhor caminho não só para a paz, mas para encorajar um novo início.

Em sua viagem à Jordânia<sup>119</sup>, Bento XVI enfatiza a importância do diálogo inter-religioso e critica a percepção de que a religião causa divisões, argumentando que muitas vezes são as

<sup>118</sup> BENTO XVI. **Conferência de Imprensa do papa Bento XVI com os Jornalistas Durante a Viagem Rumo à Terra Santa.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090508\\_terra-santa-interview.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090508_terra-santa-interview.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>119</sup> BENTO XVI. **Encontro com os Chefes Religiosos Muçulmanos, com o Corpo Diplomático e com os Reitores das Universidades Jordanas.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090509\\_capi-musulmani.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090509_capi-musulmani.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024



manipulações ideológicas que provocam conflitos. Ele elogia iniciativas jordanianas para promover uma compreensão verdadeira da religião e destaca visitas a instituições educativas e de reabilitação que exemplificam colaboração entre cristãos e muçulmanos. Bento XVI encoraja ambos os grupos a usarem sua fé para enriquecer a sociedade e promover a paz, ressaltando a necessidade de respeitar os direitos humanos universais e a liberdade religiosa. Ele conclui expressando esperança de que a razão humana, iluminada pela verdade divina, possa orientar a Jordânia para um futuro de prosperidade e harmonia.

Dois dias depois, Bento XVI seguiu com sua viagem para Israel<sup>120</sup>, e expressou sua gratidão ao Presidente Peres pela hospitalidade durante sua visita a Israel, destacando seu compromisso com a paz e a justiça, e enfatiza que sua peregrinação aos Lugares Santos é uma jornada de oração pela unidade e paz no Oriente Médio e globalmente. Referindo-se à importância das religiões na busca pela paz, o papa exorta líderes religiosos a promoverem a harmonia e a cooperação entre diferentes comunidades. O pontífice encoraja todos a viverem esses valores de forma prática, construindo uma sociedade baseada na confiança mútua e na solidariedade, livre de conflitos e divisões, e conclui reafirmando seu apoio e orações pelo governo de Israel e seus cidadãos, e deseja que todos se empenhem na busca contínua pela paz e segurança através da justiça. Ao visitar o Memorial *Yad Vashem*<sup>121</sup>, expressa solidariedade da Igreja com as vítimas do Holocausto e com aqueles que ainda sofrem perseguições, comprometendo-se a combater o ódio e promover a paz.

Em seguida, o pontífice participou de um encontro inter-religioso<sup>122</sup>, no qual discute o impacto da globalização e da cultura digital, e destaca a importância de preservar a verdade e promover o diálogo inter-religioso. Bento XVI mantém a mesma postura ao visitar os Grão-Rabinos de Jerusalém – autoridade máxima em uma comunidade judaica –, em Israel<sup>123</sup>, e fortalece o vínculo e a abertura ao diálogo deixadas pelo seu predecessor e pela herança do

---

<sup>120</sup> BENTO XVI. **Visita de Cortesia ao Presidente do Estado de Israel.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090511\\_presidente-israele.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090511_presidente-israele.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>121</sup> BENTO XVI. **Visita ao Memorial de *Yad Vashem*.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090511\\_yad-vashem.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090511_yad-vashem.html) Acesso em 22 de junho de 2024

<sup>122</sup> BENTO XVI. **Encontro com as Organizações para o Diálogo Inter-religioso.** Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090511\\_dialogo-interreligioso.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090511_dialogo-interreligioso.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>123</sup> BENTO XVI. **Visita de Cortesia aos Dois Grão-Rabinos de Jerusalém.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090512\\_rabbini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090512_rabbini.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

Concílio Vaticano II. Da mesma maneira e logo depois, o papa visitou o Grão-Mufti<sup>124</sup> – também autoridade máxima em uma comunidade, porém muçulmana – e, novamente, frisou a necessidade de superar divisões do passado por meio do diálogo em prol de um mundo mais justo e pacífico. Bento XVI coloca a religião, desde que dosada com a razão, tem o papel de prezar pelo bem-estar da humanidade e garantir a paz e a cooperação entre as religiões.

O papa Bento XVI celebra a Páscoa<sup>125</sup> com a comunidade cristã em Jerusalém, expressando alegria e gratidão. O papa reconhece os desafios enfrentados pelos cristãos na Terra Santa e enfatiza a importância de sua presença contínua como um sinal de fé, harmonia e equilíbrio. Ele encoraja a comunidade a manter a esperança e a fé, apesar das dificuldades. O papa exorta a comunidade cristã a promover a paz e a reconciliação, reconhecendo Jerusalém como uma cidade de importância espiritual para judeus, cristãos e muçulmanos. Ele expressa preocupação com a emigração dos cristãos e apela às autoridades para valorizarem sua presença.

No dia seguinte, Bento XVI continua sua peregrinação nos Territórios Palestinos<sup>126</sup> e visita Belém, onde reconhece o sofrimento dos palestinos por conta dos conflitos prolongados, e expressa sua solidariedade e compaixão pelas famílias desabrigadas e pelas vítimas dos conflitos em Gaza. O papa Ratzinger apoia o direito dos palestinos a um Estado soberano e seguro, em paz com os países vizinhos. O pontífice encoraja a persistência na esperança de paz por meio do compromisso e do perdão, pedindo a cooperação e o respeito mútuo entre israelenses e palestinos, além de clamar por ajuda por uma solução justa por parte da comunidade internacional. Para o papa, a liberdade de movimento, a reconstrução de infraestruturas e melhores oportunidades para os habitantes mais jovens é necessário.

Ao se despedir dos Territórios Palestinos, o papa, ao ter visitado um dos hospitais infantis e um campo de Aida, se deparou com a vulnerabilidade entre os refugiados e com o muro que divide Belém. Bento XVI se mostrou totalmente a favor da remoção dos muros que foram elevados, literais e metafóricos, e frisa que, apesar das condições, existem sempre motivos para

---

<sup>124</sup> BENTO XVI. **Visita de Cortesia ao Grão-Mufti**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090512\\_gran-mufti.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090512_gran-mufti.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>125</sup> BENTO XVI. **Homilia do Papa Bento XVI**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090512\\_josafat-valley.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090512_josafat-valley.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024.

<sup>126</sup> BENTO XVI. **Cerimônia de Boas-Vindas aos Territórios Palestinos**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090513\\_welcome-betlemme.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090513_welcome-betlemme.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

acreditar na resolução e na reconciliação. O papa finaliza o discurso afirmando o desejo da Santa Sé em estabelecer um acordo com a Autoridade Palestina como continuidade do acordo assinado em 2000 com a OLP.

No dia seguinte, papa Bento XVI agradeceu a calorosa recepção do Bispo D. Giacinto-Boulos Marcuzzo e das diversas comunidades religiosas em Nazaré<sup>127</sup> e elogiou a Galileia por sua diversidade étnica e religiosa e seu exemplo de coexistência harmoniosa. Bento XVI encorajou a promoção de uma cultura de paz através do ensino de valores espirituais e a proteção das crianças contra o fanatismo e a violência. Ele incentivou o respeito mútuo entre as religiões e a cooperação para melhorar a sociedade, assegurando que a Igreja Católica está comprometida com essa causa nobre.

Em sua cerimônia de despedida, o papa Ratzinger encerra sua peregrinação nas Terras Santas em Telavive<sup>128</sup>, na qual condena veementemente a violência, o sofrimento e a mortalidade na região.

Senhor Presidente, agradeço-lhe a sua calorosa hospitalidade, muito apreciada, e desejo que conste o facto de que vim visitar este país como amigo dos Israelitas, assim como sou amigo do Povo Palestiniano. Os amigos gostam de passar tempo em recíproca companhia e preocupam-se profundamente quando vêem o outro sofrer. Nenhum amigo dos Israelitas e dos Palestínianos pode evitar de ficar triste pela contínua tensão entre os vossos dois povos. Nenhum amigo pode deixar de chorar pelos sofrimentos e perdas de vidas humanas que ambos os povos sofreram nos últimos seis decénios. [...] basta ao derramamento de sangue! Basta aos confrontos! Basta ao terrorismo! Basta à guerra! Interrompamos o círculo vicioso da violência. (BENTO XVI, 2009)

Durante sua visita, Bento XVI abordou a necessidade de paz e reconciliação na região, enfatizando o papel crucial das ideias, crenças e identidades na formação da política internacional. O papa promoveu o diálogo inter-religioso e a coexistência pacífica entre diferentes comunidades religiosas, destacando a importância de superar barreiras históricas e culturais. Nesse sentido, a abordagem construtivista permite compreender como a autoridade moral e espiritual do papa pode influenciar as identidades e percepções dos atores locais e internacionais, moldando as normas de comportamento e promovendo uma cultura de paz e tolerância. Ao enfatizar a dignidade humana e os valores compartilhados, Bento XVI procurou transformar a realidade social e política da região, propondo um enquadramento de cooperação

<sup>127</sup> BENTO XVI. **Saudação aos Chefes Religiosos da Galileia**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090514\\_capi-galilea.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090514_capi-galilea.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>128</sup> BENTO XVI. **Cerimônia de Despedida**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090515\\_farewell-tel-aviv.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090515_farewell-tel-aviv.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

que transcenda os conflitos territoriais e históricos. A sua mensagem de esperança e compromisso com a paz reflete a capacidade das ideias e discursos de influenciar e remodelar as estruturas e comportamentos no contexto do conflito Israel-Palestina, evidenciando a importância das interações sociais na construção da ordem internacional.

O papa Ratzinger, ainda que não tivesse o mesmo carisma que seu antecessor, demonstrou assertividade em relação ao objetivo da peregrinação, construindo pontes para o diálogo – objetivo em comum entre todos os pontífices desde João XXIII – e realizando clamores em prol da pacificidade. O diferencial, no entanto, está no fato de que Bento XVI traz à tona a racionalidade em seus discursos, afirmando que a razão faz parte da crença, o que entra em choque com a postura mais teatral e emocional adotada por João Paulo II em sua peregrinação, o que não torna a viagem de Ratzinger melhor ou pior, mas destaca as diferenças entre os papas neste sentido.

É possível observar que a essência da identidade da Santa Sé fora mantida, como mencionado, desde João XXIII, no sentido de priorizar o diálogo com outras religiões e arrefecer cada vez mais a distância entre as três religiões abraâmicas. Na política externa pontifícia, estas ações seriam parte da construção de esforços diplomáticos em prol da paz e da defesa do interesse da Santa Sé em promover a *Two-State solution* e a internacionalização de Jerusalém – posturas estas defendidas desde Pio XII.

### **3.1. A POLÍTICA EXTERNA DO VATICANO SOBRE A GUERRA ISRAEL PALESTINA NA ATUALIDADE: A ELEIÇÃO DE FRANCISCO E OS RECENTES DESDOBRAMENTOS DO CONFLITO**

A transição vista entre Bento XVI e Francisco dentro da Santa Sé se deu em 2013 por meio da renúncia do então papa Ratzinger ao título, o que culminou na eleição de Francisco – o primeiro papa latino-americano da história. Jorge Bergoglio ascendeu ao cargo de pontífice em março de 2013 e é o papa atualmente, cuja política externa é marcada principalmente pelo seu deslocamento para a periferia do mundo, inserida em um contexto de, segundo Carletti (2015, p. 218), “atual demanda de reestruturação do sistema internacional”.

Logo nos primeiros dias de seu pontificado, Francisco proferiu um discurso no encontro com os representantes das Igrejas e de outras religiões<sup>129</sup>, e neste reforça o impacto positivo do Concílio Vaticano II no diálogo ecumênico e na continuidade deste esforço de integração entre as religiões. O papa Bergoglio também saúde os representantes do povo judeu, muçulmano e de outras tradições religiosas como forma de frisar a importância da amizade e do respeito entre as crenças. Assim como seus predecessores, Francisco afirma que a religião tem o papel de prezar pela justiça, paz e dignidade. Dois dias depois, ao se dirigir pela primeira vez ao Corpo Diplomático junto da Santa Sé<sup>130</sup>, o papa ressalta a importância das relações profícuas entre os países e a Santa Sé, que visam o bem da humanidade. O pontífice enfatiza o papel da religião na construção de pontes entre as pessoas e a importância do diálogo inter-religioso, especialmente com o Islã, e com os não crentes, e conclui encorajando os países a participarem de um caminho conjunto para a paz, amizade e respeito pela criação, agradecendo pelo trabalho dos diplomatas na construção de pontes de amizade e fraternidade.

Seguindo com os ideais de diplomacia e diálogo inter-religioso, Francisco realiza sua peregrinação pelas Terras Santa em maio de 2014, e diferente dos papas anteriores, o pontífice visita os Territórios Palestinos após sua ida à Jordânia, enquanto seus predecessores visitaram Israel primeiro. Ao chegar, o papa expressa gratidão por visitar a Jordânia<sup>131</sup>, seguindo os passos de seus predecessores, e agradece ao Rei Abdullah II pela calorosa recepção, além de elogiar a hospitalidade da Jordânia aos refugiados e encoraja a busca contínua pela paz na região, especialmente para a crise síria e o conflito israelense-palestino. O pontífice destaca os esforços do Rei em promover a convivência pacífica entre religiões e reconhece as contribuições das comunidades cristãs, reiterando a importância da liberdade religiosa.

Sua ida aos Territórios Palestinos ocorreu no dia seguinte e se inicia em Belém, onde agradece ao Presidente Mahmoud Abbas<sup>132</sup> pela recepção calorosa e expressa sua solidariedade

---

<sup>129</sup> FRANCISCO. **Encontro com os Representantes das Igrejas e Comunidades Eclesiais, e de Outras Religiões.** A Santa Sé, 2013. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130320\\_delegati-fraterni.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>130</sup> FRANCISCO. **Encontro com o Corpo Diplomático Acreditado Junto da Santa Sé.** A Santa Sé, 2013. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130322\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130322_corpo-diplomatico.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

<sup>131</sup> FRANCISCO. **Cerimônia de Boas-Vindas.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140524\\_terra-santa-autorita-amman.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140524_terra-santa-autorita-amman.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>132</sup> FRANCISCO. **Encontro com as Autoridades Palestinenses.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140525\\_terra-santa-autorita-palestinesi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-autorita-palestinesi.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

ao povo palestino, destacando as consequências do conflito no Oriente Médio. Ele pede o fim da situação atual, enfatizando a necessidade de paz baseada na justiça, reconhecimento de direitos e segurança mútua, defendendo a coexistência de dois Estados com fronteiras reconhecidas internacionalmente – que é um posicionamento padronizado dentro a política externa do Vaticano. O papa apela para que todas as partes evitem ações contrárias à paz e elogia a comunidade cristã pela contribuição ao bem comum, e ressalta a importância da liberdade religiosa e as boas relações entre a Santa Sé e a Palestina. No mesmo dia, Francisco realiza um encontro com as crianças dos campos de refugiados de Dheisheh, Ainda e Beit Jibrin<sup>133</sup>, e neste, após uma canção feita e performada pelas crianças sobre o conflito presente há 66 anos, afirma:

Eu li o que estava escrito ali nos cartazes: percebi os que estavam escritos em inglês e o Padre traduziu-me os que estavam em árabe. Compreendo o que me estais a dizer, a mensagem que me estais a dar. Nunca deixeis que o passado vos determine a vida. Olhai sempre para diante. Trabalhai e lutai para conseguir as coisas que vós quereis. Mas estai certos de uma coisa! A violência não se vence com a violência. A violência vence-se com a paz; com a paz, com o trabalho, com a dignidade de fazer progredir a pátria. (FRANCISCO, 2014)

No dia anterior a sua ida a Israel, o papa convida as autoridades<sup>134</sup> dos Territórios Palestinos e do Estado israelense – Mahmoud Abbas e Shimon Peres, respectivamente – para juntos rezarem pela paz, e ofereceu o Vaticano para fazê-lo. Durante a cerimônia de boas-vindas em Telavive, o papa agradece calorosamente pela recepção em Israel<sup>135</sup>, destacando as relações diplomáticas fortalecidas e o desejo por paz e prosperidade para todo o povo, além de condenar todo ato de antissemitismo. O pontífice também clama por esforços renovados para alcançar uma paz justa na região, incluindo o reconhecimento mútuo de Israel e Palestina, sendo o segundo realizado formalmente no ano seguinte. Assim como Bento XVI, Francisco visita as

---

<sup>133</sup> FRANCISCO. **Encontro com as Crianças do Campo de Refugiados de Dheisheh, Ainda e Beit Jibrin.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140525\\_terra-santa-bambini-campi-profughi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-bambini-campi-profughi.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>134</sup> FRANCISCO. **Regina Caeli.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco\\_regina-coeli-terra-santa\\_20140525.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_regina-coeli-terra-santa_20140525.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>135</sup> FRANCISCO. **Cerimônia de Boas-Vindas.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140525\\_terra-santa-cerimonia-benvenuto-tel-aviv.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-cerimonia-benvenuto-tel-aviv.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

duas autoridades religiosas máximas no judaísmo<sup>136</sup> e no islamismo<sup>137</sup>, a autoridade máxima política de Israel<sup>138</sup> e da Palestina, e o memorial *Yad Vashem*<sup>139</sup> para as vítimas do Holocausto.

Ao visitar o presidente israelense, Francisco destaca a importância dos Lugares Santos para as três grandes e elogia o compromisso do Presidente com a paz e a liberdade, fundamentais para resolver conflitos. O papa pede a rejeição de qualquer forma de violência, discriminação religiosa ou antissemitismo, e destaca o papel das comunidades cristãs em Israel na construção de uma sociedade pluralista e pacífica.

Vê-se também uma pequena, porém significativa, quebra com visitas anteriores quando o papa Francisco visita primeiro os Territórios Palestinos e depois Israel<sup>140</sup>. Este acontecimento foi tratado pelo Vaticano apenas como uma questão de praticidade em relação ao itinerário, mas como os demais papas que realizaram a peregrinação passaram por Israel antes de ir aos Territórios Palestinos, referido no discurso proferido pelo papa como Estado da Palestina. A princípio, apesar do desconforto gerado, Israel não acreditou que pudesse significar uma mudança no posicionamento da Igreja sobre a Palestina, porém no ano seguinte o acordo bilateral entre a Santa Sé e o Estado palestino fora firmado.

Em 2014, o Arcebispo Silvano M. Tomasi se dirigiu ao presidente da Sessão Especial do Conselho para os Direitos Humanos nas Nações Unidas<sup>141</sup>, em caráter de intervenção, no qual afirmou que a situação para os civis na Palestina era completamente insustentável e que “não poderia haver vencedores nesta tragédia” (TOMASI, 2014). Ademais, o Arcebispo também clamou por um cessar-fogo urgente como uma forma de combater a violência extrema em Gaza

---

<sup>136</sup> FRANCISCO. **Visita aos Dois Grã-Rabinos de Israel**. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-visita-rabbini-israele.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-visita-rabbini-israele.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>137</sup> FRANCISCO. **Visita ao Grã-Mufti de Jerusalém**. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-gran-mufti-jerusalem.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-gran-mufti-jerusalem.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>138</sup> FRANCISCO. **Visita ao Presidente do Estado de Israel**. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-visita-presidente-israele.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-visita-presidente-israele.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>139</sup> FRANCISCO. **Visita ao Memorial de *Yad Vashem***. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-memoriale-yad-vashem.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-memoriale-yad-vashem.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>140</sup> GOMÉZ, J. **A viagem do Papa à Palestina desperta ressentimento e expectativas na região**. El País, 2014. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/23/internacional/1400868947\\_679492.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/23/internacional/1400868947_679492.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

<sup>141</sup> TOMASI, SILVANO M. **Discurso do Arcebispo Silvano M. Tomasi**. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/2014/documents/rc-seg-st-20140723\\_tomasi-situazione-gaza\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2014/documents/rc-seg-st-20140723_tomasi-situazione-gaza_po.html)> Acesso em: 23 de junho de 2024

e na parte Leste de Jerusalém. Os ataques terroristas em Israel também foram mencionados e igualmente considerados inadmissíveis.

Senhor Presidente, a Delegação da Santa Sé reitera o seu ponto de vista segundo o qual a violência nunca compensa. A violência só trará mais padecimentos, devastação e morte, impedindo que a paz se torne uma realidade. A estratégia da violência pode ser contagiosa e tornar-se incontrolável. Para combater a violência e as suas consequências prejudiciais, devemos deixar de nos habituarmos aos massacres. Num momento em que a brutalidade é uma prática comum e as violações dos direitos humanos estão presentes em toda a parte, não podemos tornar-nos indiferentes mas devemos reagir de maneira positiva para atenuar o conflito, que diz respeito a todos nós. (TOMASI, 2014)

O Cardeal Pietro Parolin, também Secretário de Estado, se manifestou durante o Consistório Dedicado ao Oriente Médio em 2014<sup>142</sup>, e nesta o Cardeal também refletira sobre a situação inaceitável que ocorria – e ainda ocorre – no Oriente Médio em relação ao conflito Israel-Palestina e que era necessário dedicar maiores esforços nas intervenções diplomáticas.

Em seu discurso para o Corpo Diplomático em 2015<sup>143</sup>, Francisco aborda diversos problemas que estavam – e muitos ainda estão – em pauta naquele momento, e constata veementemente que o diálogo contém o poder de construir pontes, e que a fé honesta abre portas ao diálogo e à paz, nunca à violência. Neste contexto, um acordo é firmado formalmente entre a Autoridade Palestina e o Vaticano, consolidando as relações bilaterais entre os Estados no mês de maio de 2015. O acordo reconhece a legitimidade da Palestina enquanto Estado, no entanto, Hemmer (2017, p. 5) afirma que há certa controvérsia e que o Vaticano, em teoria, não poderia se envolver em quaisquer questões territoriais. Mesmo assim, representa um marco significativo nas relações diplomáticas e na promoção da coexistência pacífica entre as comunidades religiosas na Palestina. O acordo aborda questões essenciais como a liberdade religiosa, os direitos e privilégios da Igreja Católica e suas instituições, e a regulamentação de propriedades e jurisdições eclesiais. Este tratado reforça a presença histórica da Igreja Católica na Terra Santa, garantindo proteção e direitos legais às suas propriedades e atividades, e sublinha o compromisso mútuo com a promoção dos direitos humanos e a dignidade humana. Além disso, destaca a importância da colaboração na educação, saúde e assistência social, beneficiando a sociedade palestina como um todo. O tratado reflete a postura do Vaticano em

---

<sup>142</sup> PAROLIN, Pietro. **Intervenção do Secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolin, durante o Consistório Dedicado ao Médio Oriente.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/parolin/2014/documents/rc\\_seg-st\\_20141020\\_parolin-concistoro-medio-oriente\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/parolin/2014/documents/rc_seg-st_20141020_parolin-concistoro-medio-oriente_po.html)> Acesso em 23 de junho de 2024

<sup>143</sup> FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco ao Corpo Diplomático Acreditado Junto da Santa Sé.** A Santa Sé, 2015. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco\\_20150112\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150112_corpo-diplomatico.html)> Acesso em 23 de junho de 2024



favor da solução de dois Estados, promovendo a paz e a estabilidade na região, e destaca a importância do diálogo inter-religioso e da cooperação como caminhos para a construção de um futuro mais justo e pacífico para todos os habitantes da Terra Santa.

O acordo clama pelo Estado da Palestina em relação a retornar à sua configuração territorial de 1967, ou seja, anterior à Guerra dos Seis Dias, o que traria de volta à Palestina parte da cidade de Jerusalém. O Tratado de 2015 entre a Santa Sé e a Autoridade Palestina visa principalmente o reconhecimento mútuo e a proteção dos interesses da Igreja Católica na Terra Santa. Os objetivos gerais dizem respeito aos palestinos buscam reconhecimento estatal, enquanto a Santa Sé procura proteger seus fiéis e interesses. O Acordo delinea benefícios para a Santa Sé, incluindo proteções amplas para a liberdade religiosa, como o direito de professar crenças, publicar materiais e manter tribunais religiosos, dentre estas, especifica essas proteções, indo além dos termos convencionais de tratados internacionais, com linguagem que amplia as garantias de liberdade religiosa além da simples manifestação de crenças, como o direito de manter suas crenças sem discriminação.

Atualmente o conflito Israel-Palestina atingiu proporções alarmantes desde o ataque terrorista do Hamas em Israel, o que levou à uma resposta extremamente violenta por parte das Forças Armadas Israelenses, forçando o deslocamento de 85% da população de Gaza. A magnitude dos ataques recentes levou a participação de outros Estados médio-orientais no conflito, escalando-o para cenários ainda mais preocupantes dentro da arena internacional. Francisco, por meio de sua postura mais engajada, proferiu um discurso sobre as hostilidades em questão:

Em vez disso, numa época marcada por conflitos trágicos, é necessário um renovado compromisso na construção de um mundo pacífico. A todos, crentes e pessoas de boa vontade, gostaria de dizer: não deixemos de sonhar com a paz nem de construir relações pacíficas! Diariamente rezo para que esta guerra chegue ao fim, de uma vez por todas. Penso naqueles que sofrem, em Israel e na Palestina: cristãos, judeus, muçulmanos. Penso em quão urgente é que a decisão de parar as armas surja finalmente dos escombros de Gaza e, por isso, peço um cessar-fogo; penso nos familiares e nos reféns israelitas, e peço que sejam libertados o mais rapidamente possível; penso na população palestina, e peço que seja protegida e receba toda a ajuda humanitária necessária; penso em tantas pessoas deslocadas por causa dos combates, e peço que as suas casas sejam reconstruídas rapidamente, para que a elas possam regressar em paz. (FRANCISCO, 2024)

Dentro deste discurso, Francisco segue defendendo o que a Santa Sé acredita ser ideal para o cenário conflituoso e instável das Terras Santas: a existência de dois Estados, um israelense e outro palestino, e a internacionalização da cidade de Jerusalém. Em adição, os

clamores pela paz são constantes e a fé da possibilidade destes por meio do cessar-fogo é algo que o papa afirma, publicamente, como possível.

Assim, é possível constatar que Francisco, ainda que trazendo consigo a bagagem diplomática de seus antecessores, optou por uma abordagem mais direta e engajada ao lidar com as pautas que cercam a Santa Sé. O pontífice se manifesta frequentemente sobre os problemas que assolam o mundo, além de ter deslocado o foco da política externa vaticana para além da Europa, dando maior enfoque ao Terceiro Mundo. Francisco inaugura uma política externa inédita desta maneira, ganhando grande espaço na mídia e dando seus pareceres em relação às pautas mais importantes, especificamente àquelas que afetam os direitos humanos e a dignidade, valores estes sempre defendidos dentro da Igreja.

## CONCLUSÃO

O Vaticano, lar temporal da Santa Sé, é uma figura ímpar dentro das relações internacionais, sendo o único Estado que abriga consigo todo um arcabouço religioso que compõe todo o aparato administrativo do país e a representação mor da Igreja Católica, a Santa Sé. A política externa do Vaticano se dá totalmente por mecanismos de *soft power*, ou seja, é realizada por meio da diplomacia, seja esta bilateral ou multilateral. Ao analisarmos este agente único, a abordagem construtivista das Relações Internacionais torna-se um *framework* apropriado para o estudo da religião dentro do âmbito político internacional, uma vez que o construtivismo enxerga o mundo como composto por normas, valores, ideias, inseridos em um contexto altamente mutável (FOX, SANDAL, 2013). Estes pressupostos dialogam com a política externa pontifícia no âmbito da pouca convencionalidade da mesma, em sua forma de agir sem o uso de recursos materiais como exércitos ou armas.

Com base nos pontificados analisados, é possível afirmar que houve, de fato, mudanças na forma em que cada papa conduzia suas estratégias de política externa. Pio XII, que vivenciou o início e o fim da Segunda Guerra Mundial - marcada pelos horrores do nazifascismo - e a Guerra Fria, além da formação do Estado de Israel em 1948, conduziu sua política externa de forma altamente cautelosa dentro de um cenário internacional volátil que levou a mudanças sistêmicas irreversíveis. A priori, Pio XII mantinha um bom relacionamento com a Itália e a Alemanha durante a guerra, com a finalidade de preservar o tão recente Estado do Vaticano e a comunidade cristã que sofria com os regimes autoritários. Este posicionamento gerou, e ainda gera, grande polêmica sobre as lealdades do papa Pacelli e se havia tendências antissemitistas consigo. No entanto, desde os primeiros passos para a fundação do Estado israelense, ainda que Pio XII tivesse mantido diversos judeus refugiados no território do Vaticano, não concordava com a legitimidade deste e defendia veementemente a internacionalização de Jerusalém, assim como a *Two-State Solution*. Esta posição, inaugurada por Pacelli, se manteve firme nos 85 anos que se seguiram.

Ao nos depararmos com a eleição de Angelo Roncalli, o papa João XXIII, vê-se uma mudança extrema dentro da Santa Sé por meio da abertura à modernidade e a reformulação de normas antes tão familiares ao Vaticano, mas que precisavam ser alteradas em prol de uma Igreja que fosse mais aberta ao diálogo inter-religioso. A idealização do Concílio Vaticano II foi um *turning point* dentro da Santa Sé de forma generalizada e, ainda que tais mudanças, vistas como tão radicais, fossem vistas a princípio com relutância, foram implementadas por Paulo VI e alavancadas com a publicação da declaração *Nostra Aetate*, um documento que

escancarou a política externa pontificia ao diálogo inter-religioso. Fora construída uma nova identidade para a Igreja: mais tolerante, mais flexível, afastada de discriminações após períodos tão obscuros da história, e estes pilares seriam direcionados aos esforços pela paz. Desde então, passou a haver uma associação entre diálogo inter-religioso, respeito mútuo, dignidade humana e proteção aos direitos humanos, que compunham uma política externa que buscava arrefecer hostilidades e manter uma postura que ligava os valores religiosos a uma identidade pacífica disposta a mediar situações instáveis entre os países.

João Paulo II, em seus 26 anos de pontificado, apenas agregou a estes ideais com seu carisma e amabilidade ao lidar com questões antes inimagináveis em um contexto pré-Concílio Vaticano II, como o reconhecimento formal do Estado de Israel e a construção de um relacionamento, concretizado décadas depois, com a Palestina. O papa Wojtyła, cuja herança não italiana levou a futuros papas estrangeiros, fora altamente dedicado em sua missão em prol da defesa dos direitos humanos e da pacificação durante os picos do conflito árabe-israelense, posição esta adotada pela Santa Sé desde o início das hostilidades, mas que fora tratada com a atenção necessária desde João XXIII. Pode-se afirmar que as ferramentas socialmente construídas em relação ao diálogo inter-religioso e seu peso nas negociações para a paz foram adotadas firmemente nos pontificados após o Vaticano II e, em um mundo mais conectado graças ao advento da tecnologia, os papas do século XXI puderam expor seus valores de forma mais assertiva.

Bento XVI, apesar de menos carismático e detentor de uma abordagem mais voltada para a racionalidade, manteve a postura de seu predecessor dentro de seus moldes forjados sob valores associados à razão, afirmando que não há amor a Deus sem o uso da razão. O papa Ratzinger realizou seus clamores em prol da paz e de um mundo mais justo, condenando abordagens extremas e priorizando o diálogo e iniciativas diplomáticas. No entanto, após sua renúncia em 2013, papa Francisco adotou uma espécie de abordagem mista de seus predecessores: mantendo o carisma de João Paulo II e a racionalidade de Bento XVI. O papa Bergoglio tornara-se uma figura essencial dentro da arena internacional por meio de sua política externa mais assertiva e direcionada às minorias, refletindo nesta sua nacionalidade latina. Seus clamores pela paz são mais engajados, em especial no âmbito multilateral por meio da presença de agentes da Igreja que seguem com sua missão de trazer paz e diálogo a uma arena internacional conturbada. O reconhecimento formal da Palestina por este apenas evidencia esta assertividade e olhar para as minorias, em especial no que tange o estado atual do conflito,

escalando progressivamente, mas com apelos constantes da Igreja para sua terminação imediata e socorro às vítimas.

Em suma, a trajetória política externa do Vaticano, guiada por mecanismos de *soft power* e influenciada por sucessivos pontificados, revela uma evolução marcada pela adaptação aos desafios contemporâneos e pela promoção de valores universais de paz e diálogo inter-religioso, e assim, vê-se a construção de novos relacionamentos como forma de preservar os esforços pela paz. Desde as cautelosas estratégias de Pio XII durante a Segunda Guerra Mundial até o engajamento incisivo de Francisco na defesa das minorias e na mediação de conflitos, como evidenciado pelo reconhecimento da Palestina, a Santa Sé tem buscado ativamente promover uma agenda de humanidade e justiça global. Em um mundo interligado, o Vaticano continua a desempenhar um papel crucial como um ator moral e diplomático, alinhando suas ações com os princípios do construtivismo nas Relações Internacionais, reforçando normas e valores para um futuro de paz duradoura.

## REFERÊNCIAS

ACORDO DE HAAVARA. 1937. Disponível em:

<<https://digital.kenyon.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1392&context=bulmash>>

ACORDOS de Sykes-Picot. 15 & 16 de maio de 1916. Disponível em:

<<https://resources.saylor.org/wwwresources/archived/site/wp-content/uploads/2011/08/HIST351-9.2.4-Sykes-Picot-Agreement.pdf>>

ARRAES, Virgílio. A política externa de João Paulo II. **Meridiano 47**, Brasília. Nº 56, p. 4-8, mar. 2005.

ALONSO, J. F. “‘Papa de Hitler’ ou ‘salvador dos judeus’?: quem foi Pio 12 e por que seu papel na 2ª Guerra segue polêmico”. **BBC**, [<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51qy47kgw9o>]

ANDRÉ. **Vaticano e Palestina um grande Caminho da Paz**. Instituto Humanista Unisinos. 13 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/171-noticias-2013/524790-vaticano-e-palestina-um-longo-caminho-de-paz>>

BARBATO, M. P. **The Pope, the Public, and International Relations: postsecular transformations**. 1 ed. Las Cruces: Palgrave Macmillan, 2020. 215 p.

BARBATO, Mariano. A State, a Diplomat, and a Transnational Church: the multi-layered actorness of the holy see. **Perspectives**, S/L, v. 21, n. 2, p. 27-48, 2013.

BARTZ, Jace. The Holy See: an institution like no other. **Claremont-Uc Undergraduate Research Conference on The European Union**, [S.L.], v. 2022, p. 1-9, 2022. Claremont Colleges Library. <http://dx.doi.org/10.5642/urceu.rsyu8632>.

BBC News. “A carta que mostra que papa Pio 12 provavelmente sabia do extermínio nazista em 1942 – antes do que admite o Vaticano”. **BBC**, [<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c03v4g5p5rjo>]

BENTO XVI. **Audiência Geral de 20 de setembro de 2006: Viagem Apostólica à Alemanha**. A Santa Sé, 2006. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20060920.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060920.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Spe salvi***. A Santa Sé, 2007. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Cerimônia de Boas-Vindas aos Territórios Palestinos**. A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090513\\_welcome-betlemme.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090513_welcome-betlemme.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Cerimônia de Despedida.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090515\\_farewell-tel-aviv.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090515_farewell-tel-aviv.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Conferência de Imprensa do papa Bento XVI com os Jornalistas Durante a Viagem Rumo à Terra Santa.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090508\\_terra-santa-interview.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090508_terra-santa-interview.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso do papa Bento XVI ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé.** A Santa Sé, 2005. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20050512\\_diplomatic-corps.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20050512_diplomatic-corps.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso do papa Bento XVI ao “*International Jewish Committee on Interreligious Consultations*”.** A Santa Sé, 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20081030\\_interreligious-consultations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081030_interreligious-consultations.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso do papa Bento XVI aos Participantes no Seminário do Foro Católico-Muçulmano.** A Santa Sé, 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20081106\\_cath-islamic-leaders.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20081106_cath-islamic-leaders.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa Bento XVI ao Senhor Mordechai Lewy Novo Embaixador do Estado de Israel junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais.** A Santa Sé, 2008. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080512\\_ambassador-israel.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080512_ambassador-israel.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024.

\_\_\_\_\_. **Encontro com os Chefes Religiosos Muçulmanos, com o Corpo Diplomático e com os Reitores das Universidades Jordanas.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090509\\_capi-musulmani.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090509_capi-musulmani.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Encontro com as Organizações para o Diálogo Inter-religioso.** Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090511\\_dialogo-interreligioso.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090511_dialogo-interreligioso.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Homilia do Papa Bento XVI.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090512\\_josafat-valley.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090512_josafat-valley.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024.

\_\_\_\_\_. **Saudação aos Chefes Religiosos da Galileia.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090514\\_capi-galilea.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090514_capi-galilea.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Do Papa Bento XVI À Terra Santa.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19911029\\_madrid-gorbachov.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19911029_madrid-gorbachov.html)>

\_\_\_\_\_. **Viagem Apostólica de Sua Santidade Bento XVI a Munchên, Altötting e Regensburg.** A Santa Sé, 2005. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060912\\_university-regensburg.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html)> Acesso em: 21 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita de Cortesia aos Dois Grão-Rabinos de Jerusalém.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090512\\_rabbini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090512_rabbini.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita de Cortesia ao Grão-Mufti.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090512\\_gran-mufti.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090512_gran-mufti.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita ao Memorial de *Yad Vashem*.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090511\\_yad-vashem.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090511_yad-vashem.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita de Cortesia ao Presidente do Estado de Israel.** A Santa Sé, 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090511\\_presidente-israele.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090511_presidente-israele.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

BORGES, Thiago Carvalho. **Curso de Direito Internacional Público e Direito Comunitário.** São Paulo: Atlas S.A., 2011.

BRASIL. **Convenção Sobre Direitos e Deveres dos Estados.** Rio de Janeiro, 13 abr. 1937. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d1570.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d1570.htm). Acesso em: 10 ago. 2023.

CARLETTI, A. **O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias.** 1 ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. 2012. 224 p.

\_\_\_\_\_. Do Centro às Periferias: o deslocamento ideológico da diplomacia da Santa Sé com o Papa Francisco. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais.** 2015. Vol. 4, n. 7, p. 218-239.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio R. F.; FERREIRA, Marcos Alan S. V. (org.) **Relações Internacionais e Religião: Reflexões rumo a um contexto pós-laicista.** João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

CENTER FOR PREVENTIVE ACTION. **Israeli-Palestinian Conflict.** Global Conflict Tracker – Council of Foreign Relations. Disponível em: <<https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/israeli-palestinian-conflict>> Acesso em: 20 de março de 2024



CHONG, Alan. JODOK, Troy. A Universal Sacred Mission and the Universal Secular Organization: The Holy See and the United Nations. **Politics, Religion & Ideology**. 2011. Vol. 12, n. 3, p. 335-354.

CORNWELL, J. **Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII**. 1 ed. Nova Iorque: Peguin Book, 2002. 441 p.

DECLARAÇÃO de Balfour. 2 de novembro de 1917. Disponível em:  
<[https://www.files.ethz.ch/isn/125415/8008\\_Balfour\\_Declaration.pdf](https://www.files.ethz.ch/isn/125415/8008_Balfour_Declaration.pdf)>

DELZELL, C. F. Pius XII, Italy and the Outbreak of War. **Journal of Contemporary History**, vol. 2, n. 4, out. 1967

DESCHNER, Karlheinz. **La Política de Los Papas en el Siglo XX – Volumen I: Entre Cristo y Maquiavelo**. Editora YALDE.

Factsheet on the Roma Genocide in Croatia. **COUNCIL OF EUROPE**, 2024. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/roma-genocide/croatia>> Acesso em: 7 de agosto de 2024.

FERRARI, Silvio. The Holy See and the Postwar Palestine Issue: The Internationalization of Jerusalem and the Protection of the Holy Places. **International Affairs**. 1984. Vol. 60, n. 2, p. 261-283.

FOX, J.; SANDAL, N. A. **Religion in International Relations Theory: interactions and possibilities**. 1 ed. Nova Iorque: Routledge, 2013. 241 p.

FRANCISCO. **Cerimônia de Boas-Vindas**. A Santa Sé, 2014. Disponível em:  
<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140525\\_terra-santa-cerimonia-benvenuto-tel-aviv.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-cerimonia-benvenuto-tel-aviv.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa Francisco ao Corpo Diplomático Acreditado Junto da Santa Sé**. A Santa Sé, 2015. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco\\_20150112\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150112_corpo-diplomatico.html)> Acesso em 23 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Encontro com as Autoridades Palestinenses**. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140525\\_terra-santa-autorita-palestinesi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-autorita-palestinesi.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Encontro com o Corpo Diplomático Acreditado Junto da Santa Sé**. A Santa Sé, 2013. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130322\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130322_corpo-diplomatico.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Encontro com as Crianças do Campo de Refugiados de Dheisheh, Ainda e Beit Jibrin**. A Santa Sé, 2014. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140525\\_terra-santa-bambini-campi-profughi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-bambini-campi-profughi.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Encontro com os Representantes das Igrejas e Comunidades Eclesiais, e de Outras Religiões**. A Santa Sé, 2013. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130320\\_delegati-fraterni.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Regina Caeli.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco\\_regina-coeli-terra-santa\\_20140525.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_regina-coeli-terra-santa_20140525.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita aos Dois Grã-Rabinos de Israel.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-visita-rabbini-israele.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-visita-rabbini-israele.html)> Acesso em: 22 de junho de 2014

\_\_\_\_\_. **Visita ao Grã-Mufti de Jerusalém.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-gran-mufti-jerusalem.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-gran-mufti-jerusalem.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita ao Memorial de *Yad Vashem*.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-memoriale-yad-vashem.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-memoriale-yad-vashem.html)> Acesso em: 22 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Visita ao Presidente do Estado de Israel.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140526\\_terra-santa-visita-presidente-israele.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140526_terra-santa-visita-presidente-israele.html)> Acesso em 22 de junho de 2024

GALLIN, M. A. The Cardinal and the State: Faulhaber and the Third Reich. **Journal of Church and State.** Vol. 12, n. 3, p. 385 – 404, out. 1970

GÓMEZ, Juan. **A viagem do Papa à Palestina desperta ressentimento e expectativas na região.** 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/23/internacional/1400868947\\_679492.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/23/internacional/1400868947_679492.html). Acesso em: 26 ago. 2023.

HAMMER, Leonard. The 2015 Comprehensive Agreement Between the Holy See and the Palestinian Authority: Discerning the Holy See’s Approach to International Relations in the Holy Land. **Oxford Journal of Law and Religion.** 2017.

\_\_\_\_\_. The Vatican Joins the Israeli-Palestinian Conflict. **Middle East Quarterly.** 2017.

HOFMANN, P. Mrs. Meir Confers With Pope In Vatican. **New York Times,** 1973. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1973/01/16/archives/mrs-meir-confers-with-pope-in-vatican-mrs-meir-and-pope-discuss.html>

HOLBROCK, Joseph. THE CATHOLIC CHURCH IN CUBA, 1959-62: the clash of ideologies. **International Journal Of Cuban Studies,** v. 2, n. 3/4, p. 264-275, 2010. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41945906>> Acesso em: 16 ago. 2023.

INTERNATIONAL RAOUL WALLENBERG FOUNDATION. **“The Good Pope” His extraordinary feats “The Good Pope” His extraordinary feats,** [s.l.]: The International Raoul Wallenberg Foundation, The International Angelo Roncalli Committee Foundation & Casa Argentina en Israel Tierra Santa, 2009.

JAVADIKOUCHAKSARAEI, M.; BUSTAMI, M. R.; FAROUK, A. F. A.; RAMAZANIANDARZI, A. A. Reinterpreting the Israeli-Palestinian Conflict: a constructivism theory of understanding a cross-ethnic phenomena. *Asian Social Science*, v. 11, n. 16, p. 107-113, 14 jun. 2015. Canadian Center of Science and Education. <http://dx.doi.org/10.5539/ass.v11n16p107>.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **Vaticano e o Sionismo**. 2024. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/vatican>

JOÃO PAULO I. **Discurso do Papa João Paulo I Ao Corpo Diplomático Acreditado junto A Santa Sé**. A Santa Sé, 1978. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf\\_jp-i\\_spe\\_31081978\\_diplomatic-corps.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf_jp-i_spe_31081978_diplomatic-corps.html)

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo I Às Missões Especiais Presentes No Início do seu Pontificado**. A Santa Sé, 1978. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf\\_jp-i\\_spe\\_04091978\\_special-missions.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf_jp-i_spe_04091978_special-missions.html)

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Redemptionis Anno***. A Santa Sé, 1984. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20041984\\_redemptionis-anno.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_20041984_redemptionis-anno.html)

\_\_\_\_\_. **Carta de sua Santidade João Paulo II Para *George Bush***. A Santa Sé, 1991. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/letters/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19911029\\_madrid-bush.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19911029_madrid-bush.html)

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Ao Corpo Diplomático Acreditado Junto A Santa Sé**. A Santa Sé, 1983. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830115\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/january/documents/hf_jp-ii_spe_19830115_corpo-diplomatico.html)

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Ao Corpo Diplomático Acreditado Junto A Santa Sé**. A Santa Sé, 1984. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1984/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19840114\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1984/january/documents/hf_jp-ii_spe_19840114_corpo-diplomatico.html)

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Às Delegações de Outras Igrejas Cristãs**. A Santa Sé, 1978. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781022\\_cristiani-non-cattolici.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781022_cristiani-non-cattolici.html)

\_\_\_\_\_. **Mensagem do Papa João Paulo II À II Sessão Especial Das Nações Unidas Para o Desarmamento**. A Santa Sé, 1982. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont\\_messages/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19820607\\_disarmo-onu.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1982/documents/hf_jp-ii_mes_19820607_disarmo-onu.html)

\_\_\_\_\_. **Mensagem do Papa João Paulo II a Todos os Libaneses**. A Santa Sé, 1984. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont\\_messages/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19840501\\_cittadini-libanesi.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1984/documents/hf_jp-ii_mes_19840501_cittadini-libanesi.html)

\_\_\_\_\_. **Mensagem de sua Santidade João Paulo II Para a Celebração do XVI Dia Mundial Da Paz**. A Santa Sé, 1982. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19821208\\_xvi-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19821208_xvi-world-day-for-peace.html)

\_\_\_\_\_. **Discurso do papa João Paulo II ao Corpo Diplomático Acreditado Junto a Santa Sé.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781020\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781020_corpo-diplomatico.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Chefes de Estados e Membros das Missões Extraordinárias.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781023\\_missioni-straord.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781023_missioni-straord.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II À Pontifícia Comissão *Justitia et Pax*.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781111\\_iustitia-et-pax.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781111_iustitia-et-pax.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Membros do Conselho de Administração da Fundação *Pro Oriente*.** A Santa Sé, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790329\\_fond-pro-orient.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf_jp-ii_spe_19790329_fond-pro-orient.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Representantes das Organizações Mundiais Judaicas.** A Santa Sé, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790312\\_org-ebraiche.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/march/documents/hf_jp-ii_spe_19790312_org-ebraiche.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II Aos Secretariados Para os Não-Cristãos.** A Santa Sé, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/april/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790427\\_segret-non-cristiani.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/april/documents/hf_jp-ii_spe_19790427_segret-non-cristiani.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Santo Padre Durante O Encontro Sobre O Futuro dos Cristãos na Terra Santa.** A Santa Sé, 2001. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20011213\\_holy-land.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/december/documents/hf_jp-ii_spe_20011213_holy-land.html)> Acesso em: 20 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Radiomensagem *Urbi et Orbi* do Papa João Paulo II.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781017\\_primo-radiomessaggio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html)>

\_\_\_\_\_. **Mensagem do Santo Padre Aos Bispos da Terra Santa.** A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/oct-dec/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20001108\\_michel-sabbah.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/oct-dec/documents/hf_jp-ii_spe_20001108_michel-sabbah.html)>

\_\_\_\_\_. **Mensagem do Papa João Paulo II ao secretário-geral das Nações Unidas por ocasião do 30º Aniversário da Declaração dos Direitos Humanos.** A Santa Sé, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont\\_messages/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19781202\\_segretario-onu.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1978/documents/hf_jp-ii_mes_19781202_segretario-onu.html)>

\_\_\_\_\_. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II Para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz.** A Santa Sé, 2002. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20011211\\_xxxv-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20011211_xxxv-world-day-for-peace.html)> Acesso em: 20 de junho de 2024

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Memoraria *Yad Vashem***. A Santa Sé, 2000. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000323\\_yad-vashem-mausoleum.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000323_yad-vashem-mausoleum.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Cerimônia de Boas-vindas Em Belém**. A Santa Sé, 2000. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000322\\_bethlehem-arrival.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000322_bethlehem-arrival.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Cerimônia de Boas-vindas em Israel**. A Santa Sé, 2000. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000321\\_israel-arrival.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000321_israel-arrival.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Campo de Refugiados de Deheisheh**. A Santa Sé, 2000. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000322\\_deheisheh-refugees.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000322_deheisheh-refugees.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Encontro Inter-religioso no Pontifício no Instituto Notre-Dame**. A Santa Sé, 2000. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000323\\_jerusalem-notre-dame.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000323_jerusalem-notre-dame.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Encontro Com os Cônsules-gerais Presentes em Jerusalém**. A Santa Sé, 2000. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000325\\_general-consuls.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000325_general-consuls.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Presidente da Autoridade Palestina Senhor *Yasser Arafat***. A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000322\\_arafat.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000322_arafat.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação Jubilar do Papa João Paulo II À Terra Santa Visita Ao Presidente do Estado de Israel Ezer Weizman no Palácio Presidencial**. A Santa Sé, 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000323\\_presidente-israele.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000323_presidente-israele.html)>

JOÃO XXIII. **Address of His Holiness Pope John XXIII Extraordinary Diplomatic Missions**. A Santa Sé, 1962. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621012\\_missioni-straordinarie.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621012_missioni-straordinarie.html). Acesso em: 10 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Ad Petri Cathedram***. A Santa Sé, 1959. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_29061959\\_ad-petri.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html)>. Acesso em: 9 jun. 2024.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Grata Recordatio***. A Santa Sé, 1959. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_26091959\\_grata-recordatio.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_26091959_grata-recordatio.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Manter et Magistra***. A Santa Sé, 1961. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Pacem in Terris***. A Santa Sé, 1963. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html)>

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclicas *Princeps Pastorum***. A Santa Sé, 1959. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_28111959\\_princeps.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_28111959_princeps.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João XXIII Missões Diplomáticas Extraordinárias**. A Santa Sé, 1962. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621012\\_missioni-straordinarie.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621012_missioni-straordinarie.html)> Acesso em: 10 de março de 2023

\_\_\_\_\_. **Humanae Salutis**. A Santa Sé, 1961. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html)>

LEWY, Mordechai. From Denial to Acceptance: Holy See – Israel Relations. **Studies in Christian-Jewish Relations**. Center for Christian-Jewish Learning. Vol. 4, Boston. 2009.

LI, Zhi; GE, Yuemeng. Contemporary Vatican International Identity's influence of construction and communication. **Advances In Social Science, Education And Humanities Research**, Zhuhai, v. 61, p. 335-338, 2017.

MARTINS, A. C. R. **No Cadinho da Reconciliação**. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, O Diálogo Cristão-Judaico, do Parlamento Mundial das Religiões Ao Vaticano II, 2016.

MATLARY, J. H. The Just Peace: the public and classical diplomacy of the Holy See. **Cambridge Review of International Affairs**, Cambridge, 2001.

NAÇÕES UNIDAS. **PALESTINE PLAN OF PARTITION WITH ECONOMIC UNION – GENERAL ASSEMBLY RESOLUTION 181**. Nações Unidas, 1947. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185393/>> Acesso em: 14 de abril de 2023

O'MAHONY, Anthony. **The Vatican, Palestinian Christians, Israel and Jerusalem: Religion, Politics, Diplomacy and Holy Places, 1945-1950**. Heythrop College – University of London.

O'NEILL, J. C. Pope Paul VI Escalates Program For Peace in Vietnam. **The Catholic Commentator**. p. 1-9. 7 jan. 1966. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/d920a060-2ad7-3b99-9a29-33857dc789b4?seq=7>. Acesso em: 15 ago. 2023.

**PALESTINE – PROGRESS REPORT OF THE UNITED NATION MEDIATOR – GENERAL ASSEMBLY RESOLUTION 194 (III).** 11 de dezembro de 1948. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/wp-content/uploads/2016/06/ARES194III.pdf>>

**PAROLIN, Pietro. Intervenção do Secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolin, durante o Consistório Dedicado ao Médio Oriente.** A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/parolin/2014/documents/rc\\_seg-st\\_20141020\\_parolin-concistoro-medio-oriente\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/parolin/2014/documents/rc_seg-st_20141020_parolin-concistoro-medio-oriente_po.html)> Acesso em 23 de junho de 2024

**PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio*.** A Santa Sé, 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)>

\_\_\_\_\_. **Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)> Acesso em: 10 de maio de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso de Paulo VI Ao Corpo Diplomático Credenciado Junto A Santa Sé.** A Santa Sé, 1969. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1969/january/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19690111\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1969/january/documents/hf_p-vi_spe_19690111_corpo-diplomatico.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso de Paulo VI ao Sagrado Colégio.** A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640106\\_sacro-collegio.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640106_sacro-collegio.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso de Paulo VI ao Sagrado Colégio e à Prelatura Romana.** A Santa Sé, 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1967/december/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19671222\\_sacro-collegio.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1967/december/documents/hf_p-vi_spe_19671222_sacro-collegio.html)>

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa Paulo VI na Sede da O.N.U.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html)> Acesso em: 10 de março de 2023

\_\_\_\_\_. **Lamentos históricos pela paz no Vietnã.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651231\\_appelli-storici.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651231_appelli-storici.html)> Acesso em: 10 de março de 2023

\_\_\_\_\_. **Motu proprio *Apostólica Sollicitudo*.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19650915\\_apostolica-sollicitudo.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação do Papa Paulo VI à Terra Santa.** A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640104\\_benediktos.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640104_benediktos.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação de Paulo VI à Terra Santa.** A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640105\\_commiato.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_commiato.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação à Terra Santa.** A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640104\\_derderian.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640104_derderian.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação do Papa Paulo VI à Terra Santa.** A Santa Sé, 1964. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640106\\_epiphanie.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640106_epiphanie.html)>

\_\_\_\_\_. **Peregrinação do Papa Paulo VI à Terra Santa.** A Santa Sé, 1964. Disponível em; <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640106\\_commiato-hussein.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640106_commiato-hussein.html)>

\_\_\_\_\_. **Visita do Supremo Pontífice Paulo VI Às Nações Unidas Saudação na Partida da Cidade.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_partenza-urbe.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_partenza-urbe.html)>

\_\_\_\_\_. **Visita da sua Santidade Papa Paulo VI Às Nações Unidas.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_sacra-famiglia-new-york.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_sacra-famiglia-new-york.html)>

\_\_\_\_\_. **Visita de sua Santidade Papa Paulo VI Às Nações Unidas Cerimônia de Bem-vindo.** A Santa Sé, 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_arrival-new-york.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_arrival-new-york.html)>

PIO XI. **Encíclica papal *Mit Brennender Sorge*.** A Santa Sé, 1937. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_14031937\\_mit-brennender-sorge.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge.html)> Acesso em: 22 de março de 2023

\_\_\_\_\_. **Carta encíclica *Divinis Redemptoris*.** A Santa Sé, 1937. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html)> Acesso em: 22 de março de 2023

PEEL, W. (et al.) *Report of the Palestine Royal Commission.* Julho de 1937. Disponível em: <[https://ecf.org.il/media\\_items/290](https://ecf.org.il/media_items/290)>

PIO XII. **Aos Cardeais, aos Bispos e aos Arcebispos da Espanha em mérito à reorganização das Universidades Eclesiásticas e dos Seminários.** A Santa Sé, 1941. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/letters/documents/hf\\_p-xii\\_lett\\_19410629\\_card-vescovi-spagna.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/letters/documents/hf_p-xii_lett_19410629_card-vescovi-spagna.html)> Acesso em: 4 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Anni Sacri*.** A Santa Sé, 1950. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12031950\\_anni-sacri.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12031950_anni-sacri.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Auspicia Quaedam*.** A Santa Sé, 1948. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_01051948\\_auspicia-quaedam.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01051948_auspicia-quaedam.html)



PIO XII. **Carta Encíclica *Mirabile Illud***. A Santa Sé, 1950. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_06121950\\_mirabile-illud.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_06121950_mirabile-illud.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *In Multiplicibus Curis***. A Santa Sé, 1948. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_24101948\\_in-multiplicibus-curis.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_24101948_in-multiplicibus-curis.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Orientalis Ecclesiae***. A Santa Sé, 1944. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_09041944\\_orientalis-ecclesiae.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_09041944_orientalis-ecclesiae.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Orientales Omnes Ecclesia***. A Santa Sé, 1945. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/en/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_23121945\\_orientales-omnes-ecclesias.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/en/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_23121945_orientales-omnes-ecclesias.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Redemptoris Nostri Cruciatu***. A Santa Sé, 1949. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_19490415\\_redemptoris-nostri-cruciatu.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_19490415_redemptoris-nostri-cruciatu.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Summi Maeroris***. A Santa Sé, 1950. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_19071950\\_summi-maeroris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_19071950_summi-maeroris.html)

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Summi Pontificatus***. A Santa Sé, 1939. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20101939\\_summi-pontificatus.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html) Acesso em: 30 de março de 2023

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Quemadmodum***. A Santa Sé, 1946. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_06011946\\_quemadmodum.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_06011946_quemadmodum.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Credenciais do novo Embaixador da França junto à Santa Sé**. A Santa Sé, 1940. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19401209\\_ambasciatore-francia.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19401209_ambasciatore-francia.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Credenciais do novo Embaixador de Portugal junto à Santa Sé**. A Santa Sé, 1940. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19401020\\_ambasciatore-portogallo.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19401020_ambasciatore-portogallo.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Credenciais do novo Ministro Plenipotenciário da Romênia junto à Santa Sé**. A Santa Sé, 1940. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19401115\\_ambasciatore-romania.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19401115_ambasciatore-romania.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Discorso di sua Santità Pio XII alle Popolazioni Cadute Sotto L'Occupazione Straniera**. A Santa Sé, 1940. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19400602\\_sempre-dolce.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1940/documents/hf_p-xii_spe_19400602_sempre-dolce.html) Acesso em: 5 de abril de 2023

PIO XII. *Discorso di Sua Santità Pio XII “Negli Ultimi Sei Anni”*. A Santa Sé, 1945. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1945/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19451224\\_negli-ultimi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1945/documents/hf_p-xii_spe_19451224_negli-ultimi.html)> Acesso em: 14 de abril de 2024

\_\_\_\_\_. **Discurso de Sua Santidade Pio XII aos Delegados do Supremo Comitê Árabe da Palestina**. A Santa Sé, 1946. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1946/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19460803\\_comitato-arabo-palestina.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1946/documents/hf_p-xii_spe_19460803_comitato-arabo-palestina.html)> Acesso em: 10 de abril de 2023

\_\_\_\_\_. **Radiomensagem “Un’ora Grave” do Papa Pio XII aos Governantes e aos Povos no Iminente Perigo de Guerra**. A Santa Sé, 1939. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19390824\\_ora-grave.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html)> Acesso em: 30 de março de 2023

RADAY, Frances. The Impact of the Intifada on Human Rights in Israel. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r36239.pdf>

RAPISARDA, Dom Alfio. Histórico do Acordo entre a Santa Sé e o Estado de Israel. Bloco I – Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico. **Revista de Cultura Teológica**.

ROZARIO, Marianne. The Emergence and Cascading of Pope Francis' Norm of Social Justice. **E-International Relations**, St. Andrews, p. 1-24, 18 dez. 2014.

RUTISHAUSER, C. The 1947 Seelisburg Conference: The Foundation of the Jewish-Christian Dialogue. **Studies in Christian-Jewish Relations**, Boston, vol. 2, 34-53, 2007

SALGADO NETO, L. A Luta Antissionista e o Mandato da Palestina: o Movimento Político Árabe Palestino sob Controle Britânico (1917 – 1937). **Malala**, São Paulo, v. 5, n. 7, abr. 2017

SANDAL, Nukhet A.; FOX, Jonathan. **Religion in International Relations Theory: interactions and possibilities**. Nova Iorque: Routledge, 2013. (Routledge Studies in Religion and Politics).

SANTA SÉ. **Decreto do Santo Ofício sobre a excomunhão dos comunistas**. Pio XII, 1 jul. 1949. Disponível em: <<https://www.geocities.ws/caleb1x/documents/communism.html>>

SCHWARTS, A.; WILF, E. **A Guerra do Retorno: como resolver o problema dos refugiados e estabelecer a paz entre palestinos e israelenses**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

SECLER, B. Twenty years of diplomatic relations between Vatican City state and Israel. **Review of Nationalities**. Jun. 2006.

SHINDLER, Colin. **A History of Modern Israel**. New York: Cambridge University Press, 2008.

STAKE, Ronald Patrick. **The Holy See and the Middle East: the public diplomacy of Pope John Paul II**. Calhoun. California, 2006.

TOMASI, SILVANO M. **Discurso do Arcebispo Silvano M. Tomasi**. A Santa Sé, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/2014/documents/rc-seg-st-20140723\\_tomasi-situazione-gaza\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2014/documents/rc-seg-st-20140723_tomasi-situazione-gaza_po.html)> Acesso em: 23 de junho de 2024

TROY, J. ‘The Pope’s own hand outstretched’: Holy See diplomacy as a hybrid mode of diplomatic agency. **The British Journal of Politics and International Relations**. Londres, vol. 20, p. 521-539, 2018.

VATICANO. **A Cúria Romana**. A Santa Sé, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/romancuria/pt.html>. Acesso em: 10 ago. 2023.

VATICANO. **A Justiça no Mundo**. Sínodo dos Bispos, 1971. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_19711130\\_giustizia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_giustizia_po.html)

VATICANO. **A Santa Sé**. A Santa Sé, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>> Acesso em: março de 2023

VATICANO. **Biografia di Sua Santità Pio XII**. A Santa Sé, 2024. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf\\_p-xii\\_bio\\_20070302\\_biography.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf_p-xii_bio_20070302_biography.html)> Acesso em: 20 de agosto de 2023

VATICANO. **CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et spes***. 07 de dezembro de 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>

VATICANO. **DECLARAÇÃO de *Dignitatis Humane***. 07 do 12 de 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html)>

VATICANO. **INTER SANCTAM SEDEM ATQUE CONSILIUM PRO LIBERATIONE PALAESTINAE**. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/2000/documents/rc\\_seg-st\\_20000215\\_santa-sede-olp\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2000/documents/rc_seg-st_20000215_santa-sede-olp_en.html)

VATICANO. **INTER APOSTOLICAM SEDEM ATQUE ISRAELIS STATUM**. Fundamental Agreement Between the Holy See and the State of Israel. Cidade do Vaticano: Cúria Romana, 1993. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/archivio/documents/rc\\_seg-st\\_19931230\\_santa-sede-israele\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19931230_santa-sede-israele_en.html)> Acesso em: 20 de agosto de 2023

VATICANO. **INTER SANCTAM SEDEM ET GERMANICAM REMPUBLICAM**. Concordato fra la Santa Sede ed il Reich Germanico. Cidade do Vaticano: Cúria Romana. A Santa Sé, 1933. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/archivio/documents/rc\\_seg-st\\_19330720\\_santa-sede-germania\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19330720_santa-sede-germania_it.html)>

VATICANO. **Sínodo dos Bispos – Assembleia Especial para o Médio Oriente**. Cidade do Vaticano: 2009.

VATICANO. **“Paterni messaggi di S. S. Pio XII al Re del Belgio, alla Regina d’Olanda e alla Granduchessa del Lussemburgo”**. *L’Osservatore Romano della Domenica*. A Santa Sé, 1940. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/it/osservatore-della->

domenica/pdfreader.html/odd/pdf/OsservatoreDellaDomenica\_19400519\_20.pdf.html>  
Acesso em: 4 de abril de 2023

VATICANO. **Perfil Biográfico de João Paulo II (1920-2005)**. A Santa Sé, 2019. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)>

ZUCCOTTI, S. L'Osservatore-Romano and the Holocaust, 1939-1945. **Holocaust and Genocide Studies**. Vol. 12, n. 2, p. 249-277, set. 2003.

WENDT, Alexander (1992). Anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de poder. *Monções*, vol. 2, nº 3, pp. 420-473.

## APÊNDICE A – CRONOLOGIA SOBRE OS EVENTOS NA REGIÃO DAS TERRAS SANTAS

- 1917 – Declaração de Balfour, que permite a construção de um Estado judeu na Palestina
- 1922 – Eleição de Pio XI
- 1929 – Cessão do território do Estado da Cidade do Vaticano por meio do Tratado de Latrão
- 1933 – Concordata entre Santa Sé e o Terceiro Reich
- 1933 – Acordos de Haavara que facilitaria a imigração de judeus para a Palestina
- 1937 – Comissão Peel e o início da *Two-State Solution*
- 1939 – Falecimento de Pio XI e ascensão de Pio XII
- 1945 – Fim da Segunda Guerra Mundial e terminação dos campos de concentração após o extermínio de, aproximadamente, seis milhões de judeus; início da Guerra Fria
- 1947 – Resolução 181 das Nações Unidas que prevê a criação de dois Estados e fim do mandato britânico na Palestina
- 1947 – Conferência de Seelisburg como forma de alavancar o diálogo entre judeus e cristãos
- 1948 – Independência de Israel e início da guerra árabe-israelense
- 1948 – Resolução 194 da ONU para arrefecimento do conflito
- 1958 – Falecimento de Pio XII e eleição de João XXIII
- 1962 – Concílio Vaticano II foi estabelecido
- 1963 – Falecimento de João XXIII e eleição de Paulo VI
- 1964 – Paulo VI visita as Terras Santas
- 1965 – Publicação da Declaração *Nostra Aetate*
- 1967 – Guerra dos Seis Dias e ocupação plena do território por Israel
- 1973 – Guerra do Oriente Médio ou Guerra de Yom Kippur
- 1973 – Golda Meir visita o Vaticano pela primeira vez
- 1978 – Assinatura dos Acordos de Camp David que estabeleceu um armistício entre Egito e Israel

1978 – Falecimento de Paulo VI e eleição de João Paulo I; falecimento de João Paulo I e eleição de João Paulo II

1982 – Início da primeira Guerra no Líbano como forma das forças israelenses neutralizarem a OLP

1991 – Fim da Guerra Fria

1991 – Conferência de Madrid como forma de pacificar a região

1993 – Assinatura dos Acordos de Oslo também como esforço para pacificação

1993 – João Paulo II estabelece relações bilaterais com o Estado de Israel

2000 – Peregrinação de João Paulo II pelas Terras Santas

2000 – Acordo estabelecido entre a Santa Sé e a Organização pela Libertação da Palestina, reconhecendo-a como autoridade legítima do povo palestino

2005 – Falecimento de João Paulo II e eleição de Bento XVI

2007 – Tensões entre Israel e Hamas

2008 – Operação Chumbo Fundido pelas forças israelenses em Gaza

2009 – Peregrinação de Bento XVI pelas Terras Santas

2013 – Renúncia de Bento XVI e ascensão de Francisco

2014 – Peregrinação de Francisco pelas Terras Santas

2015 – Acordo oficializando relações bilaterais entre Vaticano e a Autoridade Palestina

2023 – Tensões entre Israel e Hamas tomam proporções alarmantes na faixa de Gaza